


Possessão:

Espíritos possuindo
fisicamente os encarnados



Paulo Neto

Possessão:

Espíritos possuindo fisicamente os encarnados

(Versão 33)

“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. [...]” (FREDERIC MYERS)

Paulo Neto

Copyright 2014 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/77ccf17551591.562b8fccc684e.jpg

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
João Frazão de Medeiros Lima

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, Agosto/2014.

Índice

Prefácio.....	4
Considerações iniciais.....	7
Alguns estudiosos opositores à ideia.....	10
Um Espírito poderia possuir e agir com o corpo físico de um encarnado?.....	19
No processo mediúnico ocorreria tão somente a ligação “mente a mente”?.....	27
Nas obras fundamentais da Codificação.....	45
Alguns casos bem intrigantes de obsessão/possessão.....	150
Haveria lembrança dos fatos ocorridos durante o período da possessão?.....	168
Opiniões favoráveis à posse física.....	180
Conclusão.....	219
Referências Bibliográficas.....	232
Dados biográficos do autor.....	238

Prefácio

Foi com satisfação e honra que recebi o convite para prefaciar este estudo, neste livro. Uma obra de tamanho valor do querido e inestimável amigo Paulo da Silva Neto Sobrinho, intitulada ***Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados***. Tenho observado diversas obras Espíritas circulando em nosso meio, que merecem respeito e admiração, pois contribuem para a evolução espiritual de todos que buscam aperfeiçoamento na doutrina.

A maioria nos trazem assuntos oportunos e interessantes, sendo que algumas apresentam conteúdos em que temos que aprofundar em outras obras, para buscarmos estudos mais completos que nos esclarece e ensina o Espiritismo como ele é, assim aumentando conhecimentos de assuntos relevantes para o meio Espírita e para a caminhada evolutiva de todos.

A obra ***Possessão: Espíritos possuindo***

fisicamente os encarnados é uma contribuição para o meio Espírita, com exposição de exemplos e provas irrefutáveis. Foi de fato com muita felicidade que iniciei a leitura e análise com muito carinho passando a amar este valioso trabalho. Logo nas páginas iniciais observa-se que essa admirável obra não é apenas para desfrutar da leitura, mais sim para estudo com atenção e profundidade.

Traz conhecimentos que nos esclarece sobre o tema proposto, buscando fontes fidedignas, levantam-se dados, anotações, provando mais uma vez que possessão é uma verdade assim como também a Incorporação. Passa despercebido na falta de leitura por todos nós assuntos óbvios que só com raciocínio lógico pode-se assimilar.

Durante séculos a falta de esclarecimento causou grande prejuízo na marcha do progresso, com danos à humanidade ao longo da história. O confrade Paulo Neto em suas pesquisas, busca esclarecer principalmente ao meio Espírita, dúvidas que já persistem há um século e meio.

Penso que uma obra como essa nos leva a aperfeiçoar ao Estudo minucioso das obras básicas,

sem esquecer que não há Espiritismo sem Allan Kardec e, conseqüentemente, sem *Revista Espírita*, pois são nelas que ele nos elucida sobre o assunto em questão.

Analisando, estudando as obras do Codificador, percebemos que cada palavra, cada frase, estão sempre em concordância com o Evangelho do Cristo. Assim também procede Paulo Neto em suas análises e explicações, sempre em concordância com as obras básicas de Allan Kardec.

Parabéns ao sr. Paulo Neto pela inspiração e trabalho, que, com certeza, trará bons frutos a todos Espíritas e não Espíritas, contribuindo assim para que o mundo fique cada dia mais enriquecido de conhecimentos, gerando satisfação a todos.

A medida que o ser humano vai se libertando das amarras, enganos, equívocos e conhecendo a verdade construirá um mundo melhor: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Ari Campos Vilela

Stº Antônio do Amparo, 22 de agosto de 2014.

Considerações iniciais

“O homem propende muitas vezes a julgar os fatos segundo o horizonte acanhado de seus preconceitos e conhecimentos.” (LÉON DENIS)

Vamos tratar de um assunto ainda polêmico no meio espírita que é a possessão física. Em razão de estar intimamente ligado ao termo incorporação, resolvemos juntá-los num mesmo estudo.

É preciso trazer o nosso entendimento desses dois termos:

POSSESSÃO. A ação de um Espírito sobre um encarnado que resulta na posse física do corpo, literalmente. O desencarnado ao “entrar” do corpo físico do encarnado assume o comando desse.

INCORPORAÇÃO. É um termo mais popular pelo qual acredita-se que o Espírito manifestante incorpora no corpo do médium, ou seja, “entra” nela para agir durante a sua manifestação.

A título de curiosidade trazemos a definição do vocábulo incorporação dada pelo *Aurélio*: *“Tomada do corpo do médium por um guia ou espírito; descida, transe mediúnico.”*

No fundo são utilizados para designar a mesma particularidade mediúnica: um Espírito assumindo temporariamente o corpo físico do médium. Quanto ao último, por puro preconceito, seu emprego é evitado no meio espírita por ser utilizado entre os umbandistas.

É bom lembrar que, algum tempo atrás, que não conseguimos precisar, no movimento espírita se utilizava do termo “incorporação” para designar o fenômeno da psicofonia, não será nesta acepção o que trataremos aqui, mas no sentido bem literal.

Muita dúvida, é certo, ainda suscita esse tema. Mesmo sem que tenhamos feito um levantamento quantitativo, é bem provável que a esmagadora maioria dos estudiosos do Espiritismo – já ouvimos inclusive isso de vários deles – não aceita tal possibilidade, especialmente quando se leva em conta o que consta em ***O Livro dos Espíritos***, onde,

como veremos na questão 473, se diz: “O Espírito não entra num corpo como tu entras numa casa. [...] Um Espírito não se pode substituir àquele que está encarnado, [...].” (1)

Esperamos que os nossos leitores possam se dar conta dessa realidade, porquanto é algo bem claro nas obras espíritas que utilizaremos como base que sustentará os nossos argumentos.

Como já fomos questionados por pessoas que, visivelmente, não se deram ao trabalho de ler o que apresentamos como elenco de provas, encarecidamente, nós pedimos aos que não comungam com essa ideia, que se deem uma oportunidade de ler tudo quanto estaremos aqui colocando.

Caso ainda, persistam em seus argumentos, não iremos nos aborrecer com isso, pois é dado a cada um o direito inalienável de pensar como melhor lhe aprouver.

Informamos que nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.

Alguns estudiosos opositores à ideia

Vejam os o que normalmente se pensa no meio espírita sobre o assunto, transcrevendo do site

Portal do Espírito:

Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores), onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo. Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de exorcismo. ⁽²⁾

Traremos a essa nossa pesquisa quatro outras

opiniões – de um Espírito, de um médium e de dois estudiosos –, por vemos nelas uma possibilidade bem grande de influenciar alguns confrades a se manterem firmes na crença de que não há posse física.

A primeira delas a encontramos na obra **Desafios da Mediunidade**, na psicografia de José Raul Teixeira, da qual transcrevemos a resposta do autor espiritual, **Espírito Camilo**, à pergunta “É correto falar-se em ‘incorporação’?”:

Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa “penetrar” o corpo de um médium**, como se poderia admitir num passado não muito distante. [...].⁽³⁾

A segunda opinião é a do médium **Divaldo Pereira Franco**, que se encontra registrada em uma entrevista ao **Programa Transição - Mediunidade**, onde ele, discorrendo sobre o tema, se refere ao célebre filme *Ghost: do outro lado da vida*, uma produção da *Paramount Pictures*.



Essa imagem se refere ao exato momento em que o Espírito Orlando (Augie Blunt) (4), literalmente, entra no corpo da médium Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg) (5), sobre esse fenômeno explica Divaldo Franco:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações **tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira.** Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral, como normalmente é denominado, ao acoplar-se ao corpo astral do

médium ou perispírito, palavra cunhada por Allan Kardec, transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral, a sede da consciência e a sede da superconsciência, transmite com naturalidade as informações. **Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. Dando a impressão que o espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim.** ⁽⁶⁾

A terceira será a do estudioso **José Herculano Pires** (1914-1979). Da obra **Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos / J. Herculano Pires**, tomaremos esta resposta do jornalista a um de seus ouvintes do programa *No Limiar do Amanhã*, pela Rádio Mulher, de São Paulo:

No caso de obsessão do médium, professor, ele pode ser levado a possessão?

A palavra possessão era empregada principalmente Idade Média. **O espiritismo não aceita essa expressão, por não ocorrer propriamente uma possessão. O espiritismo considera existe a obsessão, em que o espírito permanece sempre ao lado do médium, atormentando-o com ideias ou com influências negativas.** [...] envolvendo o espírito, o médium suscita nele certas ideias que

ele aceita. Como aceita essas ideias, os dois se conjugam e trabalham juntos. [...] a obsessão tem dois graus além daquilo que chamamos obsessão simples. Um desses graus, imediato, **é o grau que leva não à possessão como o senhor está dizendo, mas à subjugação.** O médium subjugado por um espírito é afetado por um processo de envolvimento mais profundo, cai no estado que na Idade Média se chamava de possessão.

Portanto, de acordo com o espiritismo não há possessão. O indivíduo não é possuído por um espírito estranho porque esse espírito não pode penetrar em seu corpo, como se costumava dizer naquele tempo. O espírito apenas consegue dominar mais poderosamente os pensamentos e a vontade do médium.

Consegue subjugá-lo mentalmente, através de ordens mentais que o espírito dirige e que a pessoa vai aceitando. Se não cuidar de sua obsessão, se não rejeitar as ideias que lhe são dadas pelo obsessor, se não conseguir se livrar disso, todo médium em estado de obsessão cai na fascinação. Cai primeiro na subjugação e depois na fascinação. [...]. (7)

E, finalmente, na quarta e última opinião teremos o estudioso **Hermínio Corrêa de Miranda** (1920-2013), que, no livro ***Diversidade de Carismas - Teoria e Prática Mediúnica*** (1991), no

cap. I - Mediunidade, tópico “Incorporação?”, explica:

A ligação do espírito manifestante com o médium se dá por uma espécie de *acoplamento* dos respectivos perispíritos na faixa da aura, onde em parte, se interpenetram. **Daí a impropriedade do termo incorporação. O espírito desencarnado não entra, com o seu perispírito, no corpo médium após desalojar o deste. Não é preciso isso e nem possível.** Kardec, adverte que o manifestante não se substitui ao espírito do médium. O que ocorre, portanto, é a ligação entre ambos pelas terminais do perispírito de cada um, como o *plug* de eletricidade se liga numa tomada. É pelo acoplamento que o médium cede espaço para que o manifestante tenha acesso aos seus comandos mentais (cerebrais) e, dessa forma, possa movimentar-lhe os instrumentos necessários à fala, ao gesto, à expressão de suas emoções e ideias. ⁽⁸⁾ (itálico do original)

Faremos uma ressalta quanto a Hermínio de Miranda, pois, em outras oportunidades que fala do tema, nos pareceu que ele aceitava a possessão. ⁽⁹⁾

Mencionando essas opiniões de estudiosos, visamos evidenciar que a falta de se realizar uma pesquisa mais aprofundada é o motivo que leva

alguns confrades a não aceitarem a possessão, porquanto se baseiam em falas de Allan Kardec (1804-1869), que são anteriores à sua mudança de concepção sobre o tema, como ficará bem claro em nossos argumentos.

Por outro lado, ao trazer essas quatro opiniões, queremos demonstrar que não devemos aceitar cegamente o que dizem os Espíritos, os médiuns ou os estudiosos espíritas, porquanto, falam do que conhecem sem estar, necessariamente, corretos, já que todos nós somos falíveis.

Agora recente, mais precisamente em 25/11/2023, um dia após fazermos uma palestra pública numa tradicional instituição espírita de Belo Horizonte (MG), na qual mencionamos a possessão, tivemos o seguinte retorno da coordenação:

“Já tivemos este embate antes: nossa casa entende que na possessão NÃO há ocupação do corpo físico do obsediado pelo espírito obsessor. Portanto esta colocação, apesar de estar na gênese, vai contra obras subsidiárias que descortinam o processo fluídico do fenômeno.

O próprio Kardec em OBRAS PÓSTUMAS, diz que muitos princípios deveriam no futuro ter

desdobramentos.

Então, pedimos a gentileza de abster-se em posições que contrariem a base doutrinária do grupo.”

Hum! Pensamos boquiabertos. Como as pessoas podem emitir opiniões sem terem um profundo conhecimento do assunto? Mais conscientes ficamos da necessidade dessa nossa presente pesquisa, onde ficará claro a posição doutrinária em relação ao tema.

Ademais, é óbvio para qualquer um que se a possessão consta de *A Gênese*, ela está lá justamente porque se tornou ponto doutrinário, porquanto Allan Kardec, após observar os fatos, nela regista a nova posição.

“Ir contra obras doutrinárias” é o máximo em desconhecimento do Espiritismo, uma vez que o Codificador jamais se colocou dessa forma. Entre várias fontes podemos citar o artigo “Constituição Transitória do Espiritismo”, publicado na **Revista Espírita 1868**, mês de dezembro, do qual ressaltamos este trecho:

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; **para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação.** Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ⁽¹⁰⁾

O “se for demonstrado estar em erro” é uma referência direta à Ciência ou a alguma revelação que tenha passado pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos, mas isso não é exatamente o mesmo que apenas constar em “obras subsidiárias”. Aliás, expressão muito vaga, pois cada um somente listará as obras que for do seu interesse. Ademais, quem teria o poder de definir uma obra como tal?

E, se nos permite a coordenação, nós lhe pediremos que estude mais e bem profundamente para não ficar falando impropriedades.

Um Espírito poderia possuir e agir com o corpo físico de um encarnado?

Por várias vezes nos deparamos com essa dúvida, quando pessoas nos perguntavam se, em alguns casos de obsessão, poderia haver verdadeiramente uma posse física do encarnado, ou seja, se o Espírito obsessor “entraria” mesmo no corpo do obsidiado, passando a controlá-lo e também a agir através dele.

A opinião contrária de alguns renomados estudiosos do Espiritismo, como a de alguns médiuns, que a nosso sentir, não empreenderam uma pesquisa mais profunda nas obras da Codificação Espírita sobre o tema tem dificultado a percepção de que o Codificador mudara de opinião.

O resultado disso é que muitos confrades, que se comprazem em ficar na superfície do conhecimento espírita, confiam cegamente neles, e em razão disso aceitam como ponto definitivo tudo o que dizem, sem a mínima abertura para discussão.

A nossa própria experiência nos levou a crer que, em alguns casos, se tem mesmo a nítida impressão que sim, ou seja, que a posse física é possível. Mas é importante ressaltar que, de forma alguma, estamos generalizando para todos os casos de obsessão.

Vamos contar, agora, a ocorrência que nos fez rever a nossa posição anterior de que a posse física não ocorria em nenhuma hipótese.

No início do ano de 2005, época em que morávamos em um pequeno município do interior Vale do Rio Doce, região leste de Minas Gerais, fomos chamados a uma cidade próxima para ajudar uma jovem que havia sido hospitalizada por se comportar de maneira anormal. Parentes mais próximos presumiram que isso ocorria porque ela estava sob a influência de Espíritos; por isso, solicitaram o nosso auxílio.

Chegando à cidade, nos dirigimos ao Hospital onde estava internada e vimos que a possibilidade de ela estar mesmo sob influência espiritual era evidente, pois, além de falar com voz nitidamente

masculina, dizia coisas que, em seu estado normal, não lhe era habitual. Naquele momento, nos surpreendemos com dois homens fortes, cada um segurando um braço, para restringir os seus movimentos, uma vez que fazia de tudo para agredir a si mesma.

Pessoas presentes no quarto, nos deram notícias de que o pároco da cidade havia passado por lá, numa rápida visita. Ele, ao sair, disse que, quando ela ficasse boa, ele voltaria. Como se diz popularmente: aí, até nós!...

A equipe de médiuns, que nos acompanhava naquele atendimento fraterno, também teve mesma impressão quanto a se tratar de uma influência espiritual. Passamos, então, de forma mais reservada que nos foi possível, a estabelecer diálogo com os Espíritos que a atormentavam. E, após vários se apresentarem, conseguimos, finalmente, libertá-la daquelas influências, fato que a fez voltar a seu estado normal e sem ter a menor consciência do que ela “aprontou” no período.

Passados alguns dias, fomos, novamente,

chamados para ajudar essa jovem. Desta vez, estava em sua própria residência, com os mesmos sintomas, falando com voz que não era a sua, e tentando se agredir, ou seja, comportava-se exatamente como da primeira vez. Na oportunidade, conversamos também com vários Espíritos.

A situação estava difícil, pois, mal acabávamos de convencer um Espírito a se afastar da jovem, “entrava” outro. E, assim, ficamos nessa situação por mais de uma hora. Por fim, dada a nossa incapacidade de resolver a questão, recomendamos aos familiares que a levassem ao Hospital Espírita André Luiz, na capital mineira, para uma avaliação ou tratamento, se a situação assim o exigisse.

A equipe do Hospital Espírita André Luiz constatou que a jovem, realmente, estava sob forte influência espiritual, recomendando que seu nome fosse levado para a reunião específica de desobsessão e que, semanalmente, por um tempo longo, tomasse passe, além de ter receitado medicamentos para tranquilizar a paciente, de conformidade com os procedimentos médicos tradicionais para o caso.

Daí, sempre que possível, a família a levava ao Grupo Espírita que, nessa época, frequentávamos. Na hora do passe era um sufoco, pois a jovem mal fechava os olhos, e pronto: entrava em sintonia com os Espíritos que a perseguiam. Isso fez com que orientássemos aos assistas para que, no momento do passe, fizessem o possível para ela não se concentrar.

Entretanto, numa certa vez, após adentrar à câmara de passes, entrou em transe, numa nítida sintonia espiritual. Aliás, nunca vimos uma pessoa sintonizar-se tão facilmente quanto ela. Imediatamente, fomos chamados para ajudar.

Embora a situação fosse extremamente inadequada, de igual modo que nas anteriores, iniciamos o diálogo com o Espírito que a assediava e, com muito custo, conseguimos dele a promessa de que iria “sair” da jovem. Mal acabara de dizer “fui”, a jovem perdeu todo o controle do corpo, caindo ao chão, sem que pudéssemos fazer absolutamente nada para contê-la, dada a rapidez com que isso aconteceu.

Ajudado pelos companheiros, com relativa dificuldade, nós a colocamos sentada numa cadeira, tentando reanimá-la, o que ocorreu poucos minutos depois. Ao voltar a seu normal, vimos que ela não se lembrava de nada do que lhe ocorrera nesse período de tempo. Saiu naturalmente, como entrou, de forma que, quem a viu sair da câmara de passes, não percebeu o que havia lá ocorrido.

Foi a partir desse episódio que passamos a questionar o conceito de que todos os fenômenos mediúnicos têm como base única a tal de “mente a mente”; em outras palavras, tudo ocorre em nível de sintonia mental entre os envolvidos, sem qualquer tipo de ligação física.

Porém, o fato ocorrido nos induzia a acreditar que, realmente, havia uma posse física, o que, a nosso ver, justificaria a queda da jovem após a “saída” do Espírito, se assim podemos nos expressar, não conseguindo, o seu próprio Espírito assumir, a tempo, o controle do corpo, de modo a evitar a sua queda.

Essa questão foi amplamente debatida entre

os membros do Grupo e, na ocasião, chegou às nossas mãos um texto publicado no site *Portal do Espírito*, em que o articulista, cujo nome infelizmente nos foge à mente, defendia, ou melhor, demonstrava que Allan Kardec havia falado algo a respeito disso.

Em *História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle (1859-1930), cita o nome de três extraordinários médiuns que considerava como os precursores do Espiritismo: Emanuel Swedenborg (1688-1772), Edward Irving (1792-1834) e Andrew Jackson Davis (1826-1910).

Desses destacamos o clarividente sueco Swedenborg que descrevia algo relacionado ao nosso tema. Nós o encontramos na obra ***O Livro Vermelho***, de C. G. Jung (1875-1961), em que é mencionado do diário espiritual desse médium o seguinte:

16 Jan. 1748 – **Os espíritos, se assim o permitimos, podem possuir aqueles que com eles falam de forma tão total, que é como se eles estivessem inteiramente no mundo**; e, de fato, de um jeito tão manifesto, que podem comunicar suas ideias através de seu médium, e até mesmo por cartas; pois eles, por vezes, de fato

frequentemente, dirigiram minha mão ao escrever, como se fosse deles; de forma que pensavam que não era eu, mas eles escrevendo. ⁽¹¹⁾ ⁽¹²⁾

Após os três precursores - Emanuel Swedenborg, Edward Irving e Andrew Jackson Davis -, Arthur Conan Doyle menciona as Irmãs Fox, ponto inicial do Espiritismo moderno, codificado por Allan Kardec.

No processo mediúnico ocorreria tão somente a ligação “mente a mente”?

Julgamos que Allan Kardec não detalhou esse processo; mas, em algumas situações, podemos ver que há um campo aberto ao entendimento da ocorrência da posse física. Citaremos certos pontos abordados por ele, para melhor compreensão do assunto.

Percebemos que a crença que mais vigora no meio espírita é que, excetuados os fenômenos de efeitos físicos, todos os outros ocorriam pela conexão “mente a mente”, ou seja, todos os fenômenos mediúnicos classificados como de efeitos inteligentes teriam como base a transmissão de pensamento entre o Espírito e o médium, que faz desse o seu veículo de comunicação.

Vejamos, primeiramente, a obra ***O Livro dos Médiuns***, na qual encontraremos várias explicações que nos ajudaram no entendimento do tema.

Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? **Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento**, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? ⁽¹³⁾

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de modo não muito explícito, uma possibilidade tratada aqui na transcrição.

Um pouco mais à frente encontramos uma fala de Lamennais (Espírito), da qual destacamos:

[...] O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, **quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. ⁽¹⁴⁾

Nesse trecho, surgem três aspectos diferentes pelos quais acontece o fenômeno da manifestação espiritual, de cujo mecanismo o perispírito é a base fundamental: 1º) pelo corpo, 2º) pelo perispírito e 3º) pelo Espírito, o que, segundo acreditamos, significaria, pela ordem: a incorporação completa, o envolvimento parcial de algum membro do corpo e o assim denominado “mente a mente”.

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a **transmissão do pensamento do Espírito**, mediante a escrita feita com a mão do médium. ⁽¹⁵⁾ (itálico do original)

Observamos que, ao se falar da particularidade da transmissão do pensamento do Espírito na psicografia, isso nos dá a ideia de que, pelo menos nesse caso, tem-se admitido no fenômeno a

ocorrência da ligação mental entre o encarnado e o desencarnado.

Essa poderia ser também a justificativa, dada por muitos, de que a fenomenologia tem como base tal mecanismo, ou seja, o de ser o fator de sua produção uma conexão “mente a mente”.

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é mister levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move *maquinalmente* o braço e a mão para escrever**, sem ter (é, pelo menos, o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a ceta e a ceta sobre o lápis. ⁽¹⁶⁾ (itálico do original)

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. [...]. ⁽¹⁷⁾

Parece-nos que, aqui, a coisa se dá de uma forma diferente da anterior, pois Allan Kardec não fala em transmissão de pensamento, mas em atuação do Espírito que faz com que o médium, sob essa influência, passe a escrever.

Não estaria aqui uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium? Se for desse jeito, então, o fenômeno não se enquadraria, segundo supomos, no conceito “mente a mente” especialmente da forma como isso é geralmente entendido.

Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem-dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. **Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, **o Espírito se serve do órgão** que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é

um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente. (18) (itálico do original)

Ao dar as características do médium falante, Allan Kardec as descreve como decorrentes de uma atuação do Espírito sobre os órgãos da palavra, dando-a por semelhante à que acabamos de citar.

Assim, acreditamos que não prevalece o “mente a mente” como única base para o fenômeno, embora não tenhamos dúvida de que foi uma mente que o tenha produzido.

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. **O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão**, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica**. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o **Espírito livre não se substitui à alma**, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa

situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*.
(¹⁹) (itálico do original)

No caso dos médiuns intuitivos, explica-nos Allan Kardec que a ação do Espírito não é sobre a mão, mas sobre a alma do médium. Disso entendemos que pode ser aplicado, nesta situação, o “mente a mente” como base de sua origem. Contudo, também, aqui fica bem claro que em outros casos isso não ocorre, conforme já o dissemos.

Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: “Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, **o cérebro desempenha sempre um papel ativo.**” (²⁰)

Talvez aqui possamos ter uma ideia de que, nos fenômenos de efeitos inteligentes, há sempre a utilização do cérebro do médium; entretanto, isto

não implica dizer que seja tudo na base da ligação de “mente a mente”. Porém, ao se tratar da mediunidade, de uma forma genérica, a coisa torna-se complicada, diante do que se afirmará:

“O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encamado no médium?”

'O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar a grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita'.” (21) (itálico do original)

Neste ponto, pela resposta dos Espíritos, a fenomenologia mostra-se, genericamente, como o meio do qual se utiliza o Espírito para transmitir sua mensagem, tendo como base o médium na condição de intérprete, do que podemos concluir ser o caso de se aplicar o “mente a mente”, embora isso nos pareça conflitar com o dito anteriormente.

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo

flúidico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o a que se chama *médium*. Procede então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. ⁽²²⁾ (itálico do original)

Nas duas condições, quer como encarnado ou desencarnado, a atuação do Espírito sobre a matéria, no caso o corpo físico, abre porta, segundo acreditamos, para a possibilidade da incorporação, no exato sentido do termo.

Recorremos agora a obra **A Gênese**, cap. XIV – Os fluidos, tópico “Manifestações físicas. Mediunidade” do qual transcrevemos:

41. **É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo;** é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz

ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. **Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo**, mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele. ⁽²³⁾

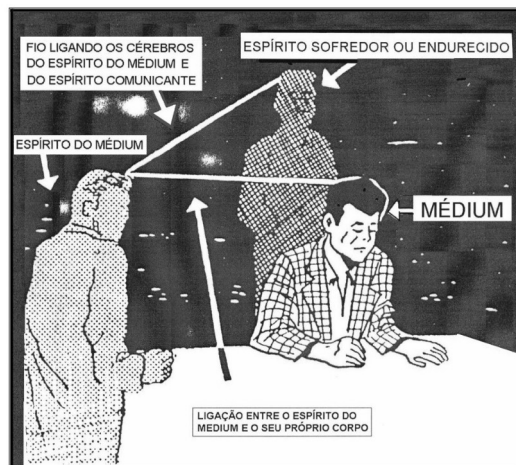
Temos aqui um complemento da explicação anterior, que torna mais clara ainda a questão do uso do corpo físico do encarnado por um Espírito, no processo de comunicação.

Quem tiver a oportunidade de ir a algum terreiro de Umbanda verá que médiuns totalmente “tomados” por um Espírito chegam, em alguns casos, a beber até um litro de cachaça (marafa), sem que isso lhes altere qualquer coisa em seu corpo. Depois que o retomam do transe, após a saída do Espírito comunicante, o médium está tão normal

quanto alguém que nada bebeu. Será que isso aconteceria se o intercâmbio fosse, como acreditam muitos, simplesmente pelo processo de ligação de “mente a mente”?

A nossa suspeita em relação a esse fato é que, por ter o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao sair ele leva consigo, possivelmente impregnadas no seu perispírito, todas as energias provenientes da beberagem. De igual modo, presumimos acontecer quando se faz o uso do fumo.

Esta imagem ilustrativa representa a ideia do “mente a mente” (24):



Na obra ***Nos Domínios da Mediunidade***, psicografia de Chico Xavier (1910-2002), no cap. 1 – Estudando a mediunidade, o autor espiritual André Luiz diz o seguinte: **“Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas,** quaisquer que sejam os característicos em que se expressem...” (25)

O que vimos em *A Gênese*, s.m.j., vem justamente contradizer o que está descrito por André Luiz nesse mesmo livro, quando dos casos de possessão e dos de obsessão, uma vez que, por eles fica evidente a posse do corpo do médium ou, conforme da situação, do obsidiado.

Assim, acreditamos que poderia haver certo exagero em se dizer de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas, como se afirma no mencionado livro, a não ser que estejamos entendendo de maneira equivocada o que quer colocar o autor espiritual.

Ele poderia, quem sabe, estar mesmo querendo dizer que essa base é a mente do desencarnado, não como sendo a ligação mental

entre os envolvidos no fenômeno mediúnico.

Esta imagem nos ajudará a fazer a necessária distinção entre as expressões “produzido pela mente” e “mente a mente”, porquanto são coisas bem distintas uma da outra.



Presumimos que a ideia do autor espiritual possa estar retificada nessa outra fala, constante no cap. 5 - Assimilação de correntes mentais, onde já não mais coloca as coisas de forma tão abrangente assim: “Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a **quase** todos os fatos mediúnicos”.
(²⁶)

Esse “quase”, parece-nos ser, como se diz, o pulo do gato; por ele entendemos que aí, sim, a possibilidade de possessão permanece e não contraria tudo o que foi dito no livro sobre o assunto.

Temos em mãos o livro ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), de autoria de **J. Arthur Findlay** (1883-1964), foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica; líder espírita, era conhecido como orador, conferencista, e pesquisador. Dessa obra, destacamos este trecho do diálogo com um habitante do mundo espiritual, através de John Campbell Sloan (1870-1951); em sua mediunidade predominava o fenômeno de voz direta:

[...] Apaga-se a luz e todos se dão as mãos, formando uma cadeia, e assim permanecem até ao fim. Continua o cântico; ao primeiro hino, segue-se outro e, quando acaba o terceiro, já **Sloan está em transe profundo e nós o escutamos como que a resmungar**. Progressivamente, esse resmoneio se faz mais perceptível e ouvimos as palavras que se vão formando, indistintamente a princípio, depois, pouco a pouco, mais claramente articuladas, de modo a serem mais bem escutadas.

Afinal, “Whitefeather” (Pena Branca), o guia, anuncia com um brado a sua presença.

“Boa-noite, amigos, Whitefeather aqui agora, **o Espírito do médium fora do corpo e mim a dirigir**; mim ouvir perfeitamente, **mim pode fazer sua boca fala o que mim quer dizer**. Boa-noite todos.”

Essa, em regra, a sua saudação, a que respondemos: “Boa-noite Whitie”, e lhe exprimimos o prazer que experimentaríamos, se o ouvíssemos falar de novo. [...]. (27)

Temos aí, a comprovação categórica de que nem todo processo mediúnico é produto do tal “mente a mente”.

Nesse caso, o afastamento do Espírito do médium de seu corpo, situação que favorecia ao Espírito manifestante “se acoplar nele” e usá-lo como melhor lhe convém. Terminada a manifestação

ele desconecta-se do corpo do medianeiro, momento ao qual esse voltar a comandá-lo.

Entretanto, a seguinte explicação que o Espírito Gallacher deu, aponta para que certas manifestações não tenha sido por uma “incorporação”, no sentido literal, mas por uma ligação entre o Espírito e o órgão do corpo do médium, no caso órgãos vocais, que ele utilizara no fenômeno:

P. – Quando controlais o médium e fazeis **uso de seus órgãos vocais**, que é o que realmente acontece? **(Isto se refere às manifestações pelo transe e não à voz direta.)**

R. – Estando controlado o médium, **se queremos falar pelos seus órgãos vocais, pomo-lo numa condição de inteira passividade. E a condição em que ele vem a estar no transe. Seu Espírito deixa o corpo por algum tempo e se coloca ao lado. Uma vez nessa condição, podemos atuar-lhe sobre o laringe, as cordas vocais, a língua e os músculos da garganta. Não operamos no seu interior, mas de pé atrás dele.** Podemos colocar-nos na condição do médium, ou afinados com ele, **mediante uma extensão que, quando movemos os nossos órgãos vocais, faz que os do médium semelhantemente se movam. Há um elo de**

conexão, etéreo ou físico, podeis chamar-lhe de um modo ou doutro, que tem a mesma ação sobre os músculos do médium, que um diapasão sobre outro, desde que ambos estejam afinados no mesmo tom. Trabalham assim harmônicas as duas sedes de órgãos vocais. **Não há aqui o caso das mensagens serem influenciadas pela mente do médium, porque esta de nenhum modo intervém na operação. Não trabalhamos através da sua mente, mas, diretamente, sobre seus órgãos vocais. Tudo o que vem a exteriorizar-se é tal qual saiu da mente do Espírito que o controla. A mente e o cérebro do médium são postos fora de ação, temporariamente, e o Espírito que opera lhe controla os músculos dos órgãos vocais.**

P. – O médium se acha ainda em transe. Onde tem estado o seu espírito, desde que o transe começou?

R. – **O iniciar-se o estado de transe quer dizer que o espírito do médium se retirou do seu corpo.** Neste instante, está precisamente à sua direita, não longe do corpo. ⁽²⁸⁾

Pelas explicações fica bem claro que o processo mediúnicos não funcionaria somente com o tal do “mente a mente”, porquanto, há situações em que o Espírito do médium se afasta do corpo físico, momento no qual o desencarnado o usa conforme as particularidades da manifestação.

Observa-se que é também afirmado que o Espírito não “entrou” no corpo do médium, mas “ficou de pé atrás dele”. Se verdadeira essa informação, que, aliás, é original quanto ao teor - até hoje não vimos alguma semelhante - poderemos inferir que quando ocorre a alteração da voz do médium em transe nem sempre é uma “incorporação” propriamente dita.

Nas obras fundamentais da Codificação

Apresentaremos em ordem cronológica o que encontramos do que Allan Kardec disse, para que fique clara a evolução do seu entendimento sobre o assunto.

Como também incluiremos a *Revista Espírita* é importante, destacar que algumas pessoas, apoiando-se em afirmações de Allan Kardec, colocam essa questão como ainda não doutrinária, por julgarem que ela se encontra somente na *Revista Espírita*. É perfeitamente compreensível pensar assim, diante do que o Codificador disse no final da Introdução de **A Gênese**:

[...] Muitas vezes a *Revista* representa, para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como parte constitutiva da Doutrina. ⁽²⁹⁾

Entretanto, não podemos deixar de levar em

conta o que Allan Kardec disse em **O Livro dos Médiuns**, capítulo III – Do Método, item 35, ao sugerir a seguinte ordem de leitura para os que desejarem ter noções preliminares de Espiritismo:

1º *O que é o Espiritismo* [...].

2º *O Livro dos Espíritos* [...].

3º *O Livro dos Médiuns* [...].

4º *Revista Espírita* – **Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes**, e que representam, de certo modo, a sua aplicação. **Sua leitura [...] será mais proveitosa e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de *O Livro dos Espíritos*.** ⁽³⁰⁾

De fato, os que já tiveram oportunidade de ler a *Revista Espírita* sabem que dela se pode tirar grande proveito. Também não é difícil de se perceber que muitas coisas nela registradas constam das designadas “obras básicas” ou, inadequadamente por ter cheiro de sacristia, de “pentateuco espírita”.

Vejamos estes dois trechos da *Revista Espírita*:

1º) **Revista Espírita 1862**, mês dezembro:

[...] Embora tenhamos já tratado desse assunto em ***O Livro dos Médiuns***, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, **a acrescentaremos algumas considerações novas que tornarão a coisa mais fácil de ser concebida.** ⁽³¹⁾

2º) ***Revista Espírita 1868***, mês de junho:

O fenômeno da fotografia do pensamento se ligando ao das criações fluídicas, **descrito em nosso livro da *Gênese***, no capítulo dos fluidos, para maior clareza **reproduzimos a passagem desse capítulo, onde esse assunto é tratado, e o completamos com novas observações.** ⁽³²⁾

Nessas duas situações o Codificador acrescenta algo que não disse em *O Livro dos Médiuns* e em *A Gênese*, ou seja, só encontraremos as novas observações nesses artigos publicados na *Revista Espírita*, fato esse que vem comprovar a real necessidade de estudá-la.

É importante, logo de início, deixarmos consignado o que o Codificador pensava sobre os fatos. Tomemos, como exemplo, estes três parágrafos da ***Revista Espírita 1865***, as duas

primeiras transcrições do mês de fevereiro e de setembro a última:

O Espiritismo não se afastará da verdade, e nada terá a temer das opiniões contraditórias, enquanto **sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosamente e conscientemente observados**, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. ⁽³³⁾

[...] O Espiritismo **não desdenha nenhum fato**, por mais insignificante que seja em aparência; ele os espreita, observa-os e os estuda todos. **É assim que progride a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria. Se a contradisserem, ele lhes busca outra explicação.** ⁽³⁴⁾

[...] **Os fatos são argumentos sem réplicas**, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados. [...]. ⁽³⁵⁾

Não temos dúvida de que foram justamente os fatos que levaram o Codificador a rever a sua posição quanto à posse física, passando a aceitá-la, razão pela qual estamos deixando bem claro o seu pensamento.

01) Abr/1857 - O Livro dos Espíritos

Inicialmente, transcreveremos como consta na 1ª edição de **O Livro dos Espíritos**, publicada em 18/04/1857:

198 – Um espírito pode, momentaneamente, penetrar no envoltório de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar daquele que se encontra encarnado?

“Não, **um espírito não entra num corpo como tu entras numa casa**; ele se afina com um espírito encarnado que tem os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, para agir conjuntamente; mas é sempre o espírito encarnação que age como quer sobre a matéria da qual está revestido.”

(Comentário de Allan Kardec) 198 – A ação dos espíritos sobre o homem não se restringe a uma influência moral sobre o pensamento. Essa ação é, algumas vezes, mais direta. Muitas vezes eles se unem ao espírito de uma pessoa viva da qual eles emprestam, assim, o concurso, a fim de agir conjuntamente para o bem como para o mal, mas eles **não podem substituí-lo no corpo que ele anima**, pois o espírito e o corpo devem ficar ligados até os tempos marcados para o término da existência material.

199 – Há possessos no sentido vulgar que se dá a essa palavra?

“Não, pois **dois espíritos não podem habitar**

em conjunto, ao mesmo tempo, o mesmo corpo. Esses que assim chamávamos, eram os epiléticos ou loucos que tinham necessidade de médicos que de exorcismo”.

(Comentário de Allan Kardec) 199 – O espírito, não podendo substituir um outro espírito encarnado, nem coabitar o mesmo corpo, **não há possessos no sentido vulgar ligado a essa palavra.** Aqueles que eram tomados por tal, nos tempos de superstição e ignorância eram os epiléticos, loucos ou *estáticos*. ⁽³⁶⁾ (itálico do original)

Temos aí registrado, para conhecimento dos nossos leitores, o que os Espíritos responderam quando da 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*.

Na 2ª edição de ***O Livro dos Espíritos***, publicada em 18/03/1860, o tema é abordado nas seguintes questões:

473 – Um Espírito pode, momentaneamente, revestir o envoltório de uma pessoa viva, quer dizer, se introduzir dentro de um corpo animado e agir em lugar daquele que se encontra aí encarnado?

O Espírito não entra em um corpo como tu entras em uma casa. Ele se afina com um Espírito encarnado que tem os mesmos defeitos e as

mesmas qualidades para agir conjuntamente. Mas é sempre o Espírito encarnado que age como quer sobre a matéria da qual está revestido. Um Espírito não pode se substituir aquele que está encarnado, porque o Espírito e o corpo estão ligados até o tempo marcado para o término da existência material.

474 – Se **não há possessão propriamente dita, quer dizer, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo**, a alma pode se encontrar na dependência de um outro Espírito, de maneira a estar por ele subjugada ou obsedada, a ponto que sua vontade esteja, de alguma sorte, paralisada?

Sim, e esses são os verdadeiros possessos. Mas saiba que essa dominação não se faz jamais sem a participação daquele que a suporta, seja por sua fraqueza, seja por seu desejo. [...].

A palavra possesso, em seu sentido vulgar, supõe a existência de demônios, quer dizer, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Posto que não há demônios nesse sentido, e que **dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a ideia ligada a essa palavra**. A palavra possesso não deve se entender senão como a dependência absoluta e que a alma pode se encontrar em relação a Espíritos imperfeitos que a subjugam. ⁽³⁷⁾ (itálico do original)

Nessa circunstância, não há nenhuma margem

para dúvidas de que, naquele período, ou seja, da data de publicação da 1ª até o da 2ª edição de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec não julgava que pudesse haver possessão física, mas, sim, subjugação.

Observa-se que na 2ª edição o Codificador amplia os comentários, apresentando a sua justificativa de o porquê de não querer usar o termo possessão, já que o poderiam relacionar com demônios, seres que não existem para o Espiritismo, senão na acepção de Espíritos imperfeitos e ainda dedicados ao mal.

02) Jun/1858 - Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas

No “Vocabulário Espírita” de **Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas**, lemos:

Possesso – segundo a ideia ligada a essa palavra, o *possesso* é aquele no qual um demônio veio alojar-se. *O demônio o possui*; isso significa que *o demônio apoderou-se-lhe do corpo* (v. *Demônio*). Tomando o demônio não em sua acepção vulgar, mas no sentido de Espírito mau, Espírito impuro, Espírito malfazejo, Espírito

imperfeito, **tratar-se-ia de saber se um Espírito dessa natureza ou outro qualquer pode eleger domicílio no corpo de um homem conjuntamente com o que nele está encarnado, ou a ele se substituindo.** Poder-se-ia perguntar que destino toma, neste último caso, a alma assim expulsa. A doutrina espírita diz que o Espírito unido ao corpo não pode dele ser separado definitivamente senão pela morte; **que outro Espírito não pode colocar-se em seu lugar nem unir-se ao corpo simultaneamente com ele;** mas ela diz também que um Espírito imperfeito pode ligar-se ao Espírito encarnado, assenhorear-se dele, dominar-lhe o pensamento, obrigá-lo, se ele não tem força para resistir-lhe, a fazer tal coisa, a agir em tal sentido; ele o constrange, por assim dizer, sob sua influência. Assim, **não há *possessão no sentido absoluto da palavra*, há *subjugação*;** não se trata de desalojar um Espírito mau, mas, para servirmo-nos de uma comparação material, de fazê-lo largar a presa, o que sempre podemos fazer quando o desejamos seriamente; mas há pessoas que se comprazem numa dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. ⁽³⁸⁾ (itálico do original)

É a mesma posição inserida na primeira obra que o Codificador publicou.

03) Out/1858 - Revista Espírita 1858 (Obsessões)

Na **Revista Espírita 1858**, Allan Kardec publica o artigo “Obsedados e subjugados”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

5º Os Espíritos inferiores não se ligam senão àqueles que os escutam, junto aos quais têm acesso, e aos quais se prendem. Se chegam a imperar sobre alguém, se identificam com o seu próprio Espírito, o fascinam, o obsedam, o subjugam e o conduzem como uma verdadeira criança.

6º A obsessão jamais se dá senão pelos Espíritos inferiores. Os bons Espíritos não fazem experimentar nenhum constrangimento; eles aconselham, combatem a influência dos maus, e se não são escutados, afastam-se.

7º O grau do constrangimento e a natureza dos efeitos que ela produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação.

A **obsessão** é a ação, quase que permanente, de um Espírito estranho que faz que se seja solicitado, por uma necessidade incessante, a agir em tal ou tal sentido, a fazer tal ou tal coisa.

A **subjugação** é uma ligação moral que paralisa a vontade daquele que a sofre, e o impele aos atos mais insensatos e, frequentemente, mais contrários aos seus interesses.

A **fascinação** é uma espécie de ilusão produzida, seja pela ação direta de um Espírito estranho, seja por seus raciocínios capciosos,

ilusão que engana sobre as coisas morais, falseia o julgamento e faz tomar o mal pelo bem.

8º O homem pode sempre, pela sua vontade, sacudir o jugo dos Espíritos imperfeitos, porque, em virtude de seu livre arbítrio, tem a escolha entre o bem e o mal. Se o constrangimento chegou ao ponto de paralisar sua vontade, e se a fascinação é muito grande para obliterar o seu julgamento, a vontade de uma outra pessoa pode substituí-la.

Dava-se, outrora, o nome de *possessão* ao império exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até à aberração das faculdades; mas a ignorância e os preconceitos, frequentemente, fizeram tomar por uma *possessão* o que não era senão o resultado de um estado patológico. **A *possessão* seria, para nós, sinônimo da subjugação**. Se não adotamos esse termo, foi por dois motivos: o primeiro porque implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, que todos podem melhorar-se; o segundo **porque implica, igualmente, a ideia de uma presa de *possessão* do corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que não há senão constrangimento**. A palavra *subjugação* reflete perfeitamente o pensamento. Assim, **para nós, não há *possessos* no sentido vulgar da palavra, não há senão *obsedados, subjugados e fascinados***. ⁽³⁹⁾

Allan Kardec continua firme na mesma linha de

raciocínio desenvolvida em *O Livro dos Espíritos*, ou seja, que “não há possessos no sentido vulgar da palavra”.

Observe, caro leitor, que o último parágrafo, com pequena variação, foi parar em *O Livro dos Médiuns*, item 241, conforme se verá no tópico que se segue.

04) Jan/1861 - O Livro dos Médiuns

Em ***O Livro dos Médiuns***, no capítulo XXIII, intitulado “Da Obsessão”, Allan Kardec volta novamente ao assunto.

240. A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à

falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.

241. Dava-se outrora o nome de *possessão* ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da subjugação. **Por dois motivos deixamos de adotar esse termo:** primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, **porque implica igualmente a ideia do assenhoreamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é**

apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, **não há possessos, no sentido vulgar do termo,** há somente *obsidiados, subjugados e fascinados.*
(⁴⁰)

Ainda aqui Allan Kardec não muda de opinião; mantém a que possuía a respeito desse assunto; apenas, como bom educador, esclarece com mais detalhe o que dissera antes.

Vale ressaltar que ele admitia dois tipos de subjugação: a) moral e b) corporal. No seu segundo argumento, justifica não usar o termo *possessão* porque ele “implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação”.

Julgamos que se ele tivesse refletido um pouco mais sobre o tema, talvez teria percebido que não há coabitação, uma vez que o Espírito do encarnado se afasta do corpo e somente a partir daí é que o desencarnado temporariamente o assume. É o que ele perceberá ao longo de suas experiências com tais situações, como veremos.

05) Abr/1862 - Revista Espírita 1862 (Morzine)

No artigo “Epidemia demoníaca de Savoie”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de abril, temos a primeira informação dos possessos de Morzine, ocorrência sobre a qual os jornais noticiaram.

Allan Kardec acusa o recebimento de uma carta do capitão B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que se encontrava em Annecy, cujo teor é o seguinte:

Annecy, 7 de março de 1862.

"Senhor presidente,

"Pensando me tornar útil à Sociedade, tenho a honra de vos enviar uma brochura, que um amigo me remeteu, Sr. Dr. Caille, encarregado pelo ministro para seguir a sindicância feita pelo Sr. Constant, inspetor das casas de alienados, sobre os casos *muito numerosos* de demoniomania, observados na comuna de **Morzine, distrito de Thonon (Haute-Savoie)**. Essa infeliz população está ainda hoje sob a **influência da obsessão**, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pela autoridade, internação nos hospitais do departamento; os casos diminuíram um pouco, mas não cessaram, e o mal existe, por assim dizer, no estado latente. **O cura,**

querendo exorcizar esses infelizes, na maioria crianças, os fizera levar à igreja, conduzidos por homens vigorosos. Apenas pronunciara as primeiras palavras latinas, e **uma cena assustadora se produziu: gritos, pulos furiosos, convulsões, etc.**, a tal ponto que mandaram buscar a polícia e uma companhia de infantaria, para colocar a boa ordem.

"Não pude conseguir todas as informações que gostaria de poder vos dar desde hoje, mas esses fatos me parecem bastante graves para merecer vosso exame. O Sr. Dr. Arthaud, alienista, de Lyon, leu um relatório à Sociedade médica dessa cidade, relatório que foi impresso na *Gazette médicale de Lyon*, e que poderíeis vos proporcionar pelo vosso correspondente. Temos, no hospital dessa cidade, duas mulheres de Morzine, que estão em tratamento. **O Sr. Dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo**; só o isolamento produziu bons resultados. Todos esses **infelizes obsidiados** pronunciam, em suas crises, palavras obscenas; dão pulos prodigiosos acima das mesas, sobem nas árvores, nos tetos, e profetizam, às vezes.

"Se esses fatos se apresentaram nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nas regiões de lavoura, não é menos verdadeiro que, no nosso século dezenove, nos ofereçam, a nós Espíritas, um objeto de estudo do ponto de vista da **obsessão epidêmica** se generalizando e persistindo durante anos, uma vez que há quase cinco anos o primeiro caso foi observado.

“Terei a honra de vos enviar todos os documentos e informações que puder me proporcionar.

Aceitai, etc.,

B...” (41)

Vejamos o que o Espírito Erasto disse a respeito desse caso:

“Os casos de demoniomania, que se produzem hoje em Savoie, se produzem igualmente em outros países, notadamente na Alemanha, mas muito principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que o pensais. Com efeito, ele revela, para o observador atento, uma atenção análoga àquela que se manifestou nos últimos anos do paganismo. **Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso mestre bem-amado, se encarnou na Judeia,** sob os traços do carpinteiro Jesus, **esse país havia sido invadido por legiões de maus Espíritos que se apoderaram, pela possessão, como hoje,** das classes sociais mais ignorantes, de Espíritos encarnados mais fracos e menos avançados, em uma palavra, de indivíduos que guardam os rebanhos ou que vagam nas ocupações da vida dos campos. **Não vos apercebeis de uma analogia muito grande entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão?** Ah! há ali um ensinamento muito profundo! e deveis disso concluir que os tempos

preditos se aproximam mais e mais, e que o Filho do homem virá logo expulsar, de novo, essa turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reviver a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às revelações consoladoras e aos ensinamentos regeneradores do Espiritismo. Para retornarmos **aos casos atuais de demoniomania**, é preciso se lembrar que os sábios, que os médicos do século de Augusto, trataram segundo os procedimentos hipocráticos, **os infelizes possessos da Palestina**, e que toda a sua ciência se quebrou diante desse poder desconhecido. Pois bem! Hoje ainda, todos os vossos inspetores de epidemias, todos os vossos alienistas mais distintos, sábios doutores em materialismo puro, fracassarão do mesmo modo diante dessa enfermidade toda moral, diante **dessa epidemia toda espiritual**. [...]” ERASTO. (Médium, Sr. d'Ambel) ⁽⁴²⁾

Bem sintomática a afirmação de Erasto de que “maus Espíritos que se apoderaram, pela possessão”, pois está diretamente informando da posse física ao utilizar-se do verbo “apoderar”. Consultado o **Meu Dicionário**, encontramos:

Apoderar-se

Verbo pronominal

1. tomar posse; assenhorear-se

2. usurpar
3. conquistar; ganhar ⁽⁴³⁾

Em várias outras fontes, incluindo o próprio Allan Kardec, veremos também ser utilizado esse verbo.

Também é oportuno colocarmos o comentário de Allan Kardec:

Do que precede, seria preciso concluir que não se trata aqui de uma afecção orgânica, mas antes de uma influência oculta. Temos tanto menos dificuldades em nisto crer quanto tivemos numerosos em casos idênticos isolados devidos à mesma causa; e o que o prova, é que os meios ensinados pelo Espiritismo bastaram para fazer cessar a obsessão. **Está provado pela experiência que os Espíritos malévolos agem não só sobre o pensamento, mas também sobre o corpo, com o qual se identificam, e do qual se servem como se fosse o seu;** que provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados, tendo todas as aparências da loucura ou da monomania. **Encontrar-se-á a explicação no nosso *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da Obsessão, e num próximo artigo citaremos vários fatos que o demonstram de maneira incontestável.** É bem, com efeito, uma espécie de loucura, uma vez que pode se dar esse nome a todo estado anormal em quem o espírito

não age livremente; neste ponto de vista, a embriaguez é uma verdadeira loucura accidental.

É preciso, pois, distinguir *a loucura patológica da loucura obsessional*. A primeira é produzida por uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que está louco; ele conserva a plenitude das suas faculdades, assim como a observação o demonstra; somente, o instrumento de que se serve para se manifestar, estando desorganizado, o pensamento, ou antes, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessional, não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que está afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e o dirige. No primeiro caso, é preciso tentar curar o órgão enfermo; no segundo, **basta livrar o Espírito enfermo de um hóspede importuno, a fim de lhe devolver a liberdade.** Os casos semelhantes são muito frequentes, e, amiúde, se toma pela loucura o que não era em realidade senão uma obsessão, para a qual seria preciso empregar meios morais e não duchas. Para os tratamentos físicos, e sobretudo para o contato dos verdadeiros alienados, frequentemente, tem sido determinada uma verdadeira loucura ali onde ela não existia.

O Espiritismo, que abre horizontes novos a todas as ciências, vem, pois, também clarear a questão tão obscura das enfermidades mentais, assinalando-lhe uma causa a qual, até este dia, não se teve em conta; causa real, evidente, provada pela experiência, e da qual se

reconhecerá mais tarde a verdade. Mas como fazer admitir essa causa por aqueles que são muito prontos a enviarem aos Hospícios quem tenha a fraqueza de crer que temos uma alma, que essa alma desempenha um papel nas funções vitais, que ela sobrevive ao corpo e pode agir sobre os vivos? Graças a Deus! e, para o bem da Humanidade, as ideias espíritas fazem mais progressos entre os médicos do que se poderia esperar, e tudo faz prever que, em futuro pouco distante, a medicina sairá, enfim, da rotina materialista.

Os casos isolados de obsessão física ou de subjugação, estando averiguados, compreende-se que, semelhante a uma nuvem de gafanhotos, **um bando de maus Espíritos pode se abater sobre um certo número de indivíduos, apoderar-se deles** e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a falta de cultura intelectual, lhes dá naturalmente mais ação; por isso maltratam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas deles não estejam isentas. **Provavelmente, como disse Erasto, é uma epidemia desse gênero que reinava no tempo do Cristo**, e da qual frequentemente se falou no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar o que eram chamados então de demônios? Isso prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral; ora, quem pode negar a influência moral do Cristo? Entretanto, dir-se-á, empregou-se o exorcismo, que é um remédio moral, e nada produziu. Se nada produziu, é que o remédio nada vale, e que é preciso procurar um outro; isto é

evidente. Estudai o Espiritismo, e compreender-lhe-eis a razão. Só o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos dessa natureza. Mas quando dissemos para estudá-lo, entendemos que é preciso fazê-lo seriamente, e não na esperança de aí encontrar uma receita banal para o uso do primeiro que chegue.

O que acontece em Savoie, chamando a atenção, apressará provavelmente o momento em que se reconhecerá a parte de ação do mundo invisível, nos fenômenos da Natureza; uma vez entrado neste caminho, a ciência possuirá a chave de muitos mistérios, e verá se abaixar a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, ao invés de alargá-lo. ⁽⁴⁴⁾

A nossa impressão é que Allan Kardec ao dizer “Está provado pela experiência que os Espíritos malévolos agem não só sobre o pensamento, mas também sobre o corpo, com o qual se identificam, e do qual se servem como se fosse o seu.” e mencionar a expressão “obsessão física”, já iniciava, com esse caso de Morzine, a admitir a possibilidade real da possessão física, tanto é que mais tarde irá citá-lo junto com o da Srta. Julie, que veremos um pouco mais à frente, como ocorrências desse tipo.

06) Set/1862 - O Que é o Espiritismo - 3ª ed. 1862

A 1ª edição de **O Que é o Espiritismo**, ocorreu em junho de 1859, entretanto o tema não foi tratado nela, razão pela qual tomaremos da 3ª edição, publicada em setembro de 1862 ⁽⁴⁵⁾.

Vejamos no cap. II - Noções elementares de Espiritismo, tópico “Escolhos dos médiuns”, o item 43 (= item 73, 6ª ed. em diante), no qual lemos:

43. **A subjugação obsessiva, designada outrora sob o nome de possessão, é uma coação física exercida sempre por Espíritos da pior espécie**, e que pode ir até a neutralização do livre arbítrio. Limita-se frequentemente a simples impressões desagradáveis, mas provoca em certos casos movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras incoerentes ou injuriosas, das quais a pessoa obsedada compreende por vezes todo o ridículo mas não pode deixar de fazê-los. Esse estado difere essencialmente da *loucura patológica*, com a qual se confunde sem razão, pois não existe nenhuma lesão orgânica. Sendo a causa diferente, os meios curativos são totalmente outros. [...]. ⁽⁴⁶⁾ (itálico do original)

Não temos dúvida de que desde o item 40 ao

48, dessa edição, os argumentos do Codificador representam a sua posição anterior à mudança de pensamento.

Só que um problema de tradução nos aparece. Na 6ª edição, de julho de 1865, o item 43 da 3ª passa a ser o item 73. Que registramos no artigo “Fonte primária corrige erro de tradução em obra da Codificação Espírita” (47).

Vejamos o último período desse texto tomando da obra publicada pela FEB:

[...] Este estado difere essencialmente da *loucura patológica*, com a qual erradamente a confundem, pois **na possessão** não há lesão orgânica; sendo diversa a causa, outros devem ser também os meios de curá-la. (48)

No original francês, como demonstrado nesse artigo mencionado, não há nenhuma referência à possessão.

Mas levando-se em conta o mês de setembro de 1862, quando o tema passou a fazer parte da 3ª edição de *O Que é o Espiritismo*, e nessa época o Codificador não aceitava a posse física, entendemos

que a expressão “na possessão”, não deveria constar, a partir dela, de qualquer tradução das edições posteriores.

07) Nov-dez/1862 - Revista Espírita 1862 (Morzine)

Na **Revista Espírita 1862**, mês de novembro, no artigo “Viagem espírita em 1862”, Allan Kardec diz que “Vimos de fazer uma visita a alguns dos centros espíritas da França” (49), esclarecendo que:

Em nossa rota, fomos visitar os possessos de **Morzine**, em Savoie; lá também recolhemos **observações importantes e muito instrutivas sobre as causas e o modo da obsessão em todos os graus**, corroboradas pelos **casos idênticos e isolados, e que vimos em outras localidades**, e sobre os meios de combatê-la. [...].
(50)

Portanto, Allan Kardec pesquisou *in loco* o caso dos possessos de Morzine, percebendo que esse não se diferenciava de outros casos que diz ter visto em outras localidades.

Ainda na **Revista Espírita 1862**, agora no

mês de dezembro, vamos encontrar as primeiras observações de Allan Kardec sobre “os possessos de Morzine”, que visitara para melhor se informar sobre os fenômenos que aí ocorriam. Essa visita resultou no artigo “Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, que ao final do 1º parágrafo informa:

[...] **Embora tenhamos já tratado desse assunto** em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, a isso **acrescentamos algumas considerações novas que tomarão a coisa mais fácil de se concebida.**
(⁵¹)

Fica bem claro que Allan Kardec vem acrescentar novas considerações ao que havida dito em *O Livro dos Médiuns*, certamente, produto dos fatos aos quais teve possibilidade de testemunhar.

Vejamos agora os seguintes trechos que destacaremos desse artigo:

Um Espírito quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco; os fluidos se penetrando, os dois pensamentos e as

duas vontades se confundem, e **o Espírito pode, então, se servir desse corpo como do seu próprio, fazê-lo agir segundo a sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc.**; tais são os médiuns. Se o Espírito é bom, sua ação é branda, benfazeja, não leva a fazer senão boas coisas; se ele é mau, leva a fazer coisas más; se é perverso e mau, o aperta como numa rede, paralisa até sua vontade, mesmo seu julgamento, que ele abafa sob seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de ar; fá-lo pensar, falar, agir por si, levá-lo, apesar dele, a atos extravagantes ou ridículos, **em uma palavra, magnetiza-o, cataleptiza-o moralmente, e o indivíduo se torna um instrumento cego de suas vontades.** Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em graus de diversas intensidades. **É o paradoxismo da subjugação, que se chama vulgarmente possessão.** Há a se anotar que, **nesse estado, o indivíduo, frequentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo,** mas é constrangido a fazê-lo, como se **um homem, mais vigoroso do que ele, lhe fizesse mover, contra a sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua.** Eis um exemplo curioso.

Em uma pequena reunião de Bordeaux, no meio de uma evocação, o médium, jovem de um caráter brando e de uma perfeita urbanidade, se põe de repente a golpear sobre a mesa, se levanta, os olhos ameaçadores, mostrando os punhos aos assistentes, dizendo-lhes as mais grosseiras injúrias, e querendo lançar-lhes o tinteiro na cabeça. Esta cena, tanto mais assustadora quanto

se estava longe de esperá-la, **durou em torno de dez minutos, depois dos quais o jovem retomou sua calma habitual, desculpendo-se pelo que acabara de se passar, e dizendo que sabia muito bem ter feito e dito coisas inconvenientes, mas que ele não pudera impedir isso.** Tendo-nos sido contado o fato, dele pedimos a explicação numa sessão da Sociedade de Paris, e nos foi respondido que o Espírito que o havia provocado era antes farsante do que mau, e que quisera simplesmente se divertir com o medo dos assistentes. [...]. ⁽⁵²⁾

O Codificador afirma que “É o paradoxismo da subjugação, que se chama vulgarmente possessão”, ou seja, seria uma contradição da subjugação, que seria algo mais no campo moral, exatamente por evidenciar a real posse do corpo físico do encarnado.

Quanto à opinião de Allan Kardec de que “nesse estado, o indivíduo, frequentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo” será tema que abordaremos mais à frente.

No início da transcrição do artigo vemos que a descrição da ação do Espírito é idêntica à de uma possessão: “o Espírito pode, então, se servir desse corpo como do seu próprio, fazê-lo agir segundo a

sua vontade”. Entretanto o Codificador ao explicar que “Um Espírito quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco” vem caracterizá-lo como um “envolvimento” e não que o Espírito tivesse tomado “posse” dele; porém, como veremos um pouco mais à frente, Allan Kardec fará comparação dessa ocorrência em Morzine com o caso da Srta. Julie, que tratou como uma possessão de fato, faremos três observações quanto a isso.

A primeira, consta da sequência das explicações de Allan Kardec sobre este caso da Senhorita Julie, que transcrevemos da **Revista Espírita 1863**, mês de dezembro:

Aí está o que testemunhamos de uma dessas lutas terríveis que não duram menos de duas horas, e que **pudemos observar o fenômeno nos mais minuciosos detalhes, fenômeno no qual reconhecemos imediatamente uma analogia completa com os dos possessos de Morzine** ⁽⁵³⁾ ⁽⁵⁴⁾ A única diferença é que em Morzine **os possessos** se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e que falavam do diabo que tinham neles, porque lhes tinham persuadido de que era o diabo. A senhorita Julie, em Morzine, seria chamada Frédégonde, o Diabo.

(⁵⁵)

Allan Kardec, portanto, reclassifica os possesores de Morzine (⁵⁶) passando a considerá-los como possessão física e não mais como subjugação (⁵⁷), conforme já havíamos dito.

A segunda, é o fato de que o caso da Senhorita Julie também testemunhado pelo próprio Allan Kardec, conforme ele afirma na *Revista Espírita 1864*, mês de janeiro: “Quando **vimos a Senhorita Julie**, o mal estava em seu apogeu, e **a crise, da qual fomos testemunha**, foi uma das mais violentas; [...].” (⁵⁸)

Acreditamos que, embora dita em outra circunstância, aqui vale essa consideração de Allan Kardec, constante da *Revista Espírita 1863*, mês de fevereiro:

O que caracteriza as deduções de nossa premissa, é que são baseadas sobre a observação dos fatos; em segundo lugar, que elas explicam, de maneira racional, o que, sem isso, é inexplicável. (⁵⁹)

A última diz respeito ao fato de que, na *Revista Espírita 1864*, mês de janeiro, as instruções dos Espíritos Hahnemann e Erasto a respeito do caso da Senhorita Julie, nas quais o termo utilizado para classificá-lo foi exatamente o de possessão, conforme veremos no próximo tópico.

Teríamos, como a maioria, também dado esse assunto por encerrado, já que a evidência era demasiadamente forte para contestarmos, apesar de, particularmente, não estarmos vendo a questão dessa forma, pois, para nós, a mudança de opinião é clara demais na *Revista Espírita*, não se tratando de questão que foi ali colocada para ver as opiniões sobre o assunto. Para nós, ao dizer isso, ele, Allan Kardec, está tornando pública a sua nova opinião sobre o tema, obviamente, secundada pelas instruções dos Espíritos Superiores.

08) Jan/1863 - *Revista Espírita 1863* (Morzine, 2º artigo)

Na *Revista Espírita 1863*, no mês de janeiro, foi publicado o 2º artigo intitulado “Estudo sobre os possessos de Morzine - As causas da obsessão e os

meios de combatê-la”, do qual transcrevemos:

O perispírito, como se viu, desempenha um papel importante em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma multidão de afecções das quais o escalpelo procura em vão a causa na alteração dos órgãos, e contra a qual a terapêutica é impotente. Pela sua expansão, se explicam ainda as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No Espírito livre, quer dizer, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão com a ajuda do qual ele age. **Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, o penetra e o magnetiza.** O homem, vivendo no meio do mundo invisível, está incessantemente submetido a essas influências, como às da atmosfera que respira, e essa influência se traduz por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta, e que atribui, frequentemente, a causas inteiramente contrárias. Esta influência difere naturalmente, segundo as qualidades boas ou más do Espírito, assim como explicamos no nosso precedente artigo. Este é bom e benevolente, a influência, ou querendo-se, a impressão, é agradável, salutar: é como as carícias de uma terna mãe que enlaça seu filho nos braços; se for mau e malevolente, ela é dura, penosa, ansiosa e, às vezes, malfazeja: ela não abraça, oprime. [...].

[...].

[...] Se, da observação dos fatos que se produzem pela mediunidade, se remonta aos fatos gerais, pode-se, pela semelhança dos efeitos, concluir pela semelhança das causas; ora, é constatando a analogia dos **fenômenos de Morzine** com os que a mediunidade nos coloca, todos os dias, sob os nossos olhos, que a **participação de Espíritos malfazejos nos parece evidente nessa circunstância**, e ela não o será menos para aqueles que tiverem meditado sobre **os numerosos casos isolados, narrados na Revista Espírita**. Toda a diferença está no caráter epidêmico da afecção; mas a **história reporta mais de um fato semelhante**, entre os quais figuram aquele **das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas de Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo; estes últimos, sobretudo, têm uma analogia marcante com os de Morzine**; e uma coisa digna de nota é que, por toda a parte onde esses fenômenos se produziram, a ideia de que eram devidos a Espíritos foi o pensamento dominante e como intuitivo nos que deles estavam afetados.

Querendo-se bem se reportar ao nosso primeiro artigo, da **teoria da obsessão** contida em *O Livro dos Médiuns*, e **aos fatos** relatados na *Revista*, **ver-se-á que a ação dos maus Espíritos, sobre os indivíduos dos quais se apoderam, apresenta nuances extremamente variadas de intensidade e de duração**, segundo o grau de malignidade e de perversidade dos Espíritos, e também segundo o estado moral da pessoa que lhes dá um acesso mais ou menos fácil. Esta ação,

frequentemente, **não é senão temporária e acidental**, mais maliciosa e desagradável do que perigosa, como no fato que relatamos no nosso precedente artigo. O fato seguinte pertence a essa categoria.

[...].

Infelizmente, nem todos são de manejo tão fácil; este não era mau; mas os há cuja ação é tenaz, permanente, e pode mesmo ter consequências deploráveis para a saúde do indivíduo, diremos mais: para suas faculdades intelectuais, **se o Espírito chega a subjugar sua vítima ao ponto de neutralizar seu livre arbítrio, e de constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias**. Tal é o caso da loucura obsessional, muito diferente em suas causas, senão em seus efeitos, da loucura patológica. ⁽⁶⁰⁾

É curioso que Allan Kardec diz “da teoria da obsessão contida em *O Livro dos Espíritos*” e imediatamente reportar “aos fatos relatados na *Revista Espírita*”, para chamar a atenção “sobre a ação dos maus Espíritos, sobre os indivíduos dos quais se apoderam”, usa justamente o verbo “apoderar-se”, que significa, como vimos, “tomar posse, assenhorear-se”

Continuando as pesquisas, deparamos com algo que não deixará dúvidas, ficando claro que faz

parte, sim, dos princípios constitutivos da Doutrina. Vejamos, então, o que encontramos, por último, naquilo que pesquisamos.

09) Fev/1863 - Revista Espírita 1863 (Morzine)

Em fevereiro de 1863, temos publicado na **Revista Espírita 1863** o 3º artigo intitulado “Estudo sobre os possessos de Morzine - As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, que transcrevemos:

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá, por assim dizer, nenhuma dificuldade quando se estiver bem compenetrado dos fatos particulares que citamos, e das considerações que um estudo atento permitiu deles deduzir. Bastar-nos-á relatá-los para que cada um encontre neles, por si mesmo, **a aplicação por analogia**. Os dois fatos seguintes nos ajudarão ainda a colocar o leitor no caminho. **O primeiro** nos foi transmitido pelo Sr. doutor Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris, presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély.

Uma família se ocupava de evocações com ardor desenfreado, impelida que era por um Espírito que nos foi apontado como muito perigoso; era um de seus parentes, desencarnado depois de uma vida pouco honrosa, terminada por vários

anos de alienação mental. Sob um nome emprestado, por provas mecânicas surpreendentes, belas promessas e conselhos de uma moralidade sem censuras, chegou a fascinar de tal modo essas pessoas muito crédulas, que as submetia às suas exigências e as constrangia aos atos mais excêntricos. Não podendo mais satisfazer todos os seus desejos, pediram-nos conselho, e tivemos muita dificuldade em dissuadi-los, e provar-lhes que tinham relações com um Espírito da pior espécie. No entanto, aí chegamos e pudemos obter deles que, pelo menos por algum tempo, se absteriam. A partir desse momento a obsessão tomou um outro caráter: **o Espírito se apossou completamente do filho mais moço**, com a idade de quatorze anos, **reduziu-o ao estado de catalepsia**, e, pela sua boca, solicitava ainda conversas, dava ordens, proferia ameaças. Aconselhamos o mutismo mais absoluto; ele foi rigorosamente observado. [...].”

[...].

[...] Aos olhos de pessoas estranhas à ciência espírita, esse jovem teria passado por louco; não teria faltado aplicar-lhe um tratamento em consequência, que talvez tivesse desenvolvido uma loucura real; pelos cuidados de um médico espírita, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teria nenhuma consequência.

Não ocorreria o mesmo no fato seguinte. **Um senhor de nosso conhecimento**, que mora numa cidade da província, bastante refratário às ideias espíritas, **foi tomado subitamente de uma espécie de delírio, no qual dizia coisas**

absurdas. Como se ocupava de Espiritismo, muito naturalmente falou dos Espíritos. Sua companheira, temerosa, sem aprofundar a coisa, não teve nada de mais apressado do que **chamar os médicos, que o declararam atingido pela loucura,** para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, e já se falava em colocá-lo numa casa de saúde. O que aprendemos das circunstâncias desse acontecimento prova que **esse senhor achou-se sob o domínio de uma subjugação súbita** momentânea, talvez favorecida por certas disposições físicas. [...] – **Um Espírito, consultado a esse respeito,** respondeu: Esse senhor não é louco; mas da maneira a que isso se prende, poderia tornar-se; **bem mais, poderia matá-lo.** O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo, e é tomado em contrassenso. – *Perg. Poder-se-ia agir sobre ele daqui?* – Resp. -Sim, sem dúvida; podeis fazer-lhe o bem, mas vossa ação é paralisada pela má vontade daqueles que o cercam.

Casos análogos estão presentes em todas as épocas, e já se internou mais de um louco que não o era de todo.

Só um observador experimentado sobre essas matérias pode apreciá-las, e como hoje se encontram muitos médicos espíritas, é útil recorrer a eles em semelhante circunstância. **A obsessão será um dia alinhada entre as causas patológicas,** como é hoje a ação dos animálculos microscópicos dos quais não se supunha a existência antes da invenção do microscópio; [...].

O segundo fato nos foi reportado por um de

nossos correspondentes de Boulognesur-Mer.

“A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sob o domínio de uma triste subjugação. Quase cada noite, sem mesmo excetuar-lhes seus momentos de gravidez, **pelo meio da noite, ela é despertada, e logo é presa de tremores nos membros,** como se fossem agitados por uma pilha galvânica; [...] se sente lançada fora de sua cama, depois, **algumas vezes, semivestida, é levada fora de sua casa e forçada a correr pelo campo;** caminha sem saber onde vai **durante duas ou três horas,** e não é senão quando pode parar que ela reconhece o lugar onde se encontra. [...] Não pode ela entrar em nenhuma igreja; disso tem uma boa inveja e um grande desejo; mas, quando chega à porta, **sente como uma barreira que a detém. Quatro homens** procuraram fazê-la entrar na igreja dos Redentoristas, e não puderam a isso chegar; ela gritava que a matavam, que lhe esmagavam o peito.

“Para se subtrair a essa terrível posição, essa pobre mulher tentou várias vezes se tirar a vida sem poder consegui-lo. [...] Fora dos momentos de crise, dos quais falei, essa mulher tem todo seu bom senso, e ainda, nesses momentos, **ela tem perfeita consciência do que faz, e da força exterior que age sobre ela.** Toda a sua vizinhança diz que ela foi atingida por um malefício ou um azar.”

O fato da subjugação não poderia estar melhor caracterizado do que nesses fenômenos

os quais, muito certamente, não podem ser senão a obra de um Espírito da pior espécie. [...].

A medicina comum não verá nesses sintomas senão uma das afecções a que ela dá o nome de nevrose, cuja causa é ainda para ela um mistério. [...] reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material, mas **há outros onde a intervenção de uma inteligência oculta é evidente**, uma vez que, combatendo essa inteligência, se detém o mal, ao passo que não atacando senão a causa material presumida, não se produz nada.

Há um traço característico nos Espíritos perversos, é a sua aversão por tudo o que se prende à religião. A maioria dos médiuns, não obsidiados, que teve comunicações com Espíritos maus, muitas vezes viram estes blasfemarem contra as coisas, rirem-se das preces ou repeli-las, irritarem-se mesmo quando se lhes fala de Deus. **No médium subjugado, o Espírito, tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium; ora, como todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão medianímica, pode-se dizer que a mulher da qual se acaba de falar é um médium espontâneo e involuntário.** A impossibilidade em que se encontrou de orar e de entrar na igreja, vem da repulsa do Espírito que dela se apoderou, sabendo que a prece é um meio de fazê-lo deixar a presa. **Em lugar de uma pessoa, suponde-as, numa mesma localidade, dez, vinte, trinta e**

mais nesse estado, e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Não está aí uma prova evidente de que são os demônios? dirão certas pessoas. Chamemo-los demônios, se isso pode vos dar prazer: esse nome não poderia caluniá-los. Mas não vedes todos os dias homens que não valem mais, e que justamente poderiam ser chamados os demônios encarnados? [...] Por que quereríeis que, uma vez no mundo dos Espíritos, se transformassem subitamente? **Aqueles a quem chamais demônios, nós os chamamos maus Espíritos**, e vos concedemos toda a perversidade que vos apraz atribuir-lhes; [...].

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, e cujo estudo é de uma alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores estão ainda sob a influência da matéria, e que se encontram, entre eles, todos os vícios e todas as paixões da Humanidade; paixões que carregam deixando a Terra, e que trazem em se reencarnando, quando não se emendaram, o que produz os homens perversos. A experiência prova, que os há sensuais, em diversos graus, obscenos, lascivos, comprazendo-se nos maus lugares, impelindo e excitando à orgia e ao deboche, com os quais alimentam sua visão. [...] Quando se estudam as diversas impressões corpóreas e os toques sensíveis que, às vezes, certos Espíritos produzem; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns dentre eles; e, se de um outro lado, se examina o caráter de certos

fenômenos históricos, pergunta-se se não desempenhariam um papel nessa afecção, como o desempenham na loucura obsessional? Vimo-los, mais de uma vez, acompanhado dos sintomas os menos equívocos da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine, e digamos primeiro algumas palavras do lugar, o que não é sem importância. **Morzine é uma comuna do Chablais, na Haute-Savoie, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale da Drance, sobre os confins do Vaiais, na Suíça**, da qual não está separada senão por uma montanha. Sua população, em torno de 2500 almas, compreende, além da aldeia principal, vários lugarejos disseminados nas colinas circundantes. Está cercada e dominada, de todos os lados, por três altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maioria arborizadas e cultivadas até alturas consideráveis. De resto ali não se vê, em nenhuma parte, neves e gelos perpétuos, e, segundo o que nos foi dito, a neve ali seria menos persistente do que no Jura.

O Sr. doutor Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, ali demorou três meses. Fez da região e dos habitantes um quadro pouco lisonjeiro. Veio com a ideia de que o mal era um efeito puramente físico, não procurou senão causas físicas; a sua própria preocupação levava-o a insistir sobre o que poderia corroborar sua opinião, e essa ideia, provavelmente, fê-lo ver os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. **Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa** cuja fonte

primeira está na constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade da alimentação, e cuja causa imediata está no estado histórico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que seu mal recaiu em grande parte sobre as mulheres, os homens também foram por ele atingidos, assim como as mulheres de uma idade avançada. Não se saberia, pois, ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual é a causa da histeria?

Não fizemos senão uma curta parada em Morzine, mas devemos dizer que **nossas observações, e as informações que recolhemos junto das pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais, diferem pouco das do Sr. Constant.** [...] A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem sobretudo com bócio, como disse o Sr. Constant; vimos alguns bócios rudimentares, mas nenhum bócio pronunciado, como é visto entre todas as mulheres da Maurienne. Os idiotas e os cretinos ali são raros, embora o que deles disse também o Sr. Constant, ao passo que sobre a outra vertente da montanha, no Vaiais, são excessivamente numerosos. [...].

[...].

Se a doença se prendesse, como o pretende o Sr. Constant, a causas locais, à constituição dos habitantes, aos seus hábitos e ao seu gênero de vida, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes, e o mal seria endêmico,

como as febres intermitentes da Camargue e os pântanos Pontins. Se o cretinismo e o bócio são endêmicos no vale do Rhône, e não no da Drance que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine não é senão temporária, é que ela se prende a uma causa accidental. **O Sr. Constant disse que suas observações não lhe revelaram nenhuma causa sobrenatural; mas ele, que não crê senão nas causas materiais**, está apto a julgar os efeitos que resultassem da ação de uma força extra-material? Estudou os efeitos dessa força? Sabe em que eles consistem? em quais sintomas podem ser reconhecidos? Não, e, desde então, se os imagina diferentes do que são, sem dúvida, crendo que consiste em milagres e em aparições fantásticas. Esses sintomas, ele os viu, descreveu-os em seu relatório, mas não admitindo causa oculta, a procurou em outra parte, no mundo material, onde não a encontrou. **Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis**, mas como não viu nem duendes nem fantasmas, disso concluiu que os doentes eram loucos, e o que o confirmava nessa ideia, é que esses doentes diziam, às vezes, coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos; mas para ele tudo deveria ser absurdo. [...].⁽⁶¹⁾

Reconhecemos ter sido longa essa transcrição, mas não tínhamos como fazer de outra forma para

que você, caro leitor, pudesse ter uma ideia do que ocorria em Morzine.

Os trechos que julgamos mais importantes para essa nossa pesquisa são estes dois nos quais Allan Kardec disse; 1º) “o Espírito **se apossou** completamente do filho mais moço, com a idade de quatorze anos, reduziu-o ao estado de catalepsia” e 2º) “No médium subjugado, o Espírito, **tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro** para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium”, mude-se o “no médium subjugado” para “no médium possesso” teremos a descrição tal e qual ocorre em obsessões desse tipo.

Acreditamos que nesse artigo o Codificador já demonstra aceitar a realidade da posse física, fato que ficará mais evidente no próximo caso.

10) Dez/1863 - Revista Espírita 1863 (Srta. Julie)

Na **Revista Espírita 1863**, mês de dezembro, é que depararemos com o registro de uma ocorrência na qual Allan Kardec deixa bem claro o

fato de ter mudado de opinião, ou seja, ele retifica o seu pensamento anterior, após ter uma prova de que há possessão física, sim. Vejamos o que ele narra:

Um caso de possessão

Senhorita Julie

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado.** Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de uma senhora médium sonâmbula. **De repente esta tomou ares todos masculinos, sua voz mudou,** e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: 'Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver!' Surpreso, perguntou-se-lhe o que isso significava. A senhora retomou: 'Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! Sou Charles Z...' A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. **Ele declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da senhora A...**

a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, **a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles,** virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, **poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si;** no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? – *R.* Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

P. Por que não o podeis? – *R.* Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *pregar-lhe-ia uma peça.*

P. **Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A...? - R.** Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário. ⁽⁶²⁾

Vejamos um trecho dos comentários de Allan Kardec sobre esse caso:

A possessão é aqui evidente e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; **mas é uma possessão inocente e sem inconveniente. Não ocorre o mesmo quando ela é o fato de um Espírito mau e mal-intencionado;**

pode então ter consequências tanto mais graves quanto esses Espíritos sejam tenazes, e que se torna, frequentemente, muito difícil livrar deles o paciente do qual fazem sua vítima. [...]. (63)

A mudança de posição é óbvia, não há como se negar, a não ser indo para o lado da ortodoxia.

O relato desse caso da Srta. Julie continua na **Revista Espírita 1864**, mês de janeiro 1864, da qual transcrevemos:

UM CASO DE POSSESSÃO.

Senhorita Julie.

(2º artigo. - Ver o número de dezembro de 1863.)

Em nosso precedente artigo descrevemos a triste situação dessa jovem, e **as circunstâncias que provam nela uma verdadeira possessão**. Estamos felizes ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de ser livrada de seu Espírito obsessivo, os violentos abalos que sentira durante mais de seis meses tinham-lhe trazido uma grave perturbação em sua saúde; agora está inteiramente refeita, mas **não saiu de seu estado sonambúlico**, o que não a impede de aplicar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas tinham empreendido magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo

uma leve e passageira melhora em seu estado patológico; quanto ao Espírito, estava cada vez mais tenaz, e as crises tinham atingido um grau de violência dos mais inquietantes. **Teria sido preciso ali um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, quer dizer, penetrando o enfermo de um fluido bastante puro para eliminar o fluido do mau Espírito.** Se há um gênero de mediunidade que exige uma superioridade moral, é sem contradita no caso de obsessão, porque é necessário ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. **Os casos de possessão, segundo o que foi anunciado, devem se multiplicar com uma grande energia daqui a algum tempo,** a fim de que a impossibilidade dos meios empregados até o presente, para combatê-los, esteja bem demonstrada. Uma circunstância mesmo, da qual não podemos ainda falar, mas que tem uma certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é, pois, duvidoso que surgirão médiuns especiais tendo o poder de expulsar os maus Espíritos, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus coloca sempre o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Julie, como em todos os casos análogos, o magnetismo simples, embora enérgico que fosse, era, pois, insuficiente; **seria preciso agir simultaneamente sobre o Espírito obsessivo para domá-lo, e sobre o moral do enfermo**

enfraquecido por todos esses abalos; o mal físico não era senão consecutivo; era um efeito e não a causa; seria preciso, pois, tratar a causa antes do efeito; destruído o mal moral, o mal físico deveria desaparecer por si mesmo. Mas para isso era preciso se identificar com a causa; estudar com o maior cuidado e em todas suas nuances o curso das ideias, para lhe imprimir tal ou tal direção mais favorável, porque os sintomas variam segundo o grau de inteligência do sujeito, **o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta, quase sempre, às existências anteriores.**

O insucesso do magnetismo sobre a senhorita Julie fez com que várias pessoas tentassem; no número delas achava-se um jovem dotado de uma grande força fluídica, mas a quem, infelizmente, faltava totalmente a experiência, e, sobretudo, conhecimentos necessários em semelhante caso. Atribuía-se um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, segundo ele, não podiam resistir à sua vontade; essa pretensão, levada ao excesso e fundada sobre sua força pessoal, e não sobre a assistência dos bons Espíritos, devia lhe atrair mais de uma decepção. Só isso teria devido bastar para mostrar, aos amigos da jovem, que lhe faltava a primeira das qualidades requeridas para lhe ser um socorro eficaz. Mas o que, acima de tudo, teria devido esclarecê-los, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de uma natureza fluídica muito etérea para poderem vir sobre a Terra comunicar-se com os homens e assisti-los; isso não é possível senão aos Espíritos

inferiores em razão de sua natureza mais grosseira. Essa opinião, que não é outra senão a da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, tinha um erro muito grave de sustentá-la diante do enfermo, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, devia não contar senão consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência que teria podido secundá-lo, assistência da qual, é verdade, acreditava não necessitar; a consequência mais lastimável era para o enfermo que desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos bons Espíritos. No estado de enfraquecimento em que estava seu cérebro, uma tal crença, que dava toda presa ao Espírito obsessivo, podia se tornar fatal para a sua razão, podia mesmo matá-la. Também repetia-lhe, sem cessar, nos momentos de crise: “Louca... louca... ele me tornará louca... inteiramente louca... não o sou ainda, mas tornar-me-ei.” Falando de seu magnetizador, ela pintava perfeitamente sua ação dizendo: “Ele me dá a força do corpo, mas não me dá a força do espírito.” Esta palavra era profundamente significativa, e, no entanto, ninguém lhe atribuía importância.

Quando vimos a senhorita Julie, o mal estava em seu apogeu, e a crise, da qual fomos testemunha, foi uma das mais violentas; foi no momento mesmo em que nos aplicamos em elevar seu moral, em que procuramos lhe inculcar o pensamento de que ela *podia* domar esse mau Espírito com a assistência dos bons e de seu anjo guardião, do qual invocaria o apoio, foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se encontrava presente, por

uma circunstância providencial, sem dúvida, veio, sem provocação nenhuma, afirmar e desenvolver a sua teoria, destruindo de um lado o que fazíamos de outro. Tivemos que lhe expor com energia que cometia uma ação má, assumindo sobre si a terrível responsabilidade da razão e da vida dessa infeliz jovem.

Um fato dos mais singulares, que todo mundo havia observado, mas do qual ninguém havia deduzido as consequências, se produzia na magnetização. Quando ela ocorria durante a luta com o mau Espírito, este último, *sozinho*, absorvia todo o fluido que lhe dava mais força, ao passo que a enferma se achava enfraquecida e sucumbia sob seus apertos. **Deve-se lembrar que ela estava sempre em estado de sonambulismo; via, por consequência, o que se passava, e é ela mesma que dá esta explicação.** Não se viu nesse fato senão uma malícia do Espírito, e contentou-se em abster-se de magnetizar nesses momentos e de ficar como espectador da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, pode-se facilmente se dar conta desse fenômeno. É evidente, primeiro, que absorvendo o fluido para se dar a força em detrimento da enferma, o Espírito queria convencer o magnetizador da impossibilidade com respeito à sua pretensão; se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, uma vez que se servia da própria arma com a qual este último pretendia derrubá-lo; pode-se dizer que lhe tirava o bastão das mãos. Era não menos evidente que sua facilidade em se apropriar do fluido do magnetizador denotava uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao

passo que os fluidos de uma natureza contrária teriam se repellido, como a água e o azeite. Só esse fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves, e podemos dizer dos mais funestos, o de não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem ter em conta da qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente sobre essas qualidades, como na terapêutica depende da qualidade do medicamento. Não saberíamos muito chamar a atenção sobre este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador que, já, tinha influído sobre as ideias da enferma, dissemos a esta: “Minha filha, tende confiança em Deus; olhai ao vosso redor; não vedes os bons Espíritos? - É verdade, disse ela; vejo-os luminosos, que Frédégonde não ousa olhar. - Pois bem! esses são aqueles que vos protegem e que não permitirão que o mau Espírito tenha o poder; implorai a sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo para Frédégonde. – Oh! para isso, jamais o poderei. – Guardai-vos! Vereis com essa palavra os bons Espíritos se afastarem. Se quereis sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, em vos esforçando sobretudo em ser melhor do que vosso inimigo. Como quereis que vos sustentem, se não vaiais mais do que ele? Pensai que, em outras existências, tivestes também censura a vos fazer; o que vos chega é uma expiação; se quereis fazê-la cessar, é preciso vos melhorar, e para provar as

vossas boas intenções, é preciso começar por vos mostrar boa e caridosa para com o vosso inimigo. A própria Frédégonde com isso será tocada, e talvez fareis entrar o arrependimento em seu coração. Refleti. – Eu o farei. – Fazei-o em seguida, e dizei comigo: ‘Meu Deus, eu perdoo a Frédégonde o mal que ela me fez; eu a aceito como uma prova e uma expiação que mereci; perdoai minhas próprias faltas, como lhe perdoo as suas; e vós, bons Espíritos que me cercais, abri seu coração a melhores sentimentos, e dai-me a força que me falta. Prometeis orar todos os dias por ela? – Eu o prometo. – Está bem; de meu lado vou me ocupar convosco e dela; tende confiança. – Oh! obrigado! alguma coisa me diz que isto vai logo acabar.’” (64) (itálico do original)

Vamos destacar apenas um trecho, pois acreditamos que ele tem chance de não ser percebido: “Deve-se lembrar que ela estava sempre em estado de sonambulismo; via, por consequência, o que se passava, e é ela mesma que dá esta explicação.” Ora, se Julie estava em estado de sonambulismo e mesmo assim via o que se passava, então, pode-se, facilmente, concluir que seu Espírito se encontrava emancipado do corpo físico, situação que engendrou a condição favorável para que a desencarnada Frédégonde o assumisse por um

tempo.

Na sequência do relato Allan Kardec, registra as instruções dos **Espíritos Hahnemann e Erasto**:

“O assunto do qual vos ocupais emocionou os próprios bons Espíritos que querem, ao seu turno, vir em ajuda a essa jovem com os seus conselhos. Ela apresenta um caso de obsessão, com efeito muito grave, e entre aqueles que tendes visto, e que vereis ainda, pode-se colocar este no número dos mais importantes, dos mais sérios, e sobretudo dos mais interessantes pelas particularidades instrutivas que já apresentou e que vos oferecerá de novo.

“Como já vos disse, esses casos de obsessão se renovarão frequentemente, e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, para vós primeiro, e para aqueles que o sofrerão em seguida.

“Para vós primeiro, naquilo que, do mesmo modo que vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre aqueles que lhe eram perfeitamente estranhos, do mesmo modo também esses obsidiados, cujo número se tornará bastante importante para que deles não se ocupe de maneira não superficial, mas grande e profunda, abrirão bastante as portas da ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar, e ocupar, entre as pessoas de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar ao qual tem direito.

“Para eles em seguida, naquilo que, no estado de Espírito, antes de se encarnarem entre vós aceitaram essa luta que lhes proporciona **a possessão que sofrem**, tendo em vista o seu adiantamento, e essa luta, crede-o bem, faz cruelmente sofrer seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de algum modo, não é mais seu, tem perfeitamente consciência do que se passa. Segundo terão suportado essa prova, da qual podeis abreviar-lhes poderosamente a duração por vossas preces, terão progredido mais ou menos; porque, estejais disto certos, **apesar dessa possessão, sempre momentânea, guardam uma suficiente consciência de si mesmos para discernir a causa e a natureza de sua obsessão.**

“Para aquela que vos ocupa, um conselho é necessário. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado do qual lhe falastes, são funestas sob todos os aspectos. Esse Espírito é sistemático; e que sistema! Aquele que não relaciona todas as suas ações à maior glória de Deus, que tira a vaidade das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, neste mundo, frequentemente, infalivelmente no outro. Tratai, pois, meu caro Kardec, que essas magnetizações cessem completamente, ou os inconvenientes mais graves resultarão de sua continuação, não só para a jovem, mas ainda para o imprudente que pensa ter sob suas ordens todos os Espíritos das trevas e os comandar como senhor.

“Vereis, digo, **esses casos de possessão e de obsessão** se desenvolverem durante um certo

período de tempo, porque são úteis ao progresso da ciência e do Espiritismo; será por aí que os médicos e os sábios abrirão, enfim, os olhos e aprenderão que há enfermidades cujas causas não estão na matéria, e que não devem ser tratadas pela matéria. **Esses casos de possessão, igualmente, vão abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos** e levá-lo a dar grande passo adiante pelo estudo, até o presente tão imperfeito, dos fluidos; com a ajuda desses novos conhecimentos, e pela sua aliança íntima com o Espiritismo, obterá as maiores coisas; infelizmente, no magnetismo, como na medicina, haverá por muito tempo ainda homens que crerão não terem mais nada a aprender. Essas obsessões frequentes terão também um lado muito bom, naquilo que sendo penetrada pela prece e pela força moral, **pode-se fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os maus Espíritos, cada um procurará, pela melhoria de sua conduta,** adquirir esse direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo.”

HAHNEMANN (*Médium, Sr. Albert*)

“Serei breve. Será muito fácil curar **essa infeliz possessa**; os meios para isto estão implicitamente contidos nas reflexões que foram emitidas há pouco por Allan Kardec. É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. **Ao Espírito encarnado que se encontra, como Julie, em estado de possessão,** é preciso um magnetizador

experimentado e perfeitamente convencido da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo, é necessário a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrena; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até esta hora essa ação não foi cumprida, é justamente para vos levar ao estudo e à experimentação dessa interessante questão; foi por este efeito que Julie não foi livrada mais cedo: ela deveria servir para os vossos estudos.

“Isso nos demonstra o que tereis a fazer doravante nos casos de possessão manifesta; é indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, como, por exemplo, o excelente cura d'Ars, e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza do coração e fé verdadeira.

“Resumindo: Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa evocação do cura d'Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós, rogando-lhes agirem contra os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Não é preciso esquecer, não mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande, quando é feita por um certo número de pessoas

agindo de acordo, com fé viva e um desejo ardente de aliviar.”

ERASTO (*Médium, Sr. d'Ambel*) ⁽⁶⁵⁾

Portanto, os dois nobres Espíritos - Hahnemann e Erasto - confirmam a realidade da possessão.

Registramos também a conclusão de Allan Kardec sobre essas mensagens sobre o caso:

Estas instruções foram seguidas; vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece em condições desejadas. **Um ponto essencial era levar o Espírito obsessivo a se emendar, o que deveria, necessariamente, facilitar a cura.** Foi o que se fez evocando-o e dando-lhe conselhos; prometeu não mais atormentar a senhorita Julie, e teve palavra. Um de nossos colegas foi especialmente encarregado, por seu guia espiritual, de sua educação moral, e ocorreu de nisso ser satisfeito. Esse Espírito, hoje, trabalha seriamente pela sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino que decorre deste fato e das observações às quais deu lugar, não escapará a ninguém, e cada um nele poderá haurir muitas instruções segundo a ocorrência. **Uma nota essencial que esse fato permitiu constatar, e que se compreenderá sem dificuldade, é a**

influência do bem. É muito evidente que se a companhia secunda por uma comunidade de vista, de intenção e de ação, o enfermo se encontra numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve, necessariamente, facilitar e apressar o sucesso; mas se houver desacordo, oposição; se cada um quer agir à sua maneira, disso resulta desacordos, correntes contrárias que paralisar forçosamente, e às vezes anulam, os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se são maus, são também funestos a certos indivíduos quanto as exalações das regiões pantanosas. ⁽⁶⁶⁾

Fica aí registrada a possibilidade de nós trabalhadores na seara espírita podermos agir a favor tanto dos Espíritos obsessores, quanto dos que lhes sofrem a influência negativa.

11) Fev/1864 - Revista Espírita 1864 (uma mocinha de treze anos)

Na **Revista Espírita 1864**, mês de fevereiro, no artigo “Cura de uma obsessão”, Allan Kardec registra uma correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, cuja mentora espiritual era a Pequena Cárita. Transcrevemos o parágrafo inicial dessa missiva:

“Com o auxílio dos Espíritos bons, **em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e perigosa, uma mocinha de treze anos**, em completo poder de um Espírito mau, desde 8 de maio último. **Diariamente, às cinco horas da tarde, sem falhar um só dia, ela tinha crises terríveis**, de causar piedade. Essa menina reside num bairro afastado e **os pais, que consideravam a doença como epilepsia**, nem mesmo falavam do caso. Todavia, um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e **uma observação mais atenta dos fatos o levou a reconhecer facilmente a verdadeira causa**. Seguindo o **conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, **começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e exercer sobre esta uma magnetização mental**. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Não lhe resta mais senão a fraqueza da convalescença, consequência de tão longas e tão violentas convulsões, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. **Éramos informados diariamente, pelas comunicações dos Espíritos bons, das diversas fases da moléstia.**” ⁽⁶⁷⁾

Merece destaque o objetivo da reunião: “evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e exercer sobre esta uma magnetização

mental” e ainda nos aparecem confrades totalmente contrários à evocação.

Em junho de 1864, foi publicado o “Relato completo da cura da jovem obsedada de Marmande” enviado pelo Sr. Dombre, que transcrevemos:

O Sr. Dombre, de Marmande, nos transmitiu o relatório circunstanciado dessa cura da qual já conversamos com nossos leitores; os detalhes que ele encerra são do mais alto interesse no duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. **É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível.**

Fui advertido, disse o Sr. Dombre em sua narração, por um dos membros de nossa sociedade Espírita, das **crises violentas** que experimentava, cada tarde regularmente **há oito meses**, a chamada Thérèse B...; fui, acompanhado pelo Sr. L..., médium, em 11 de janeiro último, às quatro horas e meia, numa casa vizinha à da doente, para procurar ser testemunha da crise que, segundo o que havia ocorrido cada dia, deveria chegar às cinco horas. Encontramos lá a jovem e sua mãe, em conversa com os vizinhos. A meia hora logo decorreu; vimos, de repente, a jovem se levantar de sua cadeira, abrir a porta, atravessar a rua e entrar em sua casa seguida de

sua mãe que a toma e a coloca habilmente sobre sua cama. **As convulsões começaram; seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava;** em uma palavra, fazia mal vê-la. O médium e eu entramos na casa vizinha, **perguntamos ao Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico.** O Espírito respondeu:

“Pobre criança! ela se acha com efeito, sob uma fatal influência, muito perigosa mesmo; vindes em sua ajuda. Renitente e mau, esse Espírito resistirá por muito tempo. **Evitai, tanto quanto isto esteja em vosso poder, deixá-la tratar por medicamentos que prejudicariam o organismo.** A causa é toda moral; tentai a evocação desse Espírito; moralizai-o com comedimento: nós vos secundaremos. Que todas as almas sinceras que conheceis **se reúnam para orar** e combater a grande influência perniciosa desse Espírito mau. Pobre pequena vítima de um ciúme! LOUIS DAVID.”⁽⁶⁸⁾

Logo no início Allan Kardec diz “É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível.”

Aos que não valorizam a *Revista Espírita* não terão como saber sobre esse “curso de ensino teórico e prático”, portanto, fica evidenciada a importância de estudá-la.

A descrição de como a jovem se comportava sob a influência obsessiva do Espírito – “seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava” –, nos leva a concluir que o seu caso se trata de uma possessão.

P. – Sob que nome chamaremos esse Espírito?
– R. Jules.

Evoquei-o imediatamente. **O Espírito se apresentou de maneira violenta**, injuriando-nos, rasgando o papel, e se recusando a responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com esse Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha ido examinar a crise, chegou junto a nós e nos disse com um certo espanto: **“É singular! a criança cessou, de repente, de se torcer; está agora estendida sem movimento em sua cama. - Isso não me espanta, disse-lhe, porque o Espírito obsessor, neste momento, está junto de nós.”** Convidei o Sr. B... a retornar para a doente, e continuamos a interpelar o Espírito que, no momento dado, não respondeu mais. **O guia do médium nos informou** que ele tinha ido continuar sua obra; **recomendou-nos de não mais evocá-**

lo durante as crises, no interesse da criança, porque, retornando junto dela com mais raiva, torturá-la-ia de maneira mais aguda. No mesmo instante, o médico reentrou e nos informou que a crise acabava de começar mais forte do que nunca. Eu lhe fiz ler o conselho que vinha de nos ser dado, e permanecemos todos tocados por essas coincidências, que não podiam deixar nenhuma dúvida sobre a causa do mal.

A partir dessa noite, e **sob a recomendação dos bons Espíritos** que nos assistem em nossos trabalhos espíritas, **nos reunimos cada noite**, até a cura completa.

No mesmo dia, 11 de janeiro, **recebemos a comunicação seguinte do Espírito protetor de nosso grupo:**

“Guardião vigilante da infância infeliz, venho me associar aos vossos trabalhos, unir meus esforços aos vossos para livrar essa jovem dos constrangimentos cruéis de um mau Espírito. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e pedi sem jamais vos deixar cansar, até a completa cura.

PEQUENA CÁRITA.”

Esse Espírito, que toma o nome de Pequena Cárita, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade, e que, desde sua terna infância, tinha dado as provas do caráter mais angélico e de uma bondade rara. ⁽⁶⁹⁾

No dia seguinte, a Pequena Cárita, novamente se manifesta:

Esta obsessão, toda física de início, será, eu o creio, seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Vereis logo momentos de alegria no meio dessas torturas exercidas por esse mau Espírito: Reconhecereis ali a presença e a mão dos bons Espíritos. Se as torturas duram ainda, notareis, depois da crise, a paralisação completa do corpo, e, depois dessa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que abrandarão a dor da obsessão. ⁽⁷⁰⁾

A nossa opinião de que na realidade se trata de uma possessão além do que foi relatado sobre o que o Espírito provocava no corpo da jovem nos momentos de “crise” também se deve a afirmação de que “Esta obsessão, toda física de início”.

Em 18 de fevereiro, a Pequena Cárita deu a seguinte instrução:

“Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem-acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que vos parecerão logo muito naturais, seja talvez a consequência dessa obsessão, mas não a obra de Jules. Alguns desenvolvimentos são necessários aqui como ensinamento.

“A obsessão ou a subjugação do ser material se apresenta aos vossos olhos, hoje que conheceis

a Doutrina, não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

“O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsidiado recebe como um envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material sente a pressão sobre ele de maneira indireta.

“Pareceu espantoso que a alma pudesse agir fisicamente sobre a matéria animada; é ela, no entanto, que é a autora de todos esses fatos. Tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de maneira semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica que vossos sentidos não podem perceber esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da Doutrina considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a marca que recebeu o perispírito pelo fluido estranho do qual foi carregado, não se apaga de repente, e continua ainda algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, apatia, insônias, perturbações vagas, tais são os efeitos que poderão produzir em seguida a essa libertação, mas tranquilizai-vos, tranquilizai a criança e sua família, porque essas consequências serão para

ela sem perigo.

“Meu dever me chama de maneira especial a conduzir a bom fim o trabalho que comecei convosco; é preciso agora agir sobre o próprio Espírito da criança, por uma doce e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a pedir e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto, é vasto. Fazei conhecer e compreender todas estas coisas, e as ideias espíritas se introduzirão pouco a pouco no espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da Doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.

PEQUENA CÁRITA.” (71)

O seguinte trecho “O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsidiado recebe como um envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material sente a pressão sobre ele de maneira indireta.” trata de um ponto sobre o qual não concordamos em razão do que tudo isso que pesquisamos, pois não há uma espécie de sobreposição do perispírito do Espírito sobre o da vítima, vamos assim dizer, mas, sim, afastamento do perispírito do obsidiado, fato esse

que possibilita ao obsessor assenhorear-se do corpo dele.

Assenhorear-se aqui é bem no sentido de entrar no corpo do obsidiado, por um período de tempo, porquanto essa posse é temporária. Um pouco mais à frente citaremos um trecho de *A Gênese*, cap. XIV, item 47, que comprovará isso que estamos dizendo.

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de agosto, Allan Kardec publicou o artigo “Novos detalhes sobre os possessos de Morzine” (72), cujo parágrafo final tem o seguinte teor:

Para todos **os casos de obsessão, de possessão** e de manifestações desagradáveis quaisquer, chamamos a atenção sobre o que está dito a este respeito em *O Livro dos Médiuns*, cap. da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzine e lembrados acima; sobre nossos artigos no mês de fevereiro, março e junho de 1864, **relativos à jovem obsedada de Marmande**; enfim, sobre os nºs 325 a 335 de *A Imitação do Evangelho*. Encontrar-se-ão ali as instruções necessárias para se guiar nas circunstâncias análogas. (73)

Observamos que aqui o Codificador cita esse caso da jovem de Marmande como um exemplo de possessão.

A partir de dezembro de 1863, com o caso Srta. Julie ⁽⁷⁴⁾, Allan Kardec passou a aceitar a realidade da posse física, portanto, o termo possessão, aqui empregado, deve ter visto sob essa nova ótica.

12) Abr/1864 - O Evangelho Segundo o Espiritismo

Em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, publicado em 15 de abril de 1864, no capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos, Allan Kardec estuda o tema “Reconciliação com os adversários”, sobre o qual fez o seguinte comentário:

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o

outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. **Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança**, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. [...] ⁽⁷⁵⁾

Demorou algum tempo para que nós pudéssemos perceber que os termos “possessão” e “possesso”, aqui usados por Allan Kardec, já refletiam a sua nova concepção sobre o fenômeno, fruto de suas considerações na *Revista Espírita 1863*.

No Capítulo XXVIII, “Coletânea de preces espíritas”, item 81, também encontramos, novamente, Allan Kardec referindo-se aos termos “subjugação” e “possessão”, com significados diferentes e não mais como sinônimos:

Do mesmo modo que as doenças resultam das

imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. À causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, **quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão**, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. ⁽⁷⁶⁾

Em resumo: vimos que, em *O Livro dos Espíritos*, o Codificador afirmou “não há possessos segundo a ideia ligada a essa palavra” ⁽⁷⁷⁾; manteve-se coerente quando voltou ao assunto em *O Livro dos Médiuns*, no qual, inclusive, nem cita a possessão como um dos tipos de obsessão ⁽⁷⁸⁾; portanto, se aqui, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, ele já usa o termo possessão e o coloca como podendo ser um dos casos de obsessão, certamente, é porque refletia mesmo sua nova visão do problema.

Ademais, pelo fato de usar separadamente os termos obsidiado e possesso, deixa bem claro que nem toda possessão é uma obsessão, fato que ficará evidente ao discorrer sobre o tema em *A Gênese*, conforme veremos a seguir.

13) Abr/1864 - Revista Espírita 1864 (RLFE)

Na **Revista Espírita 1864**, no mês de abril, Allan Kardec publica o artigo intitulado “Resumo da lei dos fenômenos espíritas”, em que apresenta 23 itens, dos quais destacamos o item 13, onde se lê:

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; **não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, serve-se do corpo do médium, cujos órgãos se apodera, que faz agir como se fosse seu próprio corpo**, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele. ⁽⁷⁹⁾

Entendemos que Allan Kardec ao dizer “o Espírito serve-se do corpo do médium, do qual emprega os órgãos que faz funcionar como se fossem de seu próprio corpo” tem mais sentido se

ele estiver falando da possessão, especialmente se levarmos em conta o que já foi dito a partir do caso da Srta. Julie, ou seja, dezembro de 1863.

Ainda no mês de abril, Allan Kardec também publicou um livreto com esse resumo, ao qual deu o título: **Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos ou Primeira Iniciação**, visando uma divulgação mais rápida do tema, por conta do seu preço ser quase insignificante.

14) Out/1864 - Revista Espírita 1864 (Um Criminoso Arrependido)

No artigo “Um criminoso arrependido”, publicado na **Revisa Espírita 1864**, mês de outubro, Allan Kardec ⁽⁸⁰⁾, fala da manifestação do Espírito Jacques Latour, tomaremos os principais pontos do relato, destaque para os seus comentários:

Durante a visita que viemos de fazer aos Espíritos de Bruxelas, **o fato seguinte se produziu em nossa presença**, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, em 13 de setembro.

Uma senhora médium, estando chamada a escrever, e não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ela traçou com uma agitação extraordinária, em grossos caracteres, e depois de ter violentamente riscado o papel, estas palavras:

“Eu me arrependo, eu me arrependo; Latour.”

Surpresos com essa comunicação inesperada, que nada havia provocado, porque ninguém pensava nesse infeliz do qual a maioria dos assistentes ignorava mesmo a morte, dirige-se ao Espírito algumas palavras de comiseração e de encorajamento; depois se lhe faz esta pergunta:

Que motivo pôde vos convidar a vir entre nós, antes que em outra parte, uma vez que não vos chamamos?

O médium, que é também médium falante, respondeu de viva voz:

“Vi que sois almas compassivas e que teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou bem se afastam de mim com horror.”

Então começou uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora. O médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, é evidente que o Espírito se identificou a com sua pessoa; às vezes, seus acentos de desespero são tão dilacerantes, pintam suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão doloroso, suas súplicas são tão veementes, que todos os assistentes com ele ficam profundamente emocionados.

Alguns mesmo estavam temerosos da superexcitação do médium, mas pensávamos que um Espírito que se arrepende e que implora a piedade não oferecia nenhum perigo. **Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se apoderar dele para dominá-lo.** Isto lhe foi permitido, sem dúvida, em seu próprio interesse, e talvez também para a instrução das pessoas presentes.

[...].

Depois desta cena, o médium, durante algum tempo, está cansado e abatido; seus membros fatigados. Ele tem a lembrança, de início confusa, do que acaba de se passar; depois, pouco a pouco, ele se lembra de algumas das palavras que pronunciou, e que dizia malgrado ele; sentia que não era ele quem falava.

No dia seguinte, numa nova reunião, o Espírito se manifestou ainda e recomeçou, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva, mais menos violenta; depois ele escreveu, pelo mesmo médium, com uma agitação febril, [...]. ⁽⁸¹⁾

Ao dizer que o Espírito “Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se

apoderar dele para dominá-lo.” e pela descrição de sua manifestação, entendemos que esse caso se trata de uma possessão, porém, não uma obsessão, porquanto o manifestante não queria dominar o médium, mas apenas se utilizar de seus órgãos.

Não há outro entendimento para o “cujos órgãos se apodera como se fosse seu próprio corpo” senão pela possessão física que o desencarnado, temporariamente, exerce sobre o médium.

15) Jan/1865 - Revista Espírita 1865 (Valentine Laurent)

Na **Revista Espírita 1865**, no mês de janeiro temos publicado o artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, que transcrevemos:

O Sr. Dombre nos transmite o relato seguinte de uma nova cura das mais notáveis, obtida pelo círculo espírita de Marmande. **Apesar de sua extensão, acreditamos dever publicá-la em uma única vez, em razão do alto interesse que apresenta e para que melhor se possa apreciar o encadeamento dos fatos.** Pensamos que nossos leitores com isso não se descontentarão. Não suprimimos qualquer detalhe que nos pareceu de uma importância capital. **Os ensinamentos que**

dela decorrem são numerosos e sérios, e lançam uma luz nova sobre essa questão de atualidade e esses fenômenos que tendem a se multiplicar. Tendo em vista a extensão desse artigo, remetemos as considerações ao próximo número, a fim de dar-lhe os desenvolvimentos necessários.

Senhor Allan Kardec,

É com uma força nova e uma confiança em Deus corroborada pelos fatos, que me entusiasмам sem me espantarem, que **venho vos fazer o relato de uma cura de obsessão, notável sob vários aspectos**. Oh! muito cego quem não vê aí o dedo de Deus! Todos os princípios da sublime doutrina do Espiritismo ali se acham confirmados; a individualidade da alma, a intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, a expiação, o castigo e a reencarnação são demonstrados de maneira chocante nos fatos com os quais vou vos entreter. Lamento, assim como já vos exprimi, estar obrigado a falar de mim, do papel que me aconteceu nesta circunstância, como instrumento do que Deus se dignou servir-se para ferir os homens. Deveria passar sob silêncio os fatos que têm relação comigo? Não o pensei. **Estais encarregado de controlar, estudar, analisar os fatos e derramar a luz: os menores detalhes, pois, devem ser levados ao vosso conhecimento**. Deus, que lê no fundo dos corações, sabe que uma vã satisfação de amor-próprio não foi o meu móvel; não ignoro, aliás, que aquele que, por privilégio é chamado a fazer algum bem, é logo reduzido à impotência, se desconhece

um instante a intervenção divina: feliz mesmo se não for castigado!

Chego ao relato dos fatos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarteirão da cidade, **as crises convulsivas experimentadas por uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos.** Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, **eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama.** Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. **Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes,** e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões.

Os recursos da arte não lhe faltaram; **quatro médicos a viram sucessivamente;** porções de éter, pílulas, medicamento de toda natureza, ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás da orelha, os vesicatórios nas coxas não lhe foram poupados, mas sem sucesso. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; **depois das crises, a menor lembrança de seus sofrimentos, de suas convulsões,** mas muita admiração de ver a casa cheia de gente, e sua

cama cercada de homens sem fôlego, dos quais alguns tinham a lamentar uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X..., paróquia situada a dois ou três quilômetros de Marmande, gozava na região de uma celebridade nascente, entre um certo povo, como curador de todas as espécies de males, foi consultado pelo pai da jovem. O cura, sem se explicar sobre a natureza do mal, lhe deu gratuitamente um pouco de pó branco para fazer a doente tomar; ofereceu-lhe em seguida para dizer uma missa. Mas, ah! **Nem o pó nem a missa preservaram a jovem Valentine de catorze crises que ela teve no dia seguinte, o que jamais lhe tinha acontecido.**

Tanto insucesso nos cuidados de todas as espécies, necessariamente, deveram fazer nascer no espírito do vulgo ideias supersticiosas. As comadres, com efeito, falaram altamente de malefício, de sortilégio lançado sobre a criança.

Durante esse tempo, **consultamos no silêncio da intimidade nossos guias espirituais** sobre a natureza dessa doença, e eis o que nos responderam:

“É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará frequentemente de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamai Germaine.”

A esta **primeira evocação**, este Espírito prodigaliza as injúrias e mostra uma grande repugnância em responder às nossas interpelações. Nenhum de nós havia ainda entrado

na casa da doente, e antes de intervir queríamos deixar a família esgotar todos os meios dos quais pudesse se inspirar em sua solicitude. **Não foi senão quando a impotência da ciência e da Igreja foi constatada, que convidamos o pai desesperado a vir assistir à nossa reunião para conhecer a verdadeira causa do mal de sua criança, e o remédio moral a lhe levar.** Essa primeira sessão teve lugar em 16 de setembro de 1864. **Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a instrução seguinte:**

“Levai muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tereis negócio com o Espírito mistificador que junta a astúcia, a habilidade hipócrita a um caráter muito mau. **Não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim.** Recomendai aos pais evitar, em presença da criança, a manifestação de qualquer medo por seu estado; eles devem, ao contrário, ocupar-se de suas ocupações ordinárias, e sobretudo evitar, a seu respeito, a precipitação. Que lhes digam muito, sobretudo, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e flexível recebe as impressões com muita facilidade, e, com isso, seu moral poderia sofrer; que não se a deixe conversar com as pessoas suscetíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças ideias falsas e, frequentemente, perniciosas. Que os próprios pais se tranquilizem: **a prece sincera é o único remédio que deve livrar a criança.**

Nós vos dissemos, Espíritas, o Espírito de Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre

crenças ridículas, ruídos que circulam ao redor da jovem; procurará vos enganar. **Tirai partido deste caso: a obsessão se apresentará sob fases novas.** Tende-vos por advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança, e seguir com inteligência os menores detalhes que vos colocarão sobre as marcas das manobras do Espírito. Não vos confieis na calma. **Se as crises são os efeitos mais evidentes nas obsessões, são conseqüências de outro modo bem perigosas.** Desconfiai-vos do idiotismo e da infantilidade de um obsidiado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto elas sejam mais ocultas; frequentemente são puramente morais. Tal desarrazoa, tal outro perde a lembrança do que disse, do que fez. **No entanto, não é preciso julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão.** Eu o repito, estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; nós vos ajudaremos, uma vez que trabalhamos juntos, mas não repouseis crendo que tudo vos será dispensado.”

[O Espírito Germaine foi evocado e respondeu a várias perguntas que não transcreveremos porque elas não acrescentam nada à nossa pesquisa]

No dia seguinte, 17 de setembro, fui pela primeira vez àquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito; fui servido a gosto. **Valentine estava em crise;** entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitaram na casa.

Vi estendida sobre uma cama uma jovem magnífica, robusta para sua idade, e **contida por oito ou dez braços vigorosos**, assim como o descrevi mais acima. Só a cabeça estava livre, se agitando em todos os sentidos a sua cabeleira desenrolada. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e sobretudo ameaçadores. **O olhar era completamente perdido e as duas pupilas, das quais não se via senão a borda, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz.** Ajuntai a isto uma espécie de grito selvagem, e julgai o quadro.

Observei um instante a força dos abalos, e me inclinando para o rosto da criança, pousei minha mão esquerda sobre a sua fronte e minha mão direita sobre seu peito; instantaneamente os movimentos e os esforços convulsivos cessaram, e a cabeça se colocou calma sobre o travesseiro. Dirigi os dedos da mão direita sobre a boca que afiz nela roçar, e logo o sorriso retornou sobre seus lábios; suas duas grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; a essa figura satânica sucedeu o rosto mais gracioso. **A criança manifestou seu espanto de ver tantas pessoas ao seu redor, em dizendo que ela não estava doente; era sempre suas primeiras palavras depois das crises.** Elevei minha alma a Deus, e senti sobre minhas pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e de reconhecimento.

Isto vinha de se passar na manhã de 17. As crises, as mais multiplicadas, tendo lugar à tarde, em torno de cinco horas, a ela retornei, mas a crise tinha adiantado à hora habitual, e tinha terminado.

Às sete horas entrei em minha casa para jantar; mas apenas de retorno vieram me advertir de que a criança tinha uma crise terrível. Para lá retornei logo. Depois de haver tomado, com a mão, junto aos punhos, os dois braços reunidos da jovem, disse aos homens que a detinham: Deixai-a; depois, sob minha outra mão colocada sobre seu peito se a viu aquietar de repente; minha mão levada em seguida sobre o rosto, para lá reconduziu o sorriso, e seus olhos retomaram seu estado normal. O mesmo efeito da manhã havia se produzido. Fiquei junto da criança uma parte da noite; ela não teve crises, mas dormia um sono agitado; sua fisionomia tinha alguma coisa de convulsiva; via-se-lhe o branco dos olhos, e ela parecia sofrer moralmente. Gesticulava, falava distintamente e gritava com um acento enérgico e emocionado: *“Vai-te daqui! vai-te daqui!... oh! a vilã!... E a criança... e a criança... nos rochedos... nos rochedos...”* A essa agitação sucedia uma espécie de êxtase; ela chorava e retomava com um acento lamentoso: *“Ah! tu sofres os tormentos do inferno!... e eu, tu vens me fazer sempre sofrer!... sempre! sempre pois!”* E estendendo seus dois braços no ar, procurando se levantar: *“Pois bem! carrega, carrega-me!”*

O pai a cada instante soltava sua exclamação: *“Oh! é má pessoal”* E a mãe acrescentava: *“Ali há mistério.”* A partir de uma hora da noite, ela dormiu mansamente até o dia.

Essas agitações, essas reprovações, esses êxtases, esses choros, se renovavam cada dia depois dos ataques violentos do Espírito, e

duraram muito antes nas noites de 18, 19 e 20 de setembro. Cada dia eu ia junto da enferma e me instalava, por assim dizer, na casa. Durante a minha presença, nada se manifestava; mas apenas partia, uma nova crise se produzia. Eu voltava e a calma também logo como se viu. Isto durou vários dias. Certamente, **era um fenômeno bem digno de atenção que essas crises se acalmassem subitamente apenas com a imposição das mãos**; isso era boato em toda a cidade, e havia aí matéria para estudo sério; no entanto, **tive o desgosto de não ver nenhum dos quatro médicos que tinham cuidado da criança**, vir observá-la.

Eu notava durante todo esse tempo, na casa da criança, ora uma alegria exagerada, ora uma espécie de tolice; o pai e a mãe não achavam esses ares naturais, o que justificava a previsão de nossos guias.

[...]. [um longo trecho não foi transcrito por não existir nele nada significativo para o tema]

À fase da cura e da conversão do Espírito, sucedeu a das revelações com respeito ao drama, do qual a obsessão violenta da jovem Valentine era o desfecho. Por interessante e emocionante que seja essa parte do relato, suprimimos-lhe os detalhes como estranhos, até um certo ponto, ao nosso assunto, e porque trata de acontecimentos contemporâneos, cuja penosa lembrança está ainda presente, e que tiveram por testemunhas interessadas pessoas ainda vivas. Nós a resumimos para as conclusões que delas teremos que tirar. Pelos mesmos motivos, dissimulamos os

nomes próprios que não acrescentariam nada à instrução que ressalta desta história.

Dessas revelações feitas na intimidade, fora do grupo, e por intermédio de um outro médium, resulta que **Germaine é a avó do senhor Laurent, o pai da jovem obsidiada Valentine**. Ela tinha uma filha que teve duas crianças, das quais uma é o próprio senhor Laurent; a outra foi morta por sua avó, que a precipitou num barranco embaixo dos rochedos de ... Por esse homicídio, ela foi condenada a dez anos de reclusão, que sofreu na prisão de C... Ela deu sobre todos esses fatos as indicações mais minuciosas, precisando com exatidão os nomes, os lugares e as datas, de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Estes detalhes íntimos, conhecidos só de Laurent e de sua mulher, foram confirmados por eles. Para se fazer melhor ainda reconhecer por seu neto, ela o designou por seu pequeno nome ignorado do médium, e não lhe falou senão em seu dialeto, como quando viva.

Não havia, pois aí nada ao ponto de enganar-se, Germaine era bem a avó de Laurent, a condenada por infanticídio. Quanto à sua filha, da qual destruiu o filho, é hoje a filha de Laurent, a jovem Valentine, que vinha ainda de atormentar por uma cruel obsessão. Ela explicou a causa do ódio que lhe havia votado. Houvera luta entre as duas como Espírito, e esta luta continuou quando uma delas reencarnou. Um fato veio confirmar esta afirmativa, são as palavras que a jovem pronunciava durante o sono. Seus pais, como se o concebe, lhe tinham sempre deixado ignorar o que

se passou em sua família; estas palavras: “*A criança! a criança! nos rochedos! nos rochedos!*” evidentemente, eram o resultado da lembrança que seu Espírito conservava no estado de desligamento. “Pois bem! disse eu ao pai de Valentine, estais bem convencido de que é o Espírito de sua avó? - Oh! senhor, respondeu ele, disso estava já convencido antes desta conversa. Este nome de Germaine, e as palavras de Valentine, em suas crises, não me deixam nenhuma dúvida a esse respeito; eu o disse em seguida à minha mulher. Bem mais, quando me falastes do Espiritismo e das reencarnações, tive no pensamento que minha mãe estava encarnada em Valentine.”

Assim se explicam as exclamações repetidas de Laurent: “É má pessoa!” E as de sua mulher: “Ali há um mistério!” ⁽⁸²⁾ (itálico do original)

A não ser no início Allan Kardec não faz mais nenhum comentário a respeito desse caso. Pela semelhança com vários outros também o temos como sendo uma possessão, que somados, fizeram com que o Codificador mudasse de ideia.

16) Jun/1865 - O Que é o Espiritismo - 6ª ed. 1865

Na *Revista Espírita* 1865, no mês julho, foi anunciada a publicação da 6ª edição de *O Que é o*

Espiritismo, designada de “Nova edição modificada e consideravelmente aumentada” ⁽⁸³⁾.

No cap. II - Noções fundamentais de Espiritismo, de **O Que é o Espiritismo**, no tópico “Comunicação com o mundo invisível”, no item 30, cujo teor não consta das edições anteriores, lemos no seu último parágrafo:

É igualmente **com a ajuda do perispírito** que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem. Não possuindo corpo tangível para atuar ostensivamente, **serve-se do corpo do médium, do qual empresta os órgãos que faz funcionar como se fossem de seu próprio corpo**, e isto por meio do eflúvio fluídico com que o envolve. ⁽⁸⁴⁾

Essa transcrição tem o mesmo teor da que consta no item “10) Abr/1864 - *Revista Espírita 1864*” ⁽⁸⁵⁾, por isso vamos apenas reforçar que não há outro entendimento para o “cujos órgãos se apodera como se fosse seu próprio corpo” senão pela realidade da possessão física que o desencarnado, temporariamente, exerce sobre o médium.

17) Ago/1867 - Revista Espírita 1867 (Dr. Claudius)

No artigo “Entrada de incrédulo no mundo dos Espíritos”, inserido na **Revista Espírita 1867**, mês de agosto, Allan Kardec fala do incrédulo Dr. Claudius, que se manifesta pelo Sr. Morin, vejamos a narrativa:

Um médico, que designaremos sob o nome de **doutor Claudius**, conhecido de alguns de nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que sabia ser incurável. **Chamado, sem dúvida, pelo pensamento daqueles que o haviam conhecido e que desejavam conhecera sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin**, um dos médiuns da Sociedade, em estado de **sonambulismo espontâneo**. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e outras adormecido com o sono espiritual.

O Espírito que assim se manifestou se apodera da pessoa do médium, serve-se de seus órgãos como se estivesse ainda vivo. Não é, então, mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos.

Foi nessas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. [...]. ⁽⁸⁶⁾

Esse caso é fácil de se passar por cima, sem identificá-lo como possessão. O termo utilizado por Allan Kardec foi “apoderar”, como vimos, significa: “tomar posse; assenhorear-se; usurpar”.

O que não podemos fazer é classificá-la como obsessão, uma vez que, pela narrativa, se percebe que a evocação do Espírito ocorreu pelo pensamento dos que o conheceram em vida, conseqüentemente não se trata desse fenômeno.

18) Out/1867 - Revista Espírita (Os adeuses)

Vejamos esta nota que Allan Kardec coloca logo no início do artigo “Os adeuses”, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de outubro:

Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresentou um caráter particular, que saiu da forma habitual. Vários Espíritos, daqueles que são assíduos às sessões, e nela se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por intermédio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir, e dar um testemunho de simpatia, no momento da partida. **A**

cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de postura, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava antes que fosse nomeado; era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário; também a identidade era patente, e, salvo a semelhança física, tinha-se diante de si o Espírito como quando vivo. **Depois de cada alocução, o médium permanecia alguns minutos absorvido; era o tempo da substituição de um Espírito por um outro;** depois, retornando pouco a pouco a si, retomava a palavra num outro tom. [...]. ⁽⁸⁷⁾

Pela descrição não temos dúvida alguma de trata-se de uma possessão, ou, no linguajar popular, uma incorporação.

19) Jan/1868 - A Gênese

Em **A Gênese**, no Cap. XIII - Características dos milagres, tópico “O Espiritismo não faz milagres”, lemos:

5. Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando

ele não está encarnado. Como **Espírito**, faz o que fazia o homem, na medida de suas capacidades; apenas, **por já não ter o corpo carnal para instrumento, serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o que se chama *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* do encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. ⁽⁸⁸⁾ (itálico do original)

Na primeira parte, a ideia é que ocorre o fenômeno da possessão ou incorporação, no linguajar popular, entretanto, na segunda, que inicia em “Procede então como alguém...”, Allan Kardec apresenta argumento que deixa a entender que não.

Novamente vamos citar de **A Gênese**, no capítulo XIV, “Os Fluidos”, este trecho do item 41 em que Allan Kardec fala algo sobre o perispírito:

É igualmente com o auxílio do seu **perispírito** que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente **quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo,**

fazendo que atue como se fora seu próprio corpo, mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele. ⁽⁸⁹⁾

Com variação muito pequena, o teor dessa transcrição é praticamente o mesmo que foi publicado no cap. II - Noções fundamentais de Espiritismo da obra *O que é o Espiritismo*, que anteriormente mencionamos.

Podemos até estar enganados, mas acreditamos que aqui se pode tranquilamente entender o “se utiliza do corpo do médium, cujos órgãos toma por empréstimo” como também uma referência à posse física.

Em **A Gênese**, nesse capítulo, um pouco mais à frente, no tópico “Obsessões e possessões”, itens 45 a 49, Allan Kardec volta a essa questão da possessão dizendo:

46. Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral

é preciso que se contraponha uma força moral. Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em **possessão**, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e sua origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso que se tenha o direito de *falar com autoridade*, que, entretanto, não a possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a

libertação, é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, concorre para ela com a vontade e a prece. Já não se dá o mesmo quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (O livro dos médiuns, Segunda parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de que se dispõe para atuar contra os propósitos maléficos do Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este enlaçado por uma espécie de teia e constringido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja

abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. Por conseguinte, a possessão é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, considerando-se que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão, é o desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o haja conhecido em vida, reconhecerá sua linguagem, sua voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom** que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, **toma do corpo de um encarnado**, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria sua roupa a outro encarnado. Isso é feito sem qualquer perturbação ou mal-estar, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas

se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, antes se apodera dele, se este, que é o titular, não possui bastante *força moral para lhe resistir*. E o faz por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todas as características da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero, posto que em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não resultam de outra causa. Com frequência a eles se juntam desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. O Espiritismo, dando a conhecer essa fonte de onde provém uma parte das misérias humanas, indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência. ⁽⁹⁰⁾

49. Na maioria das vezes, a obsessão e a possessão são individuais, mas, não raro, são epidêmicas. Quando uma revoada de Espíritos maus se lança sobre uma localidade, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser bastante considerável. ⁽⁹¹⁾ ⁽⁹²⁾ (itálico do original)

Vê-se, portanto, que o Codificador não deixa de registrar em duas de suas obras básicas o seu novo posicionamento diante do tema possessão.

Infelizmente, assim como a *Revista Espírita*, o livro *A Gênese* não é quase lido pelos espíritas; poucos se aventuram a lê-lo; com isso, o entendimento fica equivocada, quando se afirma que não há possessão física, com base em posição anterior de Allan Kardec, posição essa que foi mudada diante dos fatos que lhe foram apresentados.

Tempos atrás, tomamos a liberdade de sugerir à FEB - Federação Espírita Brasileira, que, nas obras citadas - *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese* -, que alertasse o leitor sobre a mudança de entendimento por Allan Kardec sobre a possessão, registrando esse fato em nota de rodapé. Infelizmente, não deu o resultado esperado.

Um outro fator, que não podemos deixar de chamar à atenção, é o fato de que, para Allan Kardec, possessão não significa necessariamente uma obsessão, como muitos de nós acreditamos;

para ele é apenas um fato no qual, certos Espíritos, literalmente, “tomam posse” do corpo do médium, podendo eles serem bons ou maus, conforme o caso. É isso o que ficou claro, para nós, quando da leitura dos itens 47 e 48, acima transcritos.

20) Jan/1868 - Revista Espírita 1868 (Estranha violação de sepultura)

Primeiramente vamos trazer o artigo “Estranha violação de sepultura”, publicado na **Revista Espírita 1868**, mês de janeiro, para depois ver as explicações oriundas de uma comunicação espiritual, cujo autor não foi identificado:

O *Observateur*, de Avesnes (vinte de abril de 1867) relata o fato seguinte:

“Há três semanas, um operário de Louvroil, chamado Magnan, com a idade de vinte e três anos, teve a infelicidade de perder sua mulher atingida de uma doença do peito. O desgosto profundo que disto sentiu foi logo acrescido pela morte de seu filho, que não sobreviveu senão alguns dias à sua mãe. Magnan falava sem cessar de sua mulher, não podendo acreditar que ela o tivesse deixado para sempre e imaginando que ela não tardaria a voltar; foi em vão que seus amigos procuraram lhe oferecer algumas consolações, ele

as repelia todas e se fechava em sua aflição.

“Quinta-feira última, depois de muitas dificuldades, seus camaradas da oficina decidiram acompanhar, até a estrada de ferro, um amigo comum, militar em licença que retornava ao seu regimento. Mas apenas chegaram à estação e Magnan se esquivou e retornou só à cidade, mas preocupado ainda do que de hábito. Ele tomou num cabaré alguns copos de bebida que acabaram por perturbá-lo, e foi nestas disposições que retornou à sua casa pelas nove horas da noite. Ele se achava só, o pensamento de que sua mulher não estava mais lá o super excitava ainda, e sentiu um desejo insuperável de revê-la. Então, tomou uma velha pá e um mau *sulcador*, foi ao cemitério, e, apesar da obscuridade e da chuva horrível que caía nesse momento, ele começou logo a tirar a terra que recobria sua querida defunta.

Não foi senão várias horas depois de um trabalho sobre-humano que ele chegou a retirar o caixão de sua fossa. Unicamente com as suas mãos, e quebrando todas as unhas, arrancou a tampa, depois, tomando em seus braços o corpo de sua pobre companheira, ele levou-a à sua casa e deitou-a em seu leito. Deveria ser, então, em torno de três horas da manhã. Depois de ter aceso um bom fogo descobriu o rosto da morta, depois, quase feliz, correu à casa da vizinha que a tinha enterrado, para lhe dizer que sua mulher tinha voltado, como ele o havia predito.

“Sem dar nenhuma importância às palavras de Magnan, que, dizia ela, tinha visões, levantou-se e o acompanhou até sua casa, a fim acalmá-lo e

fazê-lo deitar. Que se julgue de sua surpresa e de seu pavor vendo o corpo exumado. O infeliz operário falava a morta como se ela pudesse ouvi-lo e procurava, com uma tenacidade tocante obter uma resposta, dando à sua voz a doçura e toda a persuasão da qual era capaz; essa afeição além do túmulo oferecia um espetáculo doloroso.

“No entanto, a vizinha teve a presença de espírito de convidar o pobre alucinado a levar de novo sua mulher e seu caixão, o que prometeu vendo o silêncio obstinado daquela que ele acreditava ter voltado à vida; foi sob a fé dessa promessa que ela reentrou em sua casa mais morta do que viva.

Mas Magnan não se conservou lá e correu a despertar dois vizinhos que se levantaram, como a enterradora, para procurar tranquilizar o infortunado. Como ela também, o primeiro momento de estupefação passado, convidaram-no a repor a morta no cemitério, e desta vez este, sem hesitar, tomou sua mulher em seus braços e retornou a depositá-lo no caixão mortuário de onde a havia tirado, colocou-a na fossa e cobriu-a de terra.

“A mulher de Magnan foi enterrada há dezessete dias; no entanto, ela se encontrava ainda num estado perfeito de conservação, porque a expressão de seu rosto era exatamente a mesma do momento em que foi enterrada.

“Quando se interrogou Magnan, no dia seguinte, ele pareceu não se lembrar do que havia feito nem do que tinha se passado algumas horas antes;

disse somente que acreditava ter visto sua mulher durante a noite.” (*Siecle*, 20 de abril de 1867.) (93)

Vejamos os cinco últimos parágrafos da mensagem que explica esse caso, porquanto é neles que consta o que nos interessa:

Quando a mulher morreu, ela lá ficou em Espírito, e como o casamento dos fluidos espirituais e os do corpo era difícil de se romper em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe necessário um certo tempo para retomar sua liberdade de ação, um novo trabalho para a assimilação dos fluidos; depois, quando estava preparada, **ela se apoderou do corpo do homem e o possuiu. É, pois, aqui, um verdadeiro caso de possessão.**

O homem não é *mais ele*, e notai: não é mais ele senão quando a noite vem. Seria preciso entrarem explicações muito longas para vos fazer compreender a causa dessa singularidade; mas, em duas palavras: a mistura de certos fluidos, como em química o ou de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Eis porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais frequentemente à noite do que de dia.

Ela possui esse homem; manda-o fazer o que ela quer; é ela quem o conduz ao cemitério para lhe mandar fazer um trabalho sobre-humano e fazê-lo sofrer; e no dia seguinte, quando

se pergunta ao homem o que se passou, ele está todo estupefato e não se lembra senão de ter sonhado com sua mulher. O sonho era a realidade; ela tinha prometido retornar, e retornou; retornará e o arrastará.

Numa outra existência, houve um crime de empregado; aquele que tinha do que se vingar, deixou o primeiro se encarnar e escolheu uma existência que, pondo-se em relação com ele, lhe permitia realizar sua vingança. Perguntareis por que essa permissão? Mas Deus não concede nada que não seja justo e lógico. Um quer se vingar é preciso que haja, como prova, a ocasião de superar seu desejo de vingança, e o outro deve sentir e pagar o que fez sofrer ao primeiro. O caso aqui é o mesmo; somente os fenômenos não estando terminados, não se estende por mais longo tempo: existirá outra coisa ainda. ⁽⁹⁴⁾ (itálico do original)

Apenas vale destacar “ela se apoderou do corpo do homem e o possuiu. É, pois, aqui, um verdadeiro caso de possessão”.

21) Fev/1869 - *Revista Espírita 1869* (Espírito que crê sonhar)

Na ***Revista Espírita 1869***, mês de fevereiro, no artigo “Um Espírito que crê sonhar”, no qual temos uma narrativa de Allan Kardec sobre um

Espírito que não acreditava ter morrido, mas apenas sonhando, podemos encontrar mais alguma coisa sobre o assunto de que estamos tratando. Vejamos:

Na sessão da **Sociedade de Paris, de 8 de janeiro**, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, **em se servindo do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. [...].**

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. **Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação,** e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que **o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu**

envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina; mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.**

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isso, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. **Ela não pode mesmo ser de longa duração,** pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade. ⁽⁹⁵⁾

Aqui, então, diante do assunto incluído num dos livros das obras básicas da Codificação, não há mais como contestar com base no argumento de que não se trata de tema constitutivo da Doutrina.

Como dissemos, nós o aceitávamos por estar

tão objetivamente na *Revista Espírita* e também como resposta à experiência pessoal que tivemos, inicialmente relatada.

A novidade é que Allan Kardec afirma que até um Espírito bom poderá possuir o corpo de um encarnado, desde que as condições o exijam, conforme abordado no tópico anterior.

Alguns casos bem intrigantes de obsessão/possessão

No Novo Testamento, encontram-se narrados vários casos de “possessão”. Para exemplificar, trazemos da **Bíblia de Jerusalém** a seguinte trecho da passagem de Lucas 8,26-33 (ver também Mateus 8,28-34 e Marcos 5,1-20) que narra o caso do endemoninhado geraseno:

*“Navegaram em direção à região dos gerasenos, que está do lado contrário da Galileia. Ao pisarem terra firme, veio ao seu encontro um homem da cidade, **possesso de demônios**. Havia muito que andava sem roupas e não habitava em casa alguma, mas em sepulturas. Logo que*



Jesus exorcizando o geraseno

viu a Jesus começou a gritar, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: ‘Que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes’. Jesus, com efeito, ordenava ao **espírito impuro** que saísse do homem, pois se apossava dele com frequência. **Para guardá-lo, prendiam-no com grilhões e algemas, mas ele arrebatava as correntes** e era impelido pelo demônio para os lugares desertos. Jesus perguntou-lhe: ‘Qual é o teu nome?’ - ‘Legião’, respondeu, porque **muitos demônios** haviam entrado nele. E rogavam-lhe que não os mandasse ir para o abismo. Ora, havia ali, pastando na montanha, uma numerosa manada de porcos. Os demônios rogavam que Jesus lhes permitisse entrar nos porcos. E ele o permitiu. **Os demônios** então saíram do homem, entraram nos porcos e a manada se arrojou pelo precipício, dentro do lago, e se afogou.” (96)

Como no texto a palavra “demônio” e a expressão “espírito impuro” são usadas para designar o mesmo ser, julgamos que à época eram entendidas como sinônimos.

O relato sobre os Espíritos terem “entrado” nos porcos é apenas uma crença. Hoje, sabemos não ser isso possível.

O que sempre nos causou estranheza foi a parte da narrativa que informa que os familiares o prendiam com correntes, mas que ele as arrebatava. Isso demonstra que “adquiria uma força descomunal” quando influenciado, algo pouco provável se a base de tal fenômeno fosse “mente a mente”, como muitos supõem.

Nossa impressão foi sempre a de que havia, de fato, uma possessão física do corpo desse homem, razão da potencialização de sua força, a ponto de conseguir arrebentar as correntes.

No livro ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5***, os autores Russell N. Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, citam algo interessante sobre o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.). Na definição de expressão “possessão demoníaca” dizem-nos:

[...] **Josefo** (De Belo Jud. VII 6,3) **pensava que os demônios eram os espíritos dos homens maus, que depois da morte voltavam a este mundo, e essa ideia era comum entre os antigos, incluindo os gregos.** Também foi ideia de alguns dos pais da Igreja, como Justino (cerca de 150 d.C.) e de Atenágoras. **Tertuliano foi o**

primeiro a mudar de ideia na igreja, aceitando que os demônios são anjos caídos, e não espíritos humanos. Finalmente, Crisóstomo (407 d.C.) rejeitou a ideia de que os demônios são espíritos humanos, e a igreja aceitou que os demônios são outros espíritos, talvez pertencentes à ordem dos anjos. [...]. ⁽⁹⁷⁾ (grifo nosso)

Portanto, fica claro que os judeus da época de Jesus acreditavam que os demônios eram tão somente Espíritos dos homens maus, que depois da morte voltavam a este mundo. Somente após Tertuliano (ca 160-ca 220 d.C.) é que houve mudança nesse entendimento, em vez de Espíritos maus, passaram a ser anjos caídos, designação atribuída aos demônios.

Em maio de 1974, foi publicado na revista **Reformador** o artigo de Hermínio de Miranda, intitulado “Possessão e exorcismo” do qual transcrevemos os seguintes trechos:

Osterreich dividiu o seu livro ⁽⁹⁸⁾ em duas partes, a primeira para cuidar da natureza dos estados de possessão, reservando a segunda para **um extenso e minucioso relato histórico** a que chamou “Distribuição da Possessão e sua Importância do ponto de vista da Psicologia

Religiosa”. Depois da conclusão, apresenta um apêndice sobre a Parapsicologia.

A intenção revelada no prefácio é a de oferecer aos filósofos a oportunidade de uma abordagem nova aos problemas suscitados pelo fenômeno.

Seu ponto de partida são as repetidas referências dos evangelistas à possessão, das quais escolheu algumas, como em **Marcos 5:2-10 (o possesso de Gerasa)**, Marcos 1:23-27 e 9:17-27, Mateus 12:22, Lucas 13:10-13, Atos 19:13-16 e vários outros, bem como narrativas dos mesmos episódios nos diferentes evangelistas.

“É impossível – observa o ilustre professor – evitar a impressão de que estamos tratando de uma tradição autêntica.”

Fenômenos idênticos são relatados igualmente por inúmeros autores leigos através dos tempos, o que empresta aos fatos observados uma aura de veracidade que seria impossível deixar de admitir, como assinala o autor.

Luciano (nascido no ano 125 de nossa era) descreve um cidadão que praticava profissionalmente a forma de exorcismo então conhecida: era um sírio que dialogava inteligentemente com o Espírito possessor, perguntando-lhe como havia entrado no corpo.

O paciente – escreve Luciano em “O Amante da Mentira” – permanece silencioso, mas o demônio responde em grego ou em línguas bárbaras e diz quem é ele, de onde vem e como entrou no corpo do homem: este é o momento escolhido para conjurá-lo a retirar-se; se ele resiste, o sírio o

ameaça e finalmente o expulsa.

Um certo Flávio Filóstratos, na biografia que escreveu de **Apolônio de Tiana**, conta um episódio de possessão e um curioso exorcismo. Uma senhora apresentou-lhe o filho possesso, explicando que o demônio gostava dele porque tinha uma aparência muito agradável e acrescentou:

“Ele (o suposto demônio) não lhe permite o uso de sua própria razão, impedindo-o de ir à escola, de aprender a manejar o arco e a flecha e até mesmo de permanecer em casa; leva-o para lugares ermos. O menino não tem nem mesmo sua própria voz; emite sons graves e profundos como os de um homem adulto. Os olhos pelos quais ele vê não são os seus.”

Mais adiante, a mulher informa ao sábio que de suas conversas com o possessor este a informou, pela boca de seu filho, que era o Espírito de um homem morto na guerra e que muito sofria com a saudade de sua esposa. Além do mais, a ingrata traíra impiedosamente sua memória três dias após sua morte, casando-se novamente. Havia mesmo tentado uma “barganha” com a mãe do menino.

Se ela não o denunciasse, ele faria muitos benefícios ao jovem, de quem muito gostava.

Cedo, porém, ela descobriu que suas promessas eram enganadoras e que o possessor continuava a agir com leviandade e egoísmo.

Como o menino se recusara a ir ver o sábio, Apolônio de Tiana entregou à mulher uma carta contendo “as mais terríveis ameaças” ao demônio.

Não ficamos sabendo se o Espírito levou a sério as ameaças.

Cirilo de Jerusalém, autor cristão do século quarto, também tinha noção exata do fenômeno da possessão, descontada naturalmente a sua crença de que o possessor era o próprio demônio:

“Sua presença é das mais cruéis e opressivas; a mente fica obscurecida: seu ataque é também uma injustiça e uma usurpação de recursos alheios. Pois ele usa tiranicamente o corpo dos outros e seus instrumentos como se fossem de seu próprio domínio; atira no chão os que estão de pé; perverte a língua e contorce os lábios. Emerge espuma em lugar de palavras; o homem fica envolto em trevas; seus olhos estão abertos e contudo sua alma não vê através deles e o miserável estremece convulsivamente até morrer.”

Relato quase idêntico faz **Zeno de Vernona** (morto pelo ano 375 da nossa era). Descreve a terrível cena da possessão, acrescentando que o possessor informa acerca de seu sexo, “o momento e lugar onde entrou na pessoa, diz o seu nome e a data da sua morte”.

Este escritor não chama o possessor de demônio, como muitos, e sim de “espírito impuro”.
(⁹⁹) (itálico do original)

Temos aí um breve registro histórico da crença na possessão. Em relação à época, para nós, o destaque é Apolônio de Tiana (c. 15 d.C. - c. 100

d.C.), que foi um filósofo neopitagórico, adepto do ascetismo e professor de origem grega. (100)

E para nossa maior surpresa, encontramos relatos semelhantes na *Revista Espírita*. Como são de grande interesse a esse nosso estudo, vamos listar os casos:

1º) Possessos de Morzine

Na ***Revista Espírita 1863***, mês de fevereiro foi publicado o terceiro artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, embora já o tenhamos mencionado, retornamos a ele para destacar o seguinte trecho: que relata o caso enviado por um correspondente de Boulognesur-Mer:

“A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sob o domínio de uma triste subjugação. Quase cada noite, sem mesmo excetuar-lhes seus momentos de gravidez, pelo meio da noite, ela é despertada, e logo é presa de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; [...] se sente lançada fora de sua cama, depois, algumas vezes, semivestida, **é levada fora de sua casa e forçada a correr pelo campo;** caminha sem saber onde vai **durante duas ou três horas,** e não é senão quando pode

parar que ela reconhece o lugar onde se encontra. Não pode pedir a Deus, e, desde que ela se ponha de joelhos para fazê-lo suas ideias são em seguida atravessadas por coisas bizarras e algumas vezes mesmo imundas. Não pode ela entrar em nenhuma igreja; disso tem uma boa inveja e um grande desejo; mas, quando chega à porta, sente como uma barreira que a detém. **Quatro homens procuraram fazê-la entrar na igreja dos Redentoristas, e não puderam a isso chegar**; ela gritava que a matavam, que lhe esmagavam o peito. ⁽¹⁰¹⁾

No mês de abril, foi publicado o quarto artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, do qual destacamos o seguinte trecho:

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declararam **no mês de março de 1857, sobre duas meninas de uma dezena de anos; no mês de novembro seguinte, o número dos doentes era de vinte e sete, e em 1861 atingiu a cifra máxima de cento e vinte.**

Se nos dermos conta dos fatos segundo o que vimos, poder-se-ia dizer que não vimos senão o que não quisemos ver; aliás, chegamos ao declínio da doença, e ali não ficamos muito tempo para tudo observar. Citando as observações dos outros, não se nos acusará de não ver senão pelos nossos olhos.

Tiramos do relato do qual demos acima um extrato, as observações seguintes:

“Essas crianças falam a língua francesa durante suas crises com uma facilidade admirável, mesmo as que, fora de lá, dela não sabem senão algumas palavras.

“Essas crianças, uma vez em suas crises, perdem completamente toda reserva para o que quer que seja; perdem também completamente toda afeição de família.

“A resposta é sempre tão pronta e tão fácil, que dir-se-ia que vem antes da interrogação; essa resposta é sempre *ad rem*, exceto quando o falador responde por asneiras, por insultos ou uma recusa exagerada.

“Durante a crise, o pulso fica calmo, e, no maior furor, o personagem tem o ar de se possuir, como alguém que chamasse a cólera à sua ordem, sem se assemelhar às pessoas exaltadas ou presas de um acesso de febre.

“Notamos durante as crises uma insolência estranha que ultrapassa toda expressão, nas crianças que, fora de lá, são doces e tímidas.

“Durante a crise, há em todas essas crianças um caráter de impiedade permanente levado além de todos os limites, dirigido a tudo que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante desses momentos horríveis é o ódio de Deus e de tudo o que a ele se relaciona.

“Está bem constatado para nós que essas

crianças revelam *coisas que acontecem ao longe, assim como fatos passados dos quais não tinham nenhum conhecimento; elas revelaram também a várias pessoas os seus pensamentos.*

“Anunciam algumas vezes o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.

“Sabemos que deram respostas exatas a perguntas dirigidas em línguas desconhecidas para elas, alemão, latim, etc.

“Essas crianças têm, no estado de crise, uma força que não é proporcional à sua idade, uma vez que **é preciso três ou quatro homens para conter, durante os exorcismos, as meninas de dez anos.**

“Há a se notar que, durante a crise, as crianças não fazem nenhum mal, nem pelas contorções que parecem de natureza a deslocar seus membros, nem pelas quedas que dão, nem pelos golpes que se dão batendo com violência.

*“Há sempre, invariavelmente, em suas respostas, a distinção de vários personagens: a *moça e ele, o demônio e o condenado.**

“Fora da crise, essas crianças não têm nenhuma lembrança do que disseram ou do que fizeram; seja que a crise tenha durado mesmo todo um dia, seja que elas tenham feito obras prolongadas ou incumbências dadas no estado de crise.” ⁽¹⁰²⁾ (itálico do original)

Na **Revista Espírita 1864**, mês de agosto,

Allan Kardec publica o artigo “Novos detalhes sobre os possessos de Morzine”, do qual transcrevemos o seguinte trecho do relato de Ch. Lafontaine:

“Os possessos, em número em torno de **setenta**, com um único jovem, juravam, rugiam, saltando em todos os sentidos; isso durou várias horas, e quando o prelado [Mons. Maguin, bispo de Annecy] quis proceder à confirmação, sua fúria redobrou, se é possível; deveu-se arrastá-los junto ao altar; **sete, oito homens deveram várias vezes reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas**; os soldados lhes deram mão forte. O bispo deveria partir às quatro horas; às sete da noite ele estava ainda na igreja, onde não se lhe podia conseguir mais lhe conduzir três doentes; chegou-se a lhe arrastar duas ofegantes, a espuma à boca, a blasfêmia nos lábios até os pés do prelado. **A última resistiu a todos os esforços**; o bispo, batido pela fadiga e emoção, deveu renunciar a lhe impor as mãos; saiu da igreja, tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas dos possessos enquanto que se debatiam sob sua bênção.” ⁽¹⁰³⁾

2º) Valentine Laurent, a jovem de Marmande

Do já mencionado artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, destacamos

a seguinte parte do relato feito pelo Sr. Dombre desse notável caso de uma cura de obsessão:

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarteirão da cidade, **as crises convulsivas experimentadas por uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos.** Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, **eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama.** Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. **Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes,** e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões.

[...] Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; **depois das crises,** a menor lembrança de seus sofrimentos, de suas convulsões, mas **muita admiração de ver a casa cheia de gente, e sua cama cercada de homens sem fôlego, dos quais alguns tinham a lamentar uma camisa ou um colete rasgado.** ⁽¹⁰⁴⁾

3º) Rose N..., de Barcelona

Na **Revista Espírita 1865**, mês de junho, temos o artigo “Os Espíritos na Espanha” que trata da “Cura de um obsidiado em Barcelona”, dele transcrevemos os seguintes parágrafos:

Rose N..., casada em 1850, foi atingida, poucos dias após seu casamento, **por ataques espasmódicos que se repetiam muito frequentemente e com violência**, enquanto esteve grávida. Durante sua gravidez ela não sentiu nada, mas depois do parto os mesmos acidentes se renovaram; **as crises, frequentemente, duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia todas as espécies de extravagâncias, e três ou quatro pessoas bastavam com dificuldade para contê-la**. Entre os médicos que foram chamados, uns diziam que era um mal nervoso, os outros que era loucura. O mesmo fenômeno se renovava a cada gravidez; quer dizer que **os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam depois do parto**.

Isso durava há muitos anos; a pobre senhora era das de consultar uns e outros e fazer remédios que não levavam a nenhum resultado; essas pessoas corajosas estavam no fim de paciência e de recursos, **a mulher ficando algumas vezes meses inteiros sem poder vagar aos cuidados de seu esposo**. Às vezes, ela sentia uma melhora

que fazia esperar uma cura, mas depois de algumas semanas de descanso, o mal retornava com uma recrudescência terrível.

Tendo algumas pessoas os persuadido de que um mal tão rebelde devia ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos, e a paciente ia a um santuário distante vinte léguas, de onde retornava tranquilizada em aparência; mas, ao cabo de alguns dias, o mal retornava com uma nova intensidade. Ela tornou a partir para um outro sítio afastado, onde ficou quatro meses, durante os quais ficou bastante tranquila que se a acreditou curada; retornou, pois, para a sua família, feliz de vê-la enfim livre de sua cruel doença; mas, depois de algumas semanas, suas esperanças foram de novo frustradas; os acessos reapareceram com mais força do que nunca. O marido e a mulher estavam desesperados.

Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento desse fato, nos propondo tentar aliviar, senão curar essa pobre perseguida, porque acreditava ali ver uma obsessão das mais cruéis. **A doente estava então submetida a um tratamento magnético** que lhe havia proporcionado um pouco de alívio, mas o magnetizador, **embora Espírita, não tinha os meios de evocar o Espírito obsessivo, por falta de médium,** e não podia, apesar de sua boa vontade, produzir o efeito desejado. Aceitamos com zelo essa ocasião de fazer uma boa obra; reunimos vários adeptos sinceros, e fizemos vir a doente.

Alguns minutos bastaram para reconhecer a

causa da doença de Rose; era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muita dificuldade em fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, nos respondeu algumas palavras sem nexos, e logo se lançou com uma fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta que foi, no entanto, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, que teve lugar alguns dias depois, pudemos reter por tempo mais longo o Espírito obsessor, que se mostrou, no entanto, sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemos-lhe compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar uma dívida antiga. Na quarta evocação, orou conosco e se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e **acabamos por fazê-lo renunciarão mal** que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e **tivemos a satisfação de ver as crises cessarem** na nona. Cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado perfeito de tranquilidade. **Desde o mês de agosto, eis disso nove meses, a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas.** Somente de longe em longe, ela sentia ligeiros abalos em consequência de algumas contrariedades, que não podia dominar; mas isso

não era senão como raios sem tempestades, e para lhe demonstrar praticamente que ela não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a sua cura, pela sua fé, seu fervor, sua confiança no Criador e reprimindo seu caráter naturalmente dominador. Tudo isso contribuiu para que o obsessor tomasse força sobre si mesmo, porque não a tinha bastante para alistar-se no bom caminho; ele temia as provas que deveria sofrer para merecer seu perdão. Mas, graças a Deus, e com a ajuda poderosa dos bons guias, está hoje no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. É ele que, hoje, dá muitos bons conselhos àquela que perseguiu por tanto tempo, e que está agora robusta e alegre, como se nunca tivesse tido nada. No entanto, **a cada oito dias, ela vem se submeter a uma magnetização**, e, de tempos em tempos, evocamos seu antigo perseguidor para fortalecê-lo em suas boas resoluções. ⁽¹⁰⁵⁾

Julgamos que para conseguir essa “força descomunal”, que vimos nesses relatos, a ponto de ser preciso não dois, mas, em alguns casos, até de oito braços fortes para contenção da vítima, é necessário que o obsessor possa dominar completamente o corpo físico dela, o que, diante de nossa experiência em tais casos, só ocorre pela

possessão, no sentido literal.

Entendemos que isso não ocorre com todos os obsediados, mas somente com aqueles cujo processo mediúnico se caracteriza pelo afastamento temporário de seu Espírito e dessa forma abre caminho para que o obsessor “incorpore” em seu corpo.

Ao final da transcrição do 1º caso foi dito que “Fora da crise, essas crianças não têm nenhuma lembrança do que disseram ou do que fizeram”. Em relação ao segundo caso, temos que “depois das crises, a menor lembrança de seus sofrimentos de suas convulsões” o que conflita com o que Allan Kardec disse anteriormente. Esse será o nosso próximo tema.

Haveria lembrança dos fatos ocorridos durante o período da possessão?

Será oportuno lembrarmos este trecho do artigo “Estudos sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na **Revista Espírita 1862**, no mês de dezembro, que reduziremos até onde não comprometa a compreensão do relato:

Um Espírito quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco; [...] Há a se anotar que, nesse estado, o indivíduo, frequentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo, mas é constrangido a fazê-lo, como se um homem, mais vigoroso do que ele, lhe fizesse mover, contra a sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua. Eis um exemplo curioso.

Em uma pequena reunião de Bordeaux, no meio de uma evocação, **o médium, jovem de um caráter brando** e de uma perfeita urbanidade, **se põe de repente a golpear sobre a mesa, se levanta, os olhos ameaçadores, mostrando os punhos aos assistentes**, dizendo-lhes as mais

grosseiras injúrias, e querendo lançar-lhes o tinteiro na cabeça. Esta cena, tanto mais assustadora quanto se estava longe de esperá-la, **durou em torno de dez minutos, depois dos quais o jovem retomou sua calma habitual, desculpando-se pelo que a acabara de se passar, e dizendo que sabia muito bem ter feito e dito coisas inconvenientes, mas que ele não pudera impedir isso. [...].** ⁽¹⁰⁶⁾

Allan Kardec afirma que “nesse estado, o indivíduo, frequentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo”, sinceramente não conseguimos entendê-lo, porquanto coloca a consciência dos fatos que ocorrem durante a possessão como uma regra desse fenômeno.

Entretanto, vemos que o teor dessa frase corrobora o que foi relatado no caso do “jovem de um caráter brando”, em que esse paciente conseguiu se lembrar do acontecido no período em que foi possuído.

Três outros casos semelhantes, que já mencionamos, estão registrados na *Revista Espírita*:

1º) Entre os possessos de Morzine, relatados na *Revista Espírita 1863*, mês de fevereiro, serão

citadas duas crianças de cerca de dez anos, que “fora da crise, não têm nenhuma lembrança do que disseram ou fizeram” (107).

2º) Na *Revista Espírita 1865*, no artigo que narra o caso da jovem obsidiada de Marmande, também será informado que Valentine Laurent, de treze anos, não se lembrou de seus sofrimentos e de suas convulsões (108)

3º) Na *Revista Espírita 1868*, no artigo “Estranha violação de sepultura”, o operário Magnan, possuído pela Espírito de sua mulher, não se lembrava de ter ido ao cemitério e desenterrar o corpo dela, acreditava apenas ter sonhado com ela. (109)

A nossa dificuldade reside no fato de que, geralmente, em casos desse tipo em que o Espírito do encarnado se emancipando do corpo físico produz a inconsciência, quer dizer, não estará em estado normal que lhe permita perceber o que lhe ocorre à volta, uma vez que não está ligado ao cérebro físico tal como acontece no estado normal.

Em ***As Aparições Materializadas dos Vivos***

e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos

(1909), o autor Gabriel Delanne (1857-1926), esclarecendo sobre um desdobramento disse:

[...] estando o espírito fora do corpo, ele não mais impressiona diretamente o cérebro material, de modo que a memória é geralmente obliterada por tudo o que se passou durante sua excursão noturna. ⁽¹¹⁰⁾

O que constatamos na prática é que não há lembrança do que aconteceu no período da possessão pelo fato de não haver ligação direta do Espírito ao cérebro físico razão pela qual esse não registra o que ocorreu naquele momento, exatamente como foi colocado por Gabriel Delanne.

Fato semelhante podem ser vistos nos casos relatados de EQM - Experiência de Quase-Morte. O britânico Dr. Sam Parnia, professor de medicina no *NYU Langone Medical Center*, em ***O Que Acontece Quando Morremos*** (2005), esclarece que:

Aquilo era particularmente intrigante. **Normalmente pessoas que estão muito doentes** desenvolvem um estado agudo de confusão,

caracterizado por **processos de pensamento desordenados com perda de memória**. Isso é compreensível porque quando o delicado equilíbrio entre nutrientes, hormônios e outras substâncias ao redor do cérebro fica comprometido, então, é claro, não existe um trabalho adequado. **A grande maioria das pessoas de nosso estudo possuía perda completa de memória durante o período da parada cardíaca**, que é o que eu esperava, mas **de 6 a 10% paradoxalmente pareciam ter processos de pensamento e consciência, em outras palavras, uma EQM**. Muito embora eles também tivessem perdido as lembranças dos acontecimentos a respeito da doença, eles se lembraram da EQM muito claramente. ⁽¹¹¹⁾

O Dr. Pim van Lommel, autor do capítulo “Sobre a continuidade da nossa consciência”, inserido na obra **Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte**, apresenta o seguinte esclarecimento:

Assim, em 1988, começamos um estudo prospectivo de **344 sobreviventes consecutivos de paragem cardíaca** em dez hospitais holandeses, com o intuito de investigarmos a frequência, a causa e o conteúdo de uma EQM ⁽¹¹²⁾. Realizamos uma pequena entrevista-padrão no espaço de poucos dias após a reanimação a pacientes já suficientemente recuperados, e

perguntamos se eles **se recordavam do período de inconsciência e do que é que se recordavam**. Nos casos em que foram relatadas memórias, codificámos as experiências de acordo com um índice ponderado face à profundidade da experiência. [...].

Resultados: **62 pacientes (18%) relataram alguma lembrança do período em que estiveram em morte clínica**. Destes pacientes, 41 (12%) tiveram uma experiência profunda, com uma pontuação igual ou superior a 6, e 21 (6%) tiveram uma EQM superficial. [...]. ⁽¹¹³⁾

Considerando que na EQM ocorre a emancipação da alma o que seria de esperar é que os pacientes não pudessem dar notícia de absolutamente nada do acontecido à sua volta, quando estavam no estado de morte clínica. Porém, com base na última fonte, os dados apontam que 18% das pessoas que passaram por uma EQM “relatam alguma lembrança do período em que estiveram em morte clínica”.

Poderemos acrescentar os casos de manifestação de Espíritos de pessoas vivas, que também têm como pano de fundo a emancipação da alma. Apresentaremos duas ocorrências com o

próprio Codificador.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XXV - Evocações, do item 284 que trata da “Evocação de pessoas vivas”, destacamos as seguintes questões:

38. *Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?*

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. **O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado**, dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.”

39. *Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?*

“**Dorme ou cochila**; é quando o Espírito está livre.”

44. *A pessoa viva conserva a lembrança da evocação, depois de despertar?*

“**Não**; vós mesmos o sois mais frequentemente do que pensais. Só o Espírito o sabe, podendo às vezes **a evocação deixar uma impressão vaga como a de um sonho.**” ⁽¹¹⁴⁾

Em qualquer dos momentos em que a alma de um vivo se emancipa do corpo físico, ela poderá se

manifestar. Só que, como dito, ela não se lembrará do que lhe ocorreu durante o desenrolar de sua manifestação. O máximo que poderá lhe acontecer é guardar “uma impressão vaga como a de um sonho”.

No último parágrafo do artigo “Os agêneres”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, Allan Kardec conta o seguinte:

Um fato quase análogo nos é pessoal. Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, um dos nossos amigos viu-nos várias vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: “Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão.” [...] em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre. Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da matéria? ⁽¹¹⁵⁾

No estado de emancipação da alma provocado pelo sono, o Codificador conversava sobre seus trabalhos prediletos com um amigo.

Na **Revista Espírita 1859**, no mês de setembro, temos o artigo “Morte de um espírita”, do qual transcrevemos este trecho:

(Sociedade, 8 de julho de 1859)

O senhor J..., negociante do departamento da Sarthe, que morreu em 15 de junho de 1859, **era um homem de bem, sob todos os aspectos**, e de uma caridade sem limites. Ele **fizera um estudo sério do Espiritismo**, do qual era um dos fervorosos adeptos. Como assinante da *Revista Espírita*, **tinha relações indiretas conosco, sem que nos vissemos**. Evocando-o, [...] era para nós um objeto de estudo interessante do ponto de vista da influência que pode ter o conhecimento aprofundado do Espiritismo sobre o estado da alma depois da morte.

1. *Evocação*. – R. Estou aqui há algum tempo.

2. Não tive o prazer de vos ver; não obstante, me reconheceis? – R. Eu vos reconheço tanto melhor **quanto se vos visitasse frequentemente, e porque tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante a minha vida**.

Nota. – Isso confirma o fato muito importante e do qual tivemos numerosos exemplos, de

comunicações que os homens têm entre si, com o seu desconhecimento durante a sua vida. Assim, **durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente.** Eles trazem, ao despertar, uma intuição das ideias que hauriram nessas conversas ocultas, mas das quais ignoram a fonte. Temos, dessa maneira, durante a vida, uma dupla existência: a existência corpórea que nos dá a vida de relação exterior, e a existência espírita, que nos dá a vida de relação oculta. ⁽¹¹⁶⁾

Aqui temos a inusitada ocorrência de dois Espíritos encarnados, que, durante o sono, confabularam algumas vezes, certamente que nesses momentos suas almas estavam emancipadas do corpo físico. Em nenhum momento Allan Kardec afirma ter se lembrado dessas conversas.

No cap. XIX - Transe e incorporações da obra **No Invisível** (1901), de Léon Denis (1846-1927), encontramos algo que tem relação com esse nosso tema:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e à alma tornar a viver por um instante sua vida

livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. [...] esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. **No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.** ⁽¹¹⁷⁾

De **Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)** (1934), autoria de Ernesto Bozzano (1862-1943), não podemos deixar de mencionar do caso XLV esta fala da escritora e sensitiva Joy Snell (? - ?) sobre sua aparição à amiga Maggie, com a qual encontrou-se uma semana depois:

[...] Parecia evidente que **ela não havia conservado a menor recordação da visita que me fizera em espírito.** É este um mistério que não consigo explicar, tanto mais que, **no decurso de minha vida, tive numerosas aparições de vivos que me falaram e aos quais falei, e sempre tive de convencer-me que nunca eles guardaram lembrança de se terem comunicado comigo...** ⁽¹¹⁸⁾

Por que motivo os vivos não guardavam lembrança das visitas? Teria sido por que o cérebro físico delas não registrou essas visitas? Entendemos que somente os Espíritos, cuja consciência (mente) acompanhava, estiveram presentes e testemunharam tais visitas.

Eis o nosso problema: saber por qual motivo algumas pessoas em estado de emancipação da alma lembram de episódios ocorridos quando nessa situação.

Opiniões favoráveis à posse física

Seguindo nosso estudo, iremos agora ver o que Albert de Rochas (1837-1914), Frederic Myers (1843-1901), Léon Denis (1846-1927), Gabriel Delanne, Gustave Geley (1868-1914) e Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) nos trazem a respeito desse intrigante assunto.

a) **Albert de Rochas**, em **As Vidas Sucessivas** (1911), cita “O caso de Mireille”, no qual inicia dizendo:

Nas ciências espíritas produz-se com frequência, espontaneamente, mudanças de personalidade chamadas de encarnações. **Seria o espírito de um morto que se apoderaria do corpo do médium e falaria através de sua boca.**

Pude estudar, durante vários meses, um caso análogo, mas no sono magnético provocado por passes. ⁽¹¹⁹⁾

Ao final do primeiro parágrafo, a Editora nos remete a uma nota de rodapé, com o seguinte teor:

O movimento espírita tem preferido usar a expressão “incorporação” para designar o processo mediúnico em que o espírito assume o controle do médium. Tal expressão, ainda assim, é vista com algumas restrições, pois **o espírito comunicante não entra no corpo do médium.** O pesquisador L. Palhano Jr. cunhou, para classificar esse mesmo processo, o termo “psicopraxia”, tentando pôr fim às imprecisões da linguagem. **O que é de todo errado é o termo encarnação para designar qualquer tipo de manifestação mediúnica ou anímica.** Como os leitores poderão observar, este capítulo reflete, apesar da importante contribuição de suas pesquisas, o desconhecimento que possui o cel. de Rochas em relação a alguns aspectos da mediunidade, hoje já melhor estudados e compreendidos. (N.E.) ⁽¹²⁰⁾

Aqui temos um dos motivos pelos quais o tema ainda vai levar muito tempo para que seja bem esclarecido para o grande público, pois as opiniões pessoais de alguns estudiosos e/ou editores prevalecem aos fatos, como os que apresentaremos ao longo dessa pesquisa.

Concordamos, plenamente, quanto ao fato do uso inadequado, por Albert De Rochas, do termo “encarnação” para designar o fenômeno, o que logo

à frente se verá.

Seguindo em frente, tomaremos deste ponto do curso do relato do caso Mireille:

Vincent, chamado por Mireille ou por mim servindo-me de Mireille adormecida magneticamente e desprendida de seu corpo físico, chega instantaneamente (ele se transporta tão rápido quanto nosso pensamento se transporta em direção a seu objeto, qualquer que seja a distância) e pode comunicar-se comigo com o auxílio de dois procedimentos:

1º – indiretamente, servindo-se do espírito de Mireille, ao qual ele sugere o que deseja dizer-me por uma transmissão mental; porém este procedimento é imperfeito, pois Mireille jamais está muito certa de que o pensamento que lhe vem não é de si própria;

2º – **diretamente, servindo-se do corpo de Mireille.** Para isso é preciso que eu magnetize ainda mais fortemente o sujeito de maneira a desduplicá-lo, isto é, de modo a desprender o espírito de seu corpo astral. **O espírito de Vincent entra então no corpo astral de Mireille no lugar do espírito desta.** ⁽¹²¹⁾ **Em seguida, o corpo astral de Mireille, com o espírito de Vincent, entra no corpo carnal de Mireille, de maneira que, em definitivo, há reconstituição de um ser vivo completo com mudança de espírito.**

O espírito de Vincent conserva no corpo de

Mireille a ciência que adquiriu, assim como as qualidades e os defeitos que o caracterizam; sua memória própria é, no entanto, diminuída. Recordar-se apenas vagamente da última vida terrestre e não tem mais nenhuma lembrança das vidas anteriores. Mas o que recorda de sua própria vida, ele se lembra como tendo-a sentido, enquanto que as recordações que lhe vêm da memória de Mireille são como coisas que ele teria lido. Por outro lado, ele possuiria quase que completamente a de Mireille, que está armazenada no corpo astral no momento habitado por ele, se tivesse o hábito de servir-se dela.

No momento preciso em que se efetua o que se pode chamar indiferentemente de encarnação ou possessão, ⁽¹²²⁾ Mireille, que desde o início do sono magnético havia apresentado o fenômeno da insensibilidade cutânea, que tinha cessado de ouvir e de ver outra coisa além do magnetizador e que, enfim, havia perdido toda a memória (e isto por uma progressão durando ainda cerca de quinze minutos, apesar de seu treino), volta bruscamente a tornar-se sensível a todos os toques, vê e ouve todo mundo e retoma toda a sua memória. Tenho o hábito de ter entre minhas mãos, durante toda a duração do sono, as de Mireille, que as abandona a mim com visível prazer. **Quando Vincent encarna, retira suas mãos com um gesto de impaciência, como um homem que se sente acariciado por outro homem.** Há todo um conjunto de traços físicos e morais os mais caracterizados que me parecem sob este ponto confirmar as afirmações do *sujet*.
⁽¹²³⁾

Assim, em suas primeiras encarnações, Vincent examinava com curiosidade suas roupas, procurava o bolso para pegar o lenço, dizendo que no seu tempo as mulheres o tinham mais comodamente guardados, tateava os cabelos, ia olhar-se no espelho e recuava bruscamente com uma emoção que ele explicava dizendo que há bastante tempo não havia visto Mireille assim através dos olhos humanos; pedia para fumar um cigarro que lhe lembrava a vida terrestre e fumava-o até o fim, apesar de Mireille não fumar jamais.
(¹²⁴)

A descrição do processo de “encarnação ou possessão” pode até surgir naturais questionamentos, porém, quanto ao fato do Espírito Vincent apoderar-se do corpo físico de Mireille, é algo que não fará mais sentido negar diante de tudo quanto aqui apresentaremos. Pois ficará sobejamente claro que é possível sim, um desencarnado, ainda que temporariamente, se apoderar do corpo físico de um encarnado.

b) **Frederic Myers**, professor da Universidade de Cambridge, foi um pesquisador dos fenômenos psíquicos e um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres é citado por Léon Denis em seu livro ***No Invisível***:

“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros restam ainda a adquirir para o futuro.” ⁽¹²⁵⁾

A percepção de Frederic Myers é clara quanto à possibilidade de um Espírito desencarnado usar o corpo físico de um encarnado pela incorporação.

c) **Léon Denis** fala sobre o tema em várias de suas obras:

1) ***Cristianismo e Espiritismo*** (1898)

[...] **Fenômenos de incorporação** permitiam aos falecidos **tomar posse do organismo** de um sensitivo adormecido. [...]. ⁽¹²⁶⁾

Os fenômenos de escrita direta ou automática são completados e confirmados **pelos fatos de incorporação** ⁽¹²⁷⁾. Neste, os Espíritos já se não contentam com órgãos de um médium adormecido. **Este por eles mergulhado em sono magnético, abandona o seu invólucro a personalidades invisíveis, que dele se apoderam para conversar com os assistentes.** Por esse meio, sugestivas conversações são entabuladas entre os habitantes do espaço e os parentes e amigos que deixaram na Terra.

Nas manifestações da escrita mecânica, já a identidade dos Espíritos se verifica pela forma dos caracteres traçados, pela analogia das assinaturas, pelo estilo e até pelos erros de grafia habituais a esses Espíritos, e que reaparecem nas suas comunicações. **Nos fenômenos de incorporação, essa identidade ainda se torna mais evidente.** Pelas suas atitudes, gestos e dizeres, o Espírito se revela tal qual era na Terra. Os que o conheceram em sua precedente encarnação, reconheceram-no integralmente o mesmo; a sua individualidade reaparece em locuções características, em expressões que lhe eram familiares, em mil particularidades psicológicas que escapam à análise e só podem ser apreciadas pelos que estudaram de perto esse fenômeno. ⁽¹²⁸⁾

Na primeira transcrição, encontramos a prova da qual falamos anteriormente, sobre o fato da incorporação se tratar de possessão, pelo fato de ser

uma posse física.

2) **No Invisível** (1903):

Em mais elevadas graduações, no estado de hipnose, a exteriorização se acentua até ao desprendimento completo. A alma, liberta de sua prisão carnal, paira nas alturas; seus modos de percepção, subitamente recobrados, lhe permitem abranger um vasto círculo e se transporta com a rapidez do pensamento. A essa ordem de fenômenos pertence o estado de transe, que **torna possível a incorporação de Espíritos desencarnados ao envoltório do médium**, deixado livre, semelhante a um viajante que penetra em casa devoluta. ⁽¹²⁹⁾

Tenho, por minha parte, assistido a muitas sessões nulas ou insignificantes; mas também posso afirmar que tenho visto médiuns admiravelmente inspirados em suas horas de êxtase e de sono magnético. Outros tenho visto escrever de um jato, às vezes mesmo na obscuridade, páginas magníficas de estilo, esplêndidas de elevação e de vigor. **Tenho assistido, aos milhares, a fenômenos de incorporação que permitiam a habitantes do Espaço apoderar-se, durante algumas horas, do órgão de um médium** e proferir frases, discursos, com inflexões tais que todos quantos os ouviam guardavam dessas reuniões uma recordação imorredoura. ⁽¹³⁰⁾

Não nos seria lícito deixar de mencionar ainda os casos de incorporação de vivos no organismo de médiuns adormecidos. Esse gênero de manifestações introduz quase sempre um elemento de confusão e erro nos fenômenos de “transe” e é preciso uma experiência consumada para os não confundir com as manifestações dos desencarnados. Com efeito, os vivos incorporados em um organismo estranho nem sempre têm a noção perfeita de sua verdadeira situação. ⁽¹³¹⁾

Todas as transcrições acima não deixam nenhuma dúvida quanto a incorporação, fenômeno mediúnico pelo qual o Espírito se apossa do corpo físico do médium.

O estado de transe é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal,** e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma despreendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do “eu”, se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. (132)

O Espírito encarnado, dadas as circunstâncias

apropriadas, pode se afastar do seu corpo, fenômeno esse conhecido como “emancipação de alma”. Todos nós sabemos que é a emancipação da alma que possibilita ao desencarnado se apropriar temporariamente do corpo físico, para usá-lo em sua manifestação, conforme as particularidades desta o exigirem.

Continuando a análise da questão, ainda coloca Léon Denis:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem

à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o

menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação se desvanece. O médium desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. ⁽¹³³⁾

Neste ponto, tomando da opinião de Léon Denis, que é considerado o “sucessor” de Allan Kardec, fica assim clara a questão de existirem, além da incorporação, com o desencarnado assumindo o corpo físico do encarnado, os casos de transmissão de pensamento, o que confirma o “mente a mente”, de forma parcial, ou seja, não é uma regra para todos os casos, como, obviamente, a incorporação também não o é.

Dentro em pouco se acentua o transe, o médium adormece, a incorporação se verifica. Em nosso grupo o poder fluídico dos Espíritos-guia era suficiente para anular por completo a personalidade do sensitivo e evitar qualquer intervenção da subconsciência. Quando muito, pôde-se observar algumas vezes num dos sensitivos, a Sra. D., uma interferência de personalidades, quando o transe não era profundo.

Quase sempre as incorporações se sucedem. Desde que a possessão é completa, faz-se a luz, e depois, quando o Espírito se retira, torna-se a diminuí-la para facilitar a ação fluídica dos invisíveis e o ingresso de um novo manifestante. Cada médium serve habitualmente de órgão a três Espíritos diferentes, numa mesma sessão. Enquanto a incorporação se produz num dos médiuns, os outros descansam; algumas vezes as incorporações são simultâneas. Diálogos, discussões se travam então entre diversos Espíritos e o presidente do grupo. Essas conversações entre quatro pessoas, três das quais pertencem ao mundo dos Espíritos, são das que mais vivamente impressionam. ⁽¹³⁴⁾

Léon Denis descreve o que acontecia com os médiuns numa reunião mediúnica.

Essa teoria não poderia resistir a um exame atento dos fatos. **É precisamente nos fenômenos de incorporação que mais positiva se revela a identidade dos Espíritos, quando o transe é profundo e completa a posse daqueles sobre o sensitivo.** Por suas atitudes, seus gestos, suas aloquções, o Espírito se mostra tal qual era aqui na Terra. Os que o conheceram durante sua existência humana o reconhecem em locuções familiares, em mil detalhes psicológicos que escapam à análise. ⁽¹³⁵⁾

Léon Denis explica que a identificação dos Espíritos é mais positiva nos fenômenos de incorporação.

Um pouco mais à frente, Léon Denis descreve:

[...] **No transe, a Srta. Smith vê muitas vezes seu Guia, Leopoldo, a seu lado, e ouve-lhe a voz.** Ele tem vontade própria e procede como entende, muitas vezes se estabelecendo luta entre eles. A Srta. Smith discute; **resiste, ao querer ele tomar posse do seu organismo.** E quando, apesar de seus esforços, esta se torna completa, toda a sua pessoa se transforma; muda-se a voz; é a de um homem, lenta e grave, de pronúncia italiana; o aspecto se lhe torna majestoso. Quando Leopoldo se apodera da mão de Helena, para a fazer escrever, a escrita é inteiramente diversa, e a ortografia é a do século XVIII, época em que ele viveu na Terra. Mais ainda: ele “intervém constantemente em sua vida de modo sensível e quase físico, não deixando margem à menor dúvida”.⁽¹³⁶⁾

O “tomar posse do seu organismo”, referindo ao que acontecia à médium Srta. Smith, não é outra coisa que senão a possessão, que, ao longo da obra, o autor a designará de incorporação, como veremos mais à frente.

As colocações de Léon Denis vêm corroborar o que o próprio Allan Kardec disse sobre a possessão. Agora, mais do que nunca, ficamos convictos dessa realidade, uma vez que todas as colocações, que citamos, estão coerentes entre si, não havendo, portanto, algo que demonstre qualquer contradição entre elas.

3) *Joana D'Arc* (1910)

Poderíamos enumerar muitos outros fatos da mesma natureza. Os habitantes do espaço não desdenham um só dos meios de nos indicarem e demonstrarem que a sobrevivência é uma realidade. **Os Espíritos superiores dão acentuada preferência ao fenômeno da incorporação, por ser o que lhes permite obrar mais conscientemente nas manifestações, o que lhes faculta mais amplos recursos intelectuais.** Na incorporação, o médium, imerso em profundo sono, por efeito de uma ação magnética invisível, abandona o organismo às Entidades que se querem manifestar, as quais, apoderando-se dele, entram em relação conosco, mediante o emprego da voz, dos gestos e das atitudes. Tão sugestiva e imponente é às vezes a linguagem de que usam, que, por ela, sem sombra de dúvida, se lhes reconhecem o caráter, a natureza, a identidade. Tanto tem de fácil a imitação dos fenômenos físicos, tais como as

mesas falantes, a escrita automática, o aparecimento de fantasmas, quão difícil, se não impossível, se mostra a simulação das coisas de elevada ordem intelectual, pois que o talento não é imitável e ainda menos o gênio. Muitas ocasiões temos tido de assistir a cenas desse gênero e sempre nos deixaram funda impressão. Viver, um momento que seja, na intimidade dos grandes Seres, vale por uma das raras felicidades concedidas ao homem neste mundo. **Graças à mediunidade de incorporação é que temos podido comunicar com os Espíritos guias**, com a própria Joana, e receber deles os ensinamentos e as revelações que consignamos em nossas obras. ⁽¹³⁷⁾

Ao que nos transpareceu, os médiuns que trabalhavam no grupo que Léon Denis participava, o faziam pela incorporação.

4) ***Espíritos e Médiuns*** (1921)

Os fenômenos de incorporação permitiam aos mortos possuírem o organismo de um médium adormecido, e conversar com quem haviam conhecido na Terra. ⁽¹³⁸⁾

Inclusive, pode, **nos casos de incorporação**, proporcionar-lhes os meios de se manifestarem aos humanos, com tanta precisão e intensidade como se o tivessem feito durante sua permanência

na Terra, com seu próprio organismo.

O fenômeno da incorporação permite aos espíritos dar-nos provas de identidade mais abundantes e mais convincentes que qualquer outro dos procedimentos de comunicação. Os que conheceram o morto não podem confundir-se: a voz, os trejeitos, as ideias emitidas constituem outros tantos elementos de certeza no que concerne à personalidade do manifestante, especialmente quando se sabe que o médium não pôde conhecê-lo, nem recorrer a nenhum informe sobre sua maneira de ser e seus costumes. ⁽¹³⁹⁾

Também aqui, na primeira transcrição, se tem a prova de que a incorporação é, de fato, uma possessão.

5) ***Síntese Doutrinária - Prática do Espiritismo*** (1921)

[...] as comunicações superiores exigem ordinariamente o estado de sonambulismo ou de hipnose em todos os seus graus, isto é, desde a exteriorização parcial ao desprendimento completo. **Esse estado facilita o transe e torna possível o fenômeno tão notável da incorporação, pela qual o Espírito entra momentaneamente na personalidade do médium, psiquicamente ausente, como um estranho numa casa desabitada.** ⁽¹⁴⁰⁾

Ainda que com palavras diferentes, Léon Denis continua firme na crença de que na incorporação o desencarnado entra no corpo do médium, cuja alma momentaneamente o abandona.

d) **Gabriel Delanne** em **O Fenômeno Espírita** (1893), falando sobre a incorporação, disse:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado**. Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em transe. ⁽¹⁴¹⁾

Ao que nos parece, Gabriel Delanne também admitia a incorporação, especialmente pela forma que explica dizendo “o Espírito se apodera dos órgãos do médium”.

e) **Gustave Geley**, metapsiquista, fundador e primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, também dá a sua contribuição para elucidar o assunto. De sua obra, **Resumo da Doutrina Espírita**, (1897),

transcrevemos:

A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. ⁽¹⁴²⁾

A posição de Gustave Geley é bem clara, quanto ao fenômeno de incorporação ser algo “real e não ilusório”.

A divergência de opiniões, entre os vários autores espíritas, é flagrante; uns contra, poucos a favor, fato que também não deixamos de observar entre os próprios Espíritos desencarnados.

f) **Hernani Guimarães Andrade** (1913-2003), na obra ***Espírito, Perispírito e Alma*** (1984), em

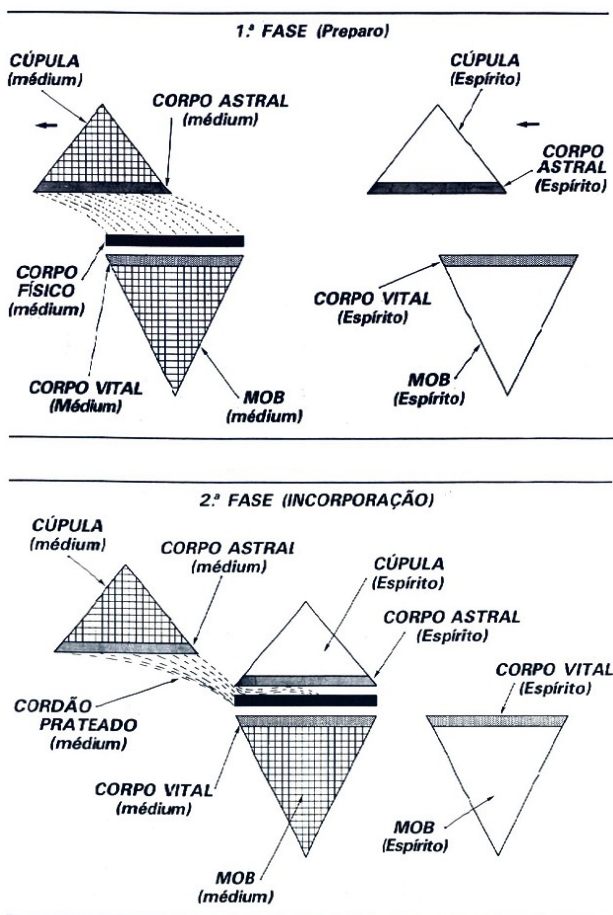
que estuda a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões, a certa altura, diz-nos:

Principiaremos com o mais comum e corriqueiro: a “incorporação mediúnica”. **Na incorporação mediúnica, podemos distinguir várias graduações**, se tomarmos por base os diferentes níveis de conservação de consciência e controle, por parte do médium, durante a comunicação dada pelo Espírito manifestante.

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc.

O mecanismo da “incorporação mediúnica” é fácil de compreender. Ela pode principiar pela aproximação da entidade que deseja comunicar-se. Esta poderá eventualmente influenciar o “médium”, facilitando-lhe o “transe”. **O médium passa então a sofrer um desdobramento astral (OBE) e sua cúpula juntamente com o corpo astral deslocam-se parcial ou totalmente de maneira a permitir que a cúpula e o corpo astral do Espírito comunicante ocupe parcial ou totalmente o campo livre deixado pelo “corpo astral” do médium.** A incorporação é tanto mais

perfeita quanto maior o espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este – o Espírito comunicante – deverá sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral, para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium (ver fig. 16).



Na figura 16 ⁽¹⁴³⁾ mostramos esquematicamente o mecanismo de uma incorporação mediúnica completa. Há casos em que a parte astral do médium se desloca só parcialmente, permitindo que apenas uma fração do astral do Espírito comunicador entre em contacto com a zona anímico-perispirítica daquele. Mesmo nestas condições pode haver comunicação, a qual poderá ser em parte direta e em parte telepática. Em semelhante circunstância há sempre possibilidade de controle das comunicações, por parte do médium. Este poderá interferir no processo, ainda mesmo que totalmente afastado, pois a ligação com a sua zona anímico-perispirítica não cessa. Há sempre a presença do “cordão prateado” garantindo o domínio do próprio equipamento somático. ⁽¹⁴⁴⁾

Dentro da hipótese defendida por Dr. Hernani Andrade sobre o MOB - Modelo Organizador Biológico, a sua explicação, de como aconteceria o fenômeno de incorporação, é feita de uma forma que nos dá uma boa ideia do que, de fato, segundo ele, ocorreria nesses casos.

Um pouco mais à frente, lemos:

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, **possessão**

parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc. ⁽¹⁴⁵⁾

Vê-se, portanto, que Dr. Hernani Andrade aceitava a possessão como uma realidade mediúnica. No próximo tópico voltaremos a essa sua fala, para desenvolver um pouco mais sua opinião.

Como outro exemplo de quem comunga com essa hipótese, citamos Cairbar Schutel (1868-1938), que, em ***Médiuns e Mediunidade*** (1923), assim se expressou:

Na mediunidade falante ⁽¹⁴⁶⁾ **verificam-se também casos de incorporação: o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo.** Neste caso, há sempre inconsciência do médium, porque ele cai em estado de transe. ⁽¹⁴⁷⁾

Portanto, Cairbar Schutel não deixa dúvida quanto ao fato da incorporação.

A FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo publicou a obra **Curso de Educação Mediúnica**, originada das aulas ministradas, na instituição, por diversos autores sob a Coordenação da Área de Ensino.

No programa do 2º ano, temos a 18ª aula que trata da “Obsessão – Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Possessão”, na qual é mencionada a mudança de opinião de Allan Kardec sobre a possessão, citando o livro *A Gênese*, cap. XIV, itens 45 a 49 como o local onde isso ocorreu. Transcrevemos o seguinte trecho da conclusão à qual chegaram:

Em síntese, pode-se dizer que na obsessão o Espírito atua exteriormente por meio de seu Perispírito, e, **na possessão, faz domicílio no corpo do encarnado, que cede seu corpo voluntariamente, como no caso da senhorita Julie, ou, involuntariamente, quando o possessor é um Espírito mau, ao qual o possesso não tem força moral para resistir.** ⁽¹⁴⁸⁾

Corroboramos, portanto, o que nós também concluimos sobre o assunto, tomando-se como base

as próprias obras de Allan Kardec, não arredando um milímetro sequer dos conceitos doutrinários nelas contidos.

Na série André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), encontramos esse assunto em duas de suas obras.

Uma delas é a que tem o título de **Missionários da Luz**, na qual tece comentários sobre o fenômeno - capítulo 16 - **Incorporação**. (Bem curioso é esse título, não é mesmo caro leitor?) Vamos transladar alguns pontos, que julgamos importantes, para o entendimento do tema.

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

– Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...**

[...].

– Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre, sereno e enérgico – é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular**

que lhe não pertence. Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua

vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos**, mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, que urgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. ⁽¹⁴⁹⁾

A outra obra desse autor espiritual que aborda o tema é ***Nos Domínios da Mediunidade***, ditada por André Luiz. Vejamos os trechos nos quais, falando a respeito do médium Antônio Carlos, está dito no cap. 3 - Equipagem mediúnica:

[...] **Quando empresta o veículo** a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes**, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga

prejuízo à organização física. [...]. (150)

Segundo pensamos, se o médium “empresta o veículo a entidades” é porque os Espíritos tomam posse do corpo físico dele ou, no linguajar popular, incorpora-se no médium.

No cap. 6 - Psicofonia consciente, mencionando sobre um processo obsessivo, explica-se:

[...] Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. **Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos**, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto. [...]. (151)

É praticamente o que diz Allan Kardec ao final do item 47, na passagem comentada no item 4 acima - *A Gênese*. A única divergência é que o Codificador falou de posse momentânea, e aqui descreve uma com, provavelmente, cinco anos de

duração.

Ainda no cap. 6 - Psicofonia consciente, reportando à médium Eugênia, temos a seguinte elucidação:

Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha**, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela.

[...].

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de **Eugênia, desligada do veículo físico**, ao cérebro da entidade comunicante.

[...].

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. [...].

[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**

[...].

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade... ⁽¹⁵²⁾

Impressionante como esse trecho se assemelha à fala do espírito que explicava como possuía o corpo físico da Senhora A..., na possessão citada na *Revista Espírita*.

Segundo nos parece de tudo aqui colocado, em se referindo à médium Eugênia, é apenas uma confirmação do que já foi dito antes, o que nos induz a aceitar, sem nenhuma reserva, a possessão física como uma realidade no fenômeno mediúnico.

E, para quem assistiu ao filme *Ghost*, essa descrição nos faz lembrar do que acontecia com a personagem vivida por Whoopi Goldberg, que antes brincava de “receber” espíritos, porém, depois passou a “recebê-los” de fato. No próximo tópico, voltaremos a citá-lo.

Mais à frente, no cap. 8 - Psicofonia sonambúlica dessa mesma obra, vamos encontrar

relatos ocorridos com uma outra médium, Dona Celina, dos quais reproduzimos:

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que coroava.

[...].

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico,** então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente.**

[...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

– Celina – explicou, bondoso – é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa.** A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os centros motores da vida cerebral.** Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de

si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. [...]. ⁽¹⁵³⁾

Vê-se, portanto, a real posse física dessa médium, comprovando-se então a hipótese que estamos estudando. E quase ao final, desse capítulo, é dito:

[...] O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção espiritual do bem. **A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão**, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes. ⁽¹⁵⁴⁾

Aqui se abre a possibilidade de alguma manifestação, via possessão, se tornar em um processo de obsessão, o que, certamente, confirma

tudo já foi explicado.

Logo na sequência de **Nos Domínios da Mediunidade**, temos o cap. 9, intitulado “**Possessão**” (curioso o título, não?), em que esse tema é objeto de estudo específico. Vejamos:

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico**, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível.

[...].

Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

– **É a possessão completa ou a epilepsia essencial.**

– Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

– **Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal.** Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para**

governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.
(¹⁵⁵)

A narrativa não nos leva a outra conclusão senão à de que a possessão é mesmo uma realidade. E, da mesma forma que, em Allan Kardec, ficou demonstrado isso, aqui vemos, sem margem a dúvidas, tudo se confirmando.

A União Espírita Mineira - UEM publicou, em 1983, o livreto **Mediunidade**, da série Evangelho e Espiritismo, do qual transcrevemos:

08 – Qual a condição do médium na psicofonia consciente, na semiconsciente e na inconsciente?

R. – Na psicofonia consciente o Espírito comunicante transmite, telepaticamente, às vezes, à distância, as suas ideias ao médium que as retrata com as suas próprias palavras. Na semiconsciente, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, atuando sobre o campo da fala e outros centros motores. **Na inconsciente, afasta-se o Espírito**

do médium do seu próprio corpo, que mais livremente é utilizado pelo comunicante. Quando há inteira confiança entre ambos, é como se o médium entregasse um instrumento valioso nas mãos de um artista emérito que o valoriza. Se o comunicante é rebelde ou perverso, o médium, embora afastado, age na condição de um enfermeiro vigilante a controlar o doente. ⁽¹⁵⁶⁾

Não sabemos qual é a posição oficial da UEM; porém, da resposta pode-se perceber que há um afastamento do Espírito do médium do seu próprio corpo, que, após isso, passa a ser utilizado pelo espírito comunicante; portanto, s.m.j, julgamos tratar-se do fenômeno de incorporação física.

Visando saber a opinião dos membros do **GAE - Grupo de Apologética Espírita** ⁽¹⁵⁷⁾, enviei-lhes um *e-mail* solicitando de cada um que, sem qualquer tipo de consulta, pudesse nos dizer o que achava sobre isso.

Recebemos oito respostas, das quais 75% foram a favor da possibilidade de um Espírito incorporar num médium. Observamos que, muitas vezes, a experiência pessoal norteia nossa opinião; por isso transcrevemos aqui a que nos deu o

confrade Maurício C. Pimenta, um dos membros:

Oi, Paulo

Minha opinião é de um leigo que não fez nenhum estudo especializado sobre o tema. Meu pressuposto seria o de que o cérebro comanda tudo, ou melhor, o espírito (através do perispírito) comanda tudo a partir do cérebro, que é seu instrumento. Quando penso em mim mesmo, a impressão que tenho é que a sede de minha consciência estaria alojada temporariamente no meu cérebro, muito provavelmente ligado à parte interna da nuca (quem sabe na glândula pineal...). É o que eu sinto no estado normal. Já no estado de desdobramento, percebo que essa sede de consciência se desloca para fora do meu corpo e aumentando consideravelmente o nível de percepção, a ponto de pensar estar numa espécie de universo paralelo independente do atual. Tomando essas percepções como base, minha suposição é a de que numa incorporação ocorra uma tomada dessa região do cérebro, ainda que temporariamente. Para isso, o incorporar seria necessariamente um alojar de outra consciência nessa parte do cérebro, de onde seja possível controlar o corpo físico. Isto seria diferente de apenas ficar “ao lado de”, enviando sugestões e permitindo que o próprio espírito que ali comanda cumpra essas sugestões, a nível consciente ou inconsciente (pensando que elas venham dele mesmo), o que chamaríamos de mediunidade intuitiva.

Em resumo, numa incorporação o espírito se alojaria temporariamente nessa parte do cérebro e daí assumiria o controle do corpo.

Abraços,

Maurício C. P.

Até que nos surja uma explicação melhor, concordamos plenamente com as colocações do nobre colega.

Encontramos uma informação que não poderemos deixar de citá-la, visto corroborar o que dissemos bem no início deste estudo sobre a relação do termo incorporação com a Umbanda. Transcrevemos da obra **Fundamentação da Ciência Espírita** de autoria do prof. Carlos Friedrich Loeffler, o seguinte trecho:

Nos últimos anos, houve algum esforço de certos núcleos diretores do movimento espírita, no sentido de fazer uma “limpeza” no vocabulário largamente usado pelos profíctes da doutrina espírita. Resolveu-se banir o termo “incorporação” por achá-lo incorreto e repleto de influências umbandistas. Promoveu-se sua substituição pelo termo psicofonia.

É interessante o exame desta questão. Antes de

qualquer coisa, **o termo incorporação não foi criado por umbandistas**, pois estes não têm nenhuma preocupação doutrinária, embora nos últimos anos tenha surgido alguma literatura unificadora. **O termo foi cunhado por espíritas.** É encontrado naturalmente nas obras de Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros vultos proeminentes. Obras mediúnicas, como as do espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo P. Franco, usam o termo. [...].⁽¹⁵⁸⁾

Exatamente o que suspeitávamos, ou seja, não se usa mais o termo por puro preconceito, algo que julgamos lamentável.

Conclusão

É importante voltar a algo que estamos chamando a atenção faz tempo: o Espiritismo não tem ponto final, é aberto a novas revelações. Sobre esta abertura citaremos novamente isso que, em a **Revista Espírita 1866**, mês de julho, Allan Kardec disse:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (159)

Em **A Gênese**, o Codificador vai até mais longe ao dizer, em relação à progressividade evolutiva do Espiritismo, que:

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova

se revelar, ele a aceitará. ⁽¹⁶⁰⁾ (itálico do original)

Disso também fica claro que Allan Kardec reformula as respostas dos espíritos, que **nunca os julgou infalíveis**, quando surgem fatos que o levam a concluir o contrário.

Veja bem, amigo leitor, que se considerarmos todas as respostas de *O Livro dos Espíritos* como de origem dos Espíritos e as explicações de *O Livro dos Médiuns* como também obra deles, então, temos que convir que Allan Kardec não ficou preso a elas, como, às vezes, muitos companheiros fazem. Situação nova; mudam-se conceitos anteriores; basta, para isso, que a experiência nos recomende tomar outro caminho.

O que jamais podemos deixar de lembrar é que o próprio Allan Kardec recebia instruções dos Espíritos, via inspiração, pois, em todo o decorrer de sua missão, foi assistido pelos Espíritos e, especialmente, pelo Espírito de Verdade, conforme se pode confirmar por uma mensagem dirigida a ele, em 14 de setembro de 1863, em Paris, constante de ***Obras Póstumas***, da qual destacamos o seguinte

trecho:

Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que **as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, principalmente a do *Espírito de Verdade*, é constante ao teu derredor e tal que não a podes negar.** Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, **segundo meus conselhos ocultos**, modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. **Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. [...].** ⁽¹⁶¹⁾

Podemos, também, corroborar esse fato tomando das próprias palavras de Allan Kardec, registradas na ***Revista Espírita 1867***, mês de setembro; senão vejamos:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem

dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, – em outros tempos eu teria dito: como por encantamento –, de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. ⁽¹⁶²⁾

Então, podemos, sem a menor dúvida, aceitar que as considerações de Allan Kardec a qualquer ponto doutrinário, podem muito bem ser fruto de inspirações dos Espíritos Superiores, envolvidos na Codificação.

Devemos, pois, reformular nossos conceitos sobre a possessão, tendo em vista que deverá prevalecer, segundo acreditamos, a última opinião de Allan Kardec; e é ela que vem dizer da possibilidade real da possessão, por um Espírito, do corpo de um encarnado.

Poderemos dizer que na subjugação o encarnado não quer fazer, mas é constrangido a fazer aquilo que o Espírito obsessivo deseja que o subjugado faça. A atuação do Espírito é por envolvimento.

Nessa hipótese o encarnado está consciente da situação, mas nada pode fazer para evitá-la.

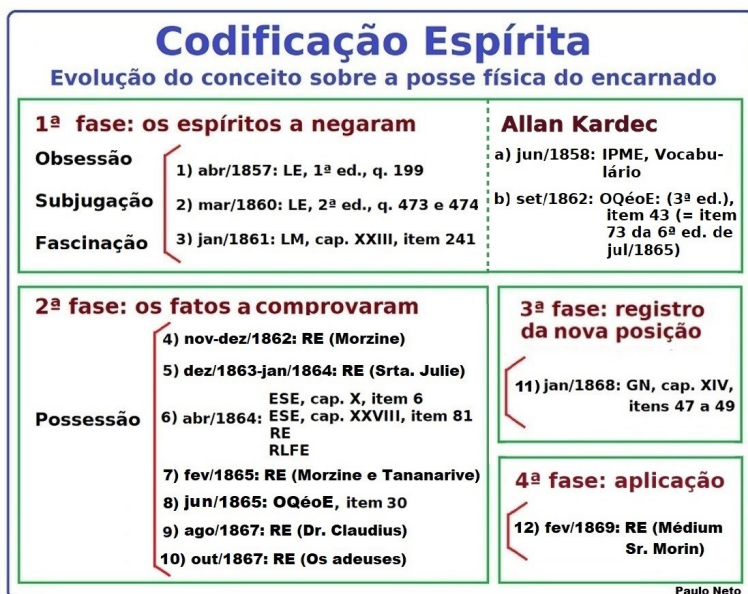
Já na possessão o encarnado não tem a mínima ideia do que lhe está acontecendo; seu corpo, independentemente do seu querer, é conduzido pela vontade do Espírito obsessivo, conforme percebemos; senão em todos, pelo menos na maioria dos casos de que tomamos conhecimento.

Nessa situação está completamente inconsciente, não oferecendo a mínima resistência à vontade do obsessivo, que faz do obsidiado (¹⁶³) nada menos que uma marionete, se assim podemos nos expressar.

Diante do exposto, podemos aceitar, sem medo de errar, que, em alguns casos, existe, mesmo, uma real possessão, no sentido exato da

palavra, ou seja, “posse física”, aplicado a esse fenômeno mediúnic, conclusão a que chegamos nesta pesquisa.

O que aprendemos, como uma oportuna lição, é que sempre devemos fazer nossas pesquisas em todos os livros de Allan Kardec; até que tenhamos a opinião final, não podemos ficar com a primeira que, por ventura, venhamos encontrar.



Demonstramos neste estudo que Allan Kardec mudou de opinião sobre a possessão, cujos dados da

evolução do conceito tivemos a ideia de resumir no quadro logo acima.

De nossa parte ficamos convictos da ocorrência dos dois casos - possessão e incorporação, que são um só, porquanto, ressaltamos, o processo é o mesmo.

O que não podemos dizer é que possessão seja obsessão, pois, vimos que há possibilidade da posse física por um espírito bom. Quanto à incorporação, de forma idêntica, pode acontecer tanto com espíritos bons ou maus.

Podemos, até, usar para fins didáticos, que possessão seja só para espíritos maus, quando ela se dá com um espírito bom designaremos de incorporação. Entretanto, com o termo incorporação não dá para especificar, deixando-o para as duas situações de posse, a de Espíritos bons e dos maus.

Um bom exemplo de possessão de Espíritos bons são os casos da pintura mediúnica ou psicopictografia, embora com alguma dificuldade é que encontramos algo para referendar tal ocorrência.

Da obra ***Uma Olhada no Além***, do médium Jozef Rulof (1898-1952), transcrevemos os seguintes parágrafos:

Neste momento levei-o a uma situação de transe e agora não é ele quem fala para vocês, mas sou eu, Alcar, o seu líder, de quem ele já lhe contou muito. **Eu tomei posse do corpo físico para desenhar através dele e falar com vocês.**

[...].

Agora o André está em transe, assim como nós o denominamos, isto significa que **o seu próprio Espírito está fora do corpo e que eu**, como Espírito, que já morri há muito tempo na Terra e que agora, vivendo no Além, **tomei o seu corpo físico.**

Assim pude desenhar agora e mais tarde também pintaremos. Assim falaremos através dele, ele fará maravilhas, é que nós o vamos desenvolver ainda mais. Diga isto a ele. ⁽¹⁶⁴⁾

Numa tarde isso aconteceria pela primeira vez, **após Alcar lhe comunicar que um pintor francês desejava fazer uso do corpo dele** e que algumas pessoas poderiam estar presentes.

[...].

Sentado diante do cavalete ele entrou em transe um pouco após as duas horas.

O espírito que quis pintar através dele pegou imediatamente a paleta e os pincéis e começou a

trabalhar com mão firme.

O André, antes disso, nunca tivera uma paleta na mão, mas o ser inteligente que se apoderou dele mostrou grande competência. Todos os presentes viram que ali, realmente, um artista estava trabalhando. ⁽¹⁶⁵⁾

A seguir, também **fazia muitas sessões de desenho e pintura**, que eram lindas. Nunca sabiam de antemão o que viria e ficavam curiosos aquilo que chegariam a ver. **Ele já tinha recebido peças lindas, apesar de nunca ter frequentado aulas de desenho e pintura. Tudo acontecia sem ele presenciar conscientemente**, ele era apenas a ferramenta. [...].

O seu espírito deixava o corpo, quando ele estava em transe e uma inteligência tomava o seu organismo. Sobre isso, os Homens deveriam refletir, isso era algo especial. Com isso ficava provado claramente que a morte não é a morte, mas que, **aqueles que morrem aqui na Terra, prosseguem e até são capazes de fazer lindas peças de pintura e muito mais.** ⁽¹⁶⁶⁾

Antes dele ser levado em transe, precisava rezar, a seguir tomava lugar diante do cavalete e aguardava as coisas que viriam. As inteligências não deixavam que esperassem muito por elas e, dentro de alguns minutos, **ele estava em transe; o seu espírito estava fora do corpo físico, que era tomado por um pintor espiritual.**

Exatamente na hora combinada, naquela tarde, estavam presentes todos os convidados, entre eles

encontravam-se dois pintores. **O pintor que se manifestava, montou uma peça com técnica miraculosa.**

Todos os presentes achavam muito interessante, porque, como ambos os pintores disseram, **uma técnica dessa, só podia ser própria de alguém que tinha feito, realmente, um estudo disso.**

A peça ficou pronta em duas horas, era uma apresentação do mar com rochas e teve como título: “Junto à costa da Irlanda.” **Depois, o seu espírito retornou ao seu corpo.** Mas, depois de algum tempo, o Alcar levou-o novamente em transe e falou aos presentes, [...]. ⁽¹⁶⁷⁾

Como concentrar-se-ia em si mesmo, enquanto nem estava mais vivendo no seu corpo? Eles não acreditavam que ele saiu do corpo? **Quando ele pintava e um espírito fazia uso do seu corpo, todavia, também ele saía do seu corpo.** E todavia a pintura estava a ser executada. Isso seria possível quando ele mesmo não sabia nada disso? Precisaria ele mentir a si mesmo e admitir que era assim? Poderia ele se lograr a si mesmo se a força, a consciência, deixar o corpo? ⁽¹⁶⁸⁾

Certa manhã recebeu a notícia do Alcar, que o **Wolff queria pintar uma tela grande.** Ele fez o que o Alcar lhe encarregou e encomendou a tela e todos os outros utensílios. À tarde, quando os entregaram na sua casa, **imediatamente ficara sob influência do artista do Além** e em meia hora o Wolff registrou uma rocha no mar, como

esboço. Depois, o **Wolff trabalhou mais duas manhãs na tela de 1,20 x 1,50 e estava pronta. Duas horas o Wolff trabalhou na tela. Como era possível, um quadro tão grande e lindo, terminar em duas horas?** Depois o André recebeu a notícia de que ela significava a sua própria rocha de vida. [...]. (169)

Podemos até estar encanados, mas a nossa percepção dos médiuns psicopictográficos, os que exercem a “pintura mediúnica”, geralmente, nada conhecem das várias técnicas de pintura, é que em todos eles ocorre o fenômeno da incorporação, por ser a forma com a qual um desencarnado pode manipular totalmente o corpo do médium conseguindo realizar o trabalho de pintura com toda a sua delicadeza, vencendo, obviamente, a incapacidade artística de seu instrumento mediúnico.

É de se destacar que alguns deles não necessitam de claridade alguma para pintar, pintam na mais completa escuridão. Há os pintam com as duas mãos ao mesmo tempo, com os pés, com os quais não têm nenhuma habilidade, fato comum caso tivessem algum tipo de deficiência física.

Aqui, já finalizando, não poderemos deixar de

citar o livro ***Possessão Espiritual*** de Edith Fiore, doutora em Psicologia pela Universidade de Miami, no qual ela narra as experiências que realizou com seus pacientes, submetendo-os a hipnose. Ela acredita nessa hipótese; inclusive, chega a informar que 70% dos casos – mais de quinhentos pacientes – com os quais tomou contato, em seu consultório, tratavam-se de possessão (170).

Tempos atrás, não sabemos precisar quando, tivemos a oportunidade de conversar com uma moça que havia tentado se suicidar pulando da laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Contou-nos que não era a primeira vez que isso lhe acontecia; pois tinha, anteriormente, por duas vezes, tentado dar cabo de sua vida cortando os próprios pulsos. Ela nos confessou que nunca quis realizar esse tipo de coisa, mas uma “força” a obrigava a fazer isso contra a sua própria vontade.

Analisando esse caso, não conseguimos entender como aplicar o “mente a mente” – tese contrária à incorporação – como base para todas as manifestações, uma vez que a pessoa que sofria pressão do Espírito estava, naqueles momentos, em

plena consciência de si, apesar de não conseguir exercer o controle de seu corpo.

A hipótese que mais nos parece aplicar-se ao caso é mesmo a possessão física, tendo o seu Espírito se afastado momentaneamente do corpo, mas conservando, na dimensão espiritual, a sua lucidez, o que a fez conseguir, por um meio qualquer, trazer à memória física o fato acontecido.

Quanto ao “mente a mente” a nossa conclusão é que, apesar de haver casos em que se pode perfeitamente aplicar, outros ocorrem em que a incorporação física é um fato concreto e real.

Desejamos, que você leitor, com esse material, possa avaliar tudo e tirar suas próprias conclusões, já que jamais temos em mente forçar alguém a crer como nós.

Referências Bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- ANDRADE, H. G. ***Espírito, Perispírito e Alma***. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
- BOZZANO, E. ***Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. ***Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5***. São Paulo: Candeia, 1995.
- DELANNE, G. ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos***. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.
- DELANNE, G. ***O Fenômeno Espírita***. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. ***Cristianismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. ***Espíritos e Médiuns***. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- DENIS, L. ***Joana D'Arc***. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- DENIS, L. ***No Invisível***, Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. ***Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo***. Juiz de Fora (MG): Instituto Maria, s/d.
- DOMINGOS, M.; DIAS, P. C e LOUÇÃO, P. ***Relatos verídicos. Experiências de Quase-morte***. Lisboa, Portugal: Ésquilo, 2011.

- FEESP (AUTORES DIVERSOS). **Curso de Educação Mediúnica - 2º ano**. São Paulo: FEESP, 1991.
- FINDLAY, J. A. **No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FIORE, E. **Possessão Espiritual**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GARCIA, W. (org) **Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos / J. Herculano Pires**. São Paulo: Paideia, 2021.
- GELEY, G. **Resumo da Doutrina Espírita**. São Paulo: Lake, 2009.
- HAGAN III, J. C. **A Ciência das Experiências de Quase-morte**. Curitiba: Danúbio Editora, 2020.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Iniciação Espírita**. São Paulo: Edicel, 2007.
- KARDEC, A. **Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas**. (PDF). Rio de Janeiro: FEB, 2012.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Araras (SP): IDE, 1987.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos - Primeira edição de 1857**. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- LOEFFLER, C. F. **Fundamentação da Ciência Espírita**.
Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.
- LOMBROSO, C. **Hipnotismo e Mediunidade**. Rio de Janeiro:
FEB, 1999.
- MIRANDA, H. C. **Diversidade dos Carismas - Teoria e
Prática da Mediunidade - Vol. II**. Niterói (RJ): Arte e
Cultura, 1991.
- MIRANDA, H. C. **O Que é Fenômeno Mediúnico**. São
Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1990.
- MIRANDA, H. C. **Possessão e exorcismo**. in. *Reformador* -
Ano 92, nº 5, mai/1974, p. 11-14, 18-20 e 29-32.
- PARNIA, S. **O Que Acontece Quando Morremos**. São
Paulo: Larouse, 2008.
- RULOF, J. **Uma Olhada no Além**. Holanda: O Século de
Cristo, 2015.
- SCHUTEL, C. **Médiuns e Mediunidades**. Matão (SP): O
Clarim, 1984.

TEIXEIRA, J. R. **Desafios da Mediunidade**. Niterói (RJ): Fráter, 2012.

UEM – União Espírita Mineira. **Mediunidade**. Belo Horizonte: UEM, 1983.

VAN LOMMEL, P. **Sobre a continuidade da nossa consciência**. In DOMINGOS; DIAS; LOUÇÃO, *Relatos Verídicos. Experiências de Quase-morte*, p. 201-232.

XAVIER, F. C. **Missionários da Luz**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. **Nos Domínios da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Periódico:

Reformador – Ano 92, nº 5. Rio de Janeiro: FEB, mai/1974.

Internet

FRANCO, D. P. **Programa Transição 001 - Mediunidade**. Out/2008, disponível em:

<http://www.kardec.tv/video/transicao-tv/377/transicao-001-mediunidade>. Acesso em: 16 mar. 2018.

KARDECPIEDIA, **O Que é o Espiritismo**, 3ª edição, disponível em: <https://kardecpedia.com/obras-de-kardec/o-que-e-o-espiritismo/troisieme-edition/download/28>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MEU DICIONÁRIO, **Apoderar-se**, disponível em:

<https://www.meudicionario.org/apoderar>. Acesso em: 04 dez. 2023.

WIKIPÉDIA, **Apolônio de Tiana**, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Apol%C3%B4nio_de_Tiana#Bibliografia. Acesso em: 16 dez. 2023.

WIKIPÉDIA, **Morzine**, disponível em:
<https://fr.wikipedia.org/wiki/Morzine>. Acesso em: 09 mai. 2020.

PORTAL DO ESPÍRITO, **Possessão**, disponível em:
<http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>. Acesso em: 23 jun. 2008.

SILVA NETO SOBRINHO, P. **Fonte primária corrige erro de tradução em obra da Codificação Espírita**, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/971-fonte-primaria-corrige-erro-de-traducao-em-obra-da-codificacao-espirita>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Imagens:

Capa:

https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/77ccf17551591.562b8fcc684e.jpg. Acesso em: 15 mar. 2018.

AME-JF – ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA,
Plano de aula, Aula nº 19, disponível em:
<https://docplayer.com.br/8975159-Plano-de-aula-figura-b-quando-a-pessoa-e-descrente-e-desconfiada-torna-se-refrataria-e-repele-os-fluidos-que-buscam-envolve-la.html>, Acesso em: 07 nov. 2022.

Cena do vídeo de um trecho do filme Ghost:
<https://www.youtube.com/watch?v=iWH-exCvpcc>. Acesso em: 16 mar. 2018.

Elenco do filme Ghost: <https://omelete.com.br/filmes/ghost-do-outro-lado-da-vida/elenco/>. Acesso em: 16 mar. 2018.

Endemoninhado:

<http://4.bp.blogspot.com/-aL6GKschjs4/TeEdIWGsX8I/AAAAAQI4/vYoe7yy9rgl/s1600/endemoniado.jpg>. Acesso em: 04 jan. 2023.

Produzido pela mente:

https://cdn-images-1.medium.com/max/605/1*8Lyb-mBBDeewjV51T2ANbA.png. Acesso em: 15 mai. 2018.

Mente a mente:

<http://diasmind.com.br/wp-content/uploads/2016/01/telepatia.jpg>. Acesso em: 15 mai. 2018.

Os artigos fontes foram publicados:

- Possessão: há posse física do encarnado?: revista digital **O Consolador** nº 206. Londrina, PR, abr/2011 - parte 1 e nº 207, mai/2011 - parte 2 e final.
- Incorporação por Espíritos (versão original), foi publicado, em três partes, pela Mythos Editora na revista **Espiritismo & Ciência**, nas seguintes edições: nº 70 de maio/2009, p. 6-10; nº 71 de junho/2009, p. 14-18 e nº 72 de julho/2009, p. 6-9.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos*

Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 211.
- 2 Link: <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>
- 3 TEIXEIRA, *Desafios da Mediunidade*, p. 47.
- 4 Link: <https://omelete.com.br/filmes/ghost-do-outro-lado-da-vida/elenco/>
- 5 Link: <https://omelete.com.br/filmes/ghost-do-outro-lado-da-vida/elenco/>
- 6 FRANCO, *Programa Transição 001 - Mediunidade*, de 19' 22" a 20' 25", link: <http://www.kardec.tv/video/transicao-tv/377/transicao-001-mediunidade>
- 7 GARCIA, *Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos* / J. Herculano Pires, p. 364-365.
- 8 MIRANDA, *Diversidade de carismas - Teoria e Prática Mediúnica - Vol. II*, p. 44.
- 9 MIRANDA, *Possessão e exorcismo*. in. *Reformador* - Ano 92, nº 5, mai/1974, p. 11-14, 18-20 e 29-32; MIRANDA, *O Que é Fenômeno Mediúnico* (1990), item 31 - Obsessão e possessão, p. 76-78.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.
- 11 N.T.: Esta passagem foi reproduzida por William White em seu *Swedenborg: His Life and Writings*. Vol. 1. Londres: Bath, 1867, p. 293-294. Na cópia de Jung desse trabalho, ele marcou a segunda metade desta passagem com uma linha na margem.
- 12 JUNG, *O Livro Vermelho*, p. 20.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 24-25.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 74.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 200.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 209.
- 17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 230.
- 18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 218-219.

- 19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 230-231.
- 20 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 240.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 280.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 23 KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- 24 AME-JF - ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA, *Plano de Aula, Aula nº 19*, disponível em: <https://docplayer.com.br/8975159-Plano-de-aula-figura-b-quando-a-pessoa-e-descrente-e-desconfiada-torna-se-refrataria-e-repele-os-fluidos-que-buscam-envolve-la.html>, p. 6.
- 25 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 18.
- 26 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 49.
- 27 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 85-86.
- 28 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 157-158.
- 29 KARDEC, *A Gênese*, p. 11-12.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 52-53.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 353.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 167.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 41.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 44.
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Espíritos - Primeira edição de 1857*, p. 87.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 211-212.
- 38 KARDEC, *Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 34-35.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 267-268.
- 40 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 320-321.

- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 109-110.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 111-112.
- 43 MEU DICIONÁRIO, *Apoderar-se*, disponível em: <https://www.meudicionario.org/apoderar>
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 112-114.
- 45 KARDECPÉDIA, *O Que é o Espiritismo*, 3ª edição, disponível em: <https://kardecpedia.com/obras-de-kardec/o-que-e-o-espiritismo/troisieme-edition/download/28>
- 46 A fonte usada está em francês, a sua tradução nós a tomamos de: KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, in. *Iniciação Espírita*, p. 137-138.
- 47 SILVA NETO SOBRINHO, *Fonte primária corrige erro de tradução em obra da Codificação Espírita*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/971-fonte-primaria-corrige-erro-de-traducao-em-obra-da-codificacao-espirita>
- 48 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, FEB, p. 176.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 321.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 321.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 353.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 357.
- 53 O correto é Morzine, sem o “s”, cf. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Morzine>
- 54 N.T.: Ver a *Instrução sobre os possessos de Morzine*, *Revista Espírita* de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 377.
- 56 Nome corrigido, pois não tem a letra “s” no final.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 357 e 362; *Revista Espírita 1863*, p. 34, 35, 36, 38 e 55.
- 58 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 13.

- 59 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 59.
- 60 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 1-4.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 33-41.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 64 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 11-15.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 15-17.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 17.
- 67 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 69-70.
- 68 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 168-169.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 169-170.
- 70 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 170.
- 71 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 177-178.
- 72 O termo correto é Morzine, sem “s”, conforme consta em <https://fr.wikipedia.org/wiki/Morzine>.
- 73 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 232.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-377.
- 75 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 181.
- 76 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 460.
- 77 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 212.
- 78 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 320-321.
- 79 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 109.
- 80 Esse caso também consta de *O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. VI - Criminosos arrependidos. (KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 303-315)
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 311-313.
- 82 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 5-20.
- 83 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 223.

- 84 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, in. *Iniciação Espírita*, p. 126.
- 85 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 109.
- 86 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 235.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 315-316;
- 88 KARDEC, *A Gênese*, p. 223.
- 89 KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- 90 N.T.: Exemplos de cura de obsessões e possessões: *Revista Espírita* – dezembro de 1863; janeiro e junho de 1864; janeiro e junho de 1865; fevereiro de 1866; junho de 1867.
- 91 N.T.: Foi uma epidemia desse gênero que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine, na Saboia. (Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.)
- 92 KARDEC, *A Gênese*, p. 259-261.
- 93 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 27-28.
- 94 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 30-31.
- 95 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 48-49.
- 96 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1802-1803.
- 97 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*, vol. 5, p. 342-343
- 98 Prof. T. K. Osterreich, da Universidade de Tübingen, na Alemanha, autor de *Possession – Demoniacal and Other among Primitive Races, in Antiquity, the Middle Ages, and Modern Times*, publicado em 1921.
- 99 MIRANDA, *Possessão e exorcismo*. in. *Reformador* – Ano 29, nº5, p. 12-13.
- 100 WIKIPÉDIA, Apolônio de Tiana, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Apol%C3%B4nio_de_Tiana#Bibliografia

- 101 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 35.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 106-107.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 227.
- 104 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 6.
- 105 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 173-174.
- 106 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 357.
- 107 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 107.
- 108 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 6.
- 109 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 27-28.
- 110 DELANNE, *As Aparições materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*, p. 140.
- 111 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 116.
- 112 N.T.: VAN Lommel W, Van Wees R. Meyers V, Elfferich I. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in the Netherlands. *Lancet* 2001; 358:2039-2045.
- 113 VAN LOMMEL, *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In: DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO. *Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte*, p. 205-206.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 314 e 315.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 41.
- 116 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 244.
- 117 DENIS, *No Invisível*, p. 249
- 118 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 125.
- 119 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 315.
- 120 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 315.
- 121 N.T.: O espírito de Mireille aparece sob a forma de uma amêndoa luminosa. Ele se desprende da parte superior do corpo astral e este torna-se sombrio a partir do momento em que não é mais iluminado pelo espírito

que, anteriormente, estava no interior. Este espírito poderia ficar no espaço a nosso lado, porém Vincent prefere fazê-lo entrar no cone que o trouxe e onde sabe que estará ao abrigo dos turbilhões astrais ou mesmo das tentações de sua própria curiosidade, que poderiam levá-lo a regiões desconhecidas e provocar assim um abandono muito prolongado de seu corpo físico. (A.R.)

- 122 N.T.: Nota da tradutora: Ver p. 315 (nosso caso p. 42), parágrafo 1º. De Rochas utiliza os termos encarnação e possessão designando o que a maioria dos autores espíritas atuais chama de incorporação, para os quais, no entanto, tais termos apresentam sentido diverso.
- 123 N.T.: É preciso observar que se passa um fenômeno inverso, mas bem menos complicado, no caso de mudança de personalidade no estado de vigília. No momento em que a sugestão se produz, o *sujet* perde bruscamente a sensibilidade cutânea para retomá-la apenas quando a personalidade sugerida desaparece. (A.R.)
- 124 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 322-323.
- 125 DENIS, *No Invisível*, p. 31.
- 126 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 156.
- 127 N.T.: Ver “No Invisível”, cap. XIX.
- 128 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 190.
- 129 DENIS, *No Invisível*, p. 59.
- 130 DENIS, *No Invisível*, p. 103.
- 131 DENIS, *No Invisível*, p. 151.
- 132 DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- 133 DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- 134 DENIS, *No Invisível*, p. 265.
- 135 DENIS, *No Invisível*, p. 268.
- 136 DENIS, *No Invisível*, p. 275.
- 137 DENIS, *Joana D’Arc*, p. 76.

- 138 DENIS, *Espíritos e Médiuns*, p. 31.
- 139 DENIS, *Espíritos e Médiuns*, p. 110-111.
- 140 DENIS, *Síntese Doutrinária - Prática do Espiritismo*, p. 54.
- 141 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 105.
- 142 GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 54-55.
- 143 Desdobramos a figura 16, nessas duas imagens acima.
- 144 ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 121-124.
- 145 ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 122.
- 146 Refere-se à psicofonia.
- 147 SCHUTEL, *Médiuns e mediunidades*, p. 37.
- 148 FEESP, *Curso de Educação Mediúnica - 2º ano*, p. 140.
- 149 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 260-277 - *passim*.
- 150 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 30.
- 151 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 54.
- 152 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 54-56.
- 153 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 69-74 - *passim*.
- 154 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 75-76.
- 155 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 75-80 - *passim*.
- 156 UEM, *Mediunidade*, p. 52.
- 157 LinK: www.apologiaespirita.org.
- 158 LOEFFLER, *Fundamentação da Ciência Espírita*, p. 274.
- 159 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 160 KARDEC, *A Gênese*, p. 40.
- 161 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341.
- 162 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 274.
- 163 Termo usado com base nas considerações do prof. Astolfo Olegário de O. Filho, diretor de Redação de O

Consolador e editor do jornal *O Imortal*, disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/ano5/209/questoesvernaculas.html>

- 164 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 32-33.
- 165 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 34.
- 166 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 108.
- 167 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 116.
- 168 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 392.
- 169 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 478-479.
- 170 FIORE, *Possessão*, p. 15.